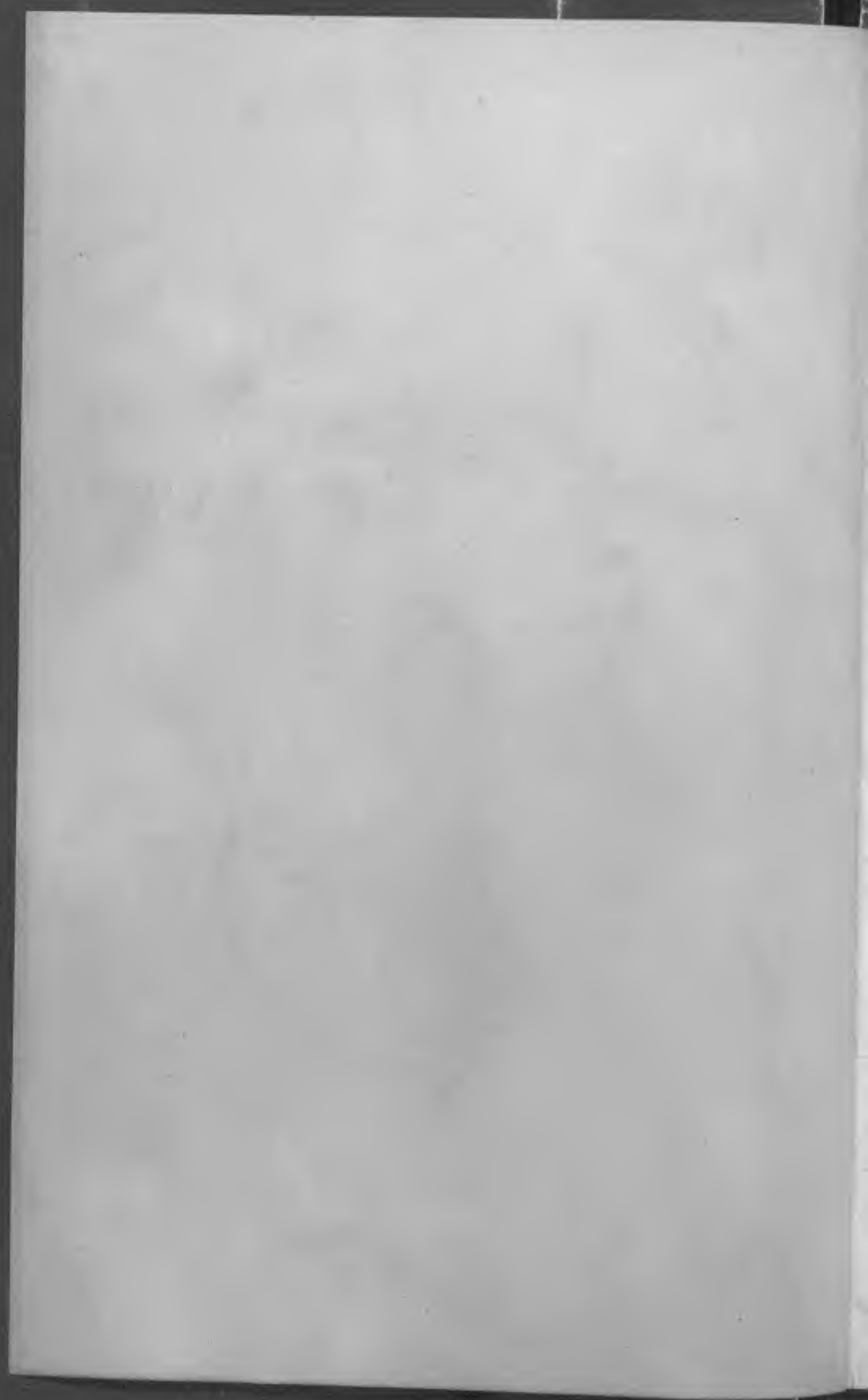






O PAI DE RUI







Dr. João José Barbosa de Oliveira.

ORDIVAL CASSIANO GOMES

Dr. João José Barbosa de Oliveira



CASA DE RUI BARBOSA
1949

10MB0008637



CATÁLOGO 008638

O ENSINO MÉDICO NA BAHIA

A invasão de Portugal, em 1807, pelas hostes napoleônicas, traçaria novos rumos aos destinos do Brasil. O Imperador dos franceses, sem o saber e sem o desejar, seria um dos principais fautores da nossa emancipação política. E, lançando às plagas da América, a Rainha e o Príncipe Regente de Portugal, deu sentido monárquico à nossa independência, sem o que, acreditamos, seria quase impossível a unidade nacional.

Portugal, impotente para resistir à invasão comandada pelo General Junot, capitula após uma resistência mais simbólica do que real.

É no alvoroço de derrotas sucessivas, no atropelo da invasão e em meio da confusão reinante, que transmigra para o Brasil a família real. Eram 15.000 pessoas embarcadas para a América. Mudava-se uma nação! Perdera-se o velho reino, mas salvara-se a dinastia.

Foi êsse, sem dúvida, um momento decisivo nos destinos do nosso país. Naquela esquadra numerosa, que partia do Tejo, protegida pelos canhões de Sua Majestade Britânica, vinha o homem que prepararia material e espiritualmente a independência do Brasil.

A parte da frota em que viajava o Príncipe Regente, aporta à Bahia a 22 de janeiro de 1808. A velha cidade, em plena fase de prosperidade econômica, vê, pela primeira vez em sua longa história, figuras reinantes, que se acolhiam sob os serenos céus do Brasil. É durante a curta estada de D. João na cidade predestinada que se lançam as bases da nacionalidade, pois se praticam atos e se lavram decretos transformadores da fisionomia da Colônia.

Apontemos um desses atos: a criação do Colégio Médico-Cirúrgico da Bahia, inspirada pelo pernambucano José Correia Picanço, completada, mais tarde, com a fundação do Colégio do Rio de Janeiro.

Cheios de incertezas seriam os primeiros anos de vida daquela novel instituição. Podemos, porém, afirmar, que a criação do instituto baiano representa um ato decisivo e de grandes conseqüências para o desenvolvimento científico do país, sendo pois o núcleo inicial de formar médicos e primeiro centro brasileiro de estudos de medicina.

A criação dos dois institutos citados, embora a princípio sem a necessária autonomia, — pois dependentes de Coimbra no tocante à expedição de diplomas — veio resolver sérios problemas de ordem cultural e econômica, para a mocidade brasileira. Dêles saíram homens de real e incontestável valor.

que desempenharam importantíssimo papel no Brasil.

A história do nosso ensino médico, gira, pois, em torno dêsses dois institutos, que, apesar da má vontade de certos elementos, resistiram a todos os contratempos, e sobreviveram, graças à pertinácia de brasileiros ilustres. É certo que, a princípio, o ensino, nêles ministrado, era rudimentar, deficiente; talvez mesmo tivessem sido criados a título provisório, para enquanto perdurassem as perturbações políticas na Europa. Mas com o correr dos anos, os dois colégios, modestos e quase desamparados, crescem, desenvolvem-se e se impõem, principalmente depois da reforma de 1813, reforma essa que se completou pelo Decreto de 9 de setembro de 1826.

O ato regencial, de 3 de outubro de 1832, transformando as duas academias em Faculdades de Medicina, incorpora, definitivamente, o Brasil, no movimento científico da época.

Na formação de uma elite médica, foi pois notável o papel desempenhado, na Bahia, pelo instituto fundado por D. João. Gerações e gerações que ilustraram não só a Bahia como o Brasil, ali se diplomaram, e não nos devemos esquecer do papel que o antigo Colégio Médico Cirúrgico desempenhou em benefício da unidade nacional, aglutinando homens de várias províncias brasileiras. Por sob as abóbadas do antigo Colégio dos Jesuítas passaram muitos estudantes pobres, porém de talento, e que assim puderam conquistar cultura superior e um título a lhes facilitar ascensão social, num meio ainda pobre de elites. E quantos outros, então, sem meios de seguir,

em Recife, no Rio de Janeiro, ou em São Paulo, curso de sua predileção, tiveram de procurar o antigo colégio cirúrgico do Terreiro de Jesus, a fim de alcançarem diploma e terem, diante de si, horizontes mais amplos. Houve um desvio de vocações que, se afastando da filosofia, dos estudos de filologia, das subtilezas do Direito, das ciências matemáticas, cursaram então a Faculdade de Medicina, para, depois de diplomados, mourejarem na vida política, egressos do templo de Esculápio. Na política, entretanto, os dissabores, as ingratidões, as intransigências dos correligionários, as deformações de caráter e a precariedade econômica. Dias de amarguras, de desilusões, e a perda irremediável de planos maduramente idealizados. Mas a Medicina definitivamente esquecida com os anos da mocidade.

II

OS PRIMEIROS ANOS

NA cidade do Salvador, capital da então Província da Bahia, nasceu a dois de julho de 1818 João José Barbosa de Oliveira, pai do grande Rui Barbosa.

Foi Antônio Barbosa de Oliveira, natural da cidade do Pôrto, o fundador, na Bahia, da família Barbosa de Oliveira.

Sargento-mór de Ordenanças, viveu tranquilamente, sem nunca se envolver nas complicações políticas da terra. Era homem prático, realista, trabalhador, e, ao morrer em 1784, "legou aos dez filhos bom cabedal e um cartório de tabelião."

Sendo de descendência ilustre, trouxera para a terra baiana o seu brasão. "As armas da família, lembrando o feito de um Barbosa, que em combate submetera sôzinho três galeras mouras, gravavam-se em campo de prata sua banda azul, carregada de três crescentes de ouro entre leões batalhantes." (Luís Viana Filho).

O seu oitavo filho, Rodrigo Antônio, casa-se com D. Luísa Soares Simas, e falece ainda moço, deixando viúva e filhos em precária situação financeira. A viúva, morando no sobrado do prédio, único bem que deixara o marido, educou, com exíguos recursos, à custa do aluguel do andar térreo, os filhos.

Põe tôdas as esperanças no primogênito, João José, que destina ao comércio, para, substituindo o pai, melhorar a situação da família pobre e numerosa.

O rapaz tinha, porém, outras ambições. Inteligente, aplicado aos estudos e bastante orgulhoso, gostava, por sua vez, de frequentar o júri, admirando a oratória dos advogados, e outro pendor seu era pelo comentário aos acontecimentos políticos. Eram-lhe familiares, desde êsse tempo, as leituras francesas, principalmente o catecismo da época, *O Contrato Social*, de Rousseau; e pelo cérebro do adolescente andava a idéia de diplomar-se em Direito, e voltar para a sua terra, onde montaria escritório de advogado.

O cérebro dos moços é povoado de quimeras, e João José Barbosa de Oliveira já se via com banca de advogado, ou vestido na toga de juiz, mas respeitado e acatado de todos. Os seus parentes ricos o estimulavam dizendo o país necessitar, realmente, de bacharéis, legisladores, juizes. E a carreira jurídica era, na época, a que proporcionava a maior ascensão social.

A mocidade, na maioria, acorre a Pernambuco e São Paulo, onde havia faculdades de Direito, que ela prefere às escolas de medicina, existentes na

AS PRISÕES DO PAÍZ,
E
O SYSTEMA PENITENCIAL,
OU
HYGIENE PENAL.

THESE

APRESENTADA, E SUSTENTADA

PERANTE

A FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA,

EM 11 DE DEZEMBRO DE 1843,

POR

João José Barboza d'Oliveira,

NATURAL DA CIDADE DA BAHIA, E N'ELLA BIBLIOTHECARIO E CONSELHEIRO DA SOCIEDADE
DA B. C. PORTUGUEZA, E SOCIO D'OUTRAS.

Ego viro, quod et mihi et tibi possit prodesse
scribam, Seneca, Ep. 21.
..... afflicta i poveri prigioni sorridano an-
e b'ensi. Silvio Pellico, Le Misa Prigioni Cap. 36.
The drying up a single tear has more
off honest fame, than shedding seas of gore,
Lord Byron—D. Juan, Cant. 6, St. 2.



BAHIA.

TYPOGRAPHIA DE L. A. PORTELLA E COMPANHIA.

Rua de Campellas, casa n. 42.

1843.

Fôlha de rosto da tese de doutoramento de João Barbosa.

(Exemplar da biblioteca da Casa de Rui Barbosa).



Bahia e Rio de Janeiro. O curso jurídico atraía a quem almejassem posição política.

E o baiano daquela época, vivendo em uma sociedade formada na província onde se instalou, primeiramente, o governo, no Brasil, sentia-se atraído pelas questões do governo e da justiça, conhecidas dêle, e pelas quais se interessava mais.

É por isso que, tendo em sua terra uma Faculdade Médica, êle ia, em grandes levadas de moços, para as Faculdades de Direito, fora da província. Os filhos dos opulentos, dos fazendeiros, dos senhores de engenho, buscavam em Olinda e São Paulo o diploma de bacharel. Ficavam estudando medicina, na Bahia, os rapazes pobres, da pequena burguesia. A medicina era uma profissão de gente mediana e ambições comedidas. Raros os que vinham do opulento Recôncavo açucareiro para cursarem a Faculdade do Terreiro de Jesus, e poucos os que, vindo dali, foram médicos de renome.

Assim, pois, vivendo numa terra onde os homens, desde a Colônia, estavam acostumados às pendências jurídicas e a um fôro movimentado, onde se faziam ouvir as vozes de grandes oradores; habituado ao movimento sempre crescente de um pórtio de grande comércio, onde o advogado podia esperar rendosos proventos; e, sobretudo, pressentindo um futuro político que aguardava o bacharel inteligente e culto: João Barbosa, procurando ignorar as duras condições financeiras da família, fazia o propósito firme de seguir para Olinda e estudar Direito.

Os parentes abastados aplaudiram o moço, mesmo porque, por orgulho de gente rica, a fazer diferença de classes, tinham êles prevenção contra a

carreira de médico, em geral abraçada por uma classe meã e que consideravam subalterna.

Mas a falta de recursos era premente e a mãe viúva, sem meios para satisfazer a vocação do rapaz, assistia silenciosa e comovida aos primeiros êxitos do filho nos estudos secundários, aguardando, porém, o momento de lhe falar francamente sem, assim, desanimá-lo antes do tempo.

Sem o esteio de que se valeu durante tôda a existência, e que êle teve no primo Conselheiro Albino José Barbosa de Oliveira, cuja bondade foi uma arca sempre aberta às aspirações, aos desejos e às necessidades do parente idealista, talvez nem mesmo João Barbosa tivesse terminado os estudos secundários.

O inteligente moço baiano era apegado aos livros, e até mesmo obstinado, o que o salvou do comércio e lhe deu um título de doutor, fugindo assim a uma profissão que o traria prêso, passando os dias escravo, esterilizando o espírito no conta-corrente monótono de uma firma comercial.

Em 1835, dois anos antes de entrar para a Faculdade de Medicina, escrevia ao seu primo Albino uma carta, que é bem o espelho do estado de alma de um grande orgulhoso, e na qual, entretanto, sopitando a altivez, dirige-se ao parente e protetor pedindo alguns objetos de uso pessoal, de que estava necessitado, mas sem posses para adquiri-los. Se tivesse abraçado o comércio, teria tido facilmente com que adquirir aquilo de que necessitasse, e manter a mãe e os irmãos. Porém, êsse drama em que a sua vocação se chocava com as dificuldades do sustento da família e seu, foi tôda a sua vida.

Albino José Barbosa de Oliveira acompanhava aquêlê esforço tenaz de João José Barbosa em estudar, esforço penoso a cada passo, contra a pobreza e dificuldade a se estamparem em uma carta como a seguinte, em que aflora a simplicidade da alma de moço:

Bahia, 5 de maio de 1835.

Primo: Aproveito a ocasião para pedir-lhe que me mande uma calça das chamadas vulgarmente de "guardar sujo", porque estou necessitadíssimo de uma e hoje mesmo que lhe escrevo não vou ao estudo por me faltar calça e assim não deixe, eu peço, de mandar ordem para comprar uma.

Indague V. mesmo do Henrique se os estudantes têm ou não necessidade d'um *Gradus ad Parnassu*, a fim de mandar ordem também para se me dar êsse livro.

Soube do Lente, que V. lhe havia mandado pedir informações da minha conduta literária; e exultei de gôsto quando soube que esta tinha sido bastante gloriosa para mim; mas minha alegria não procedeu da validade, sim do gôsto que tenho em lhe pagar êsses benefícios com desmedida aplicação nos estudos, do qual pretendo sair êste ano, que o Henrique me prometeu assim se eu continuasse com assiduidade.

Se lhe é possível mande dar-me duas jaquetas, que não tenho nem uma.

Mande dizer-me quando quer que frequente francês. Desejo-lhe saúde e felicidade.

Seu primo obrº e C. p. C.

João José Barbosa de Oliveira (*)

Um moço que não tinha calças nem jaqueta para sair de casa e sem livros para estudar, um órfão de

(*) CONSELHEIRO ALBINO JOSÉ BARBOSA DE OLIVEIRA. — *Memórias de um Magistrado do Império* (Revistas e anotadas por Américo Jacobina Lacombe) — Coleção Brasileira — 1943 — pgs. 177-178.

pai atirado no seio de uma irmandade de oito irmãos, cuja mãe não tinha meios suficientes para educá-los, mas ensimesmado no orgulho de estudar para desbravar caminho, encontrava pois um parente amigo, humano, que "sempre acompanhou com o mais vivo interesse o curso do seu parente, auxiliando-o quanto podia", e que, como lembra Américo Jacobina Lacombe, "fê-lo sempre com o maior tacto, de modo a não ofender a susceptibilidade do jovem, cõscio do seu justo valor."

O Conselheiro Albino foi grande psicólogo nessa sua bondade. Penetrou profundamente na alma da criatura de temperamento irritadiço, agravado pelas condições de vida, como foi e seria o pai de Rui Barbosa.

Terminados os estudos secundários, em 1836, prepara-se o jovem para seguir a carreira jurídica, quando sua mãe lhe fala, com o coração apertado, que os parcos haveres não chegavam para o mandar a Olinda, estudar Direito. Talvez lhe fizesse sentir que não devia abusar da generosidade do primo prestimoso, socorrendo a êle para as grandes despesas com o estudo fora da Bahia. Esta era a dura realidade que só agora João Barbosa era obrigado a reconhecer em tôda a extensão!

A mãe é que pondera que se quisesse ser doutor, o poderia ser em Medicina. Na Bahia estava a velha Faculdade de Medicina, que êle podia cursar. E João José resolveu, então que seria médico, contra a sua vontade, e sem vocação.

Imaginemos a sua angústia, vendo esboroarem-se os seus projetos, as suas ambições, os seus sonhos de moço! O seu espírito jamais se afeiçoaria ao silên-

cio dos laboratórios, à monotonia das enfermarias, ao desagradável dissecar de cadáveres, à atmosfera confinada de um anfiteatro anatômico. Ele nascera para orador, para a vida ao ar livre, para filólogo, historiador, advogado, jornalista, para brilhar diante dos grandes espetáculos dos auditórios políticos, sonhava com os comícios, e com o quadro amplo do panorama nacional, sobre o qual traçar, no parlamento, os destinos da pátria. Nascera para ser um polemista, um agitador de idéias; mas nunca para a ingrata, difícil e silenciosa profissão de médico. Sentia agora que o pobre não tem direito de traçar o seu destino e de seguir os seus pendores naturais. Seria, pois, médico. Mas um revoltado, e um revoltado por toda a vida. Os dias nunca lhe correram felizes, porque foi sempre um insatisfeito. Daí o acentuar-se, num temperamento por natureza nervoso, a impulsividade, a irritabilidade, que lhe marcaram a existência. Foi sempre um recalcado.

2

III

O ESTUDANTE DE MEDICINA

SEM entusiasmo, pois, matricula-se João José Barbosa de Oliveira, em 1837, na Faculdade de Medicina, conforme se lê nos *Arquivos da Faculdade de Medicina da Bahia — ano de 1919-1920*.

No ano seguinte o nome de João Barbosa não figura, como era de esperar, entre os alunos matriculados na segunda série do curso. É que o jovem acadêmico, arrastado pelas idéias revolucionárias pregadas pelos liberais da terra, aderira e tomara parte ativa no movimento subversivo irrompido na capital da província, na manhã de 7 de novembro de 1837, e andava às voltas com a justiça imperial.

O temperamento irrequieto do rapaz e, sobretudo, a atitude impressionante de Sabino Vieira, empolgaram-no mais do que as áridas matérias do primeiro ano médico. Começava mal. Há de fato antagonismo entre o espírito meticoloso, e paciente da medicina e a paixão arrebatada da política. O espírito político audacioso do rapaz, desde essa época o incompatibi-

lizava com o exercício de uma profissão que requer ponderação, serenidade de espírito, isenção, pois o médico, para bem da arte e da ciência, deve manter-se equidistante de tudo, até mesmo dos partidos políticos. Não queremos dizer, com isto, que o médico deva se manter indiferente aos destinos da pátria; porém a sua intromissão na luta partidária, acarretando inimizades, o afasta da conduta que ele deve manter em sociedade. A medicina é amor fraterno aos homens; a política, quase sempre, é desunião, é ódio semeado entre eles.

Isso já fazia sentir José Lino Coutinho, médico de profundo saber, famoso professor da Faculdade de Medicina da Bahia, parlamentar e político de raro valor, quando, no último ano de sua agitada existência, escrevia para a posteridade palavras que são uma advertência e um conselho:

“Servi a humanidade; enquanto só fui médico, vivi satisfeito, abastado, com a estima e o conceito de todos. Servi o povo entregando-me à causa pública e, depois de um estádio espinhado de inquietações e desgostos, morro pobre e sem o amor e as lágrimas de todos os que foram meus amigos. Não me arrependo, porque servi ao meu país, e não obrei por ambição de luxo ou de agradar os homens; mas quem dos meus colegas, iludidos por vários encantos, quiser entregar-se à vida pública, com esperança de melhor sorte, deve lembrar-se de mim e ler no meu o seu destino.”

Essas palavras, escritas em 1836 pelo espírito amargurado do eminente brasileiro, não obstaram que ontem, hoje e sempre, médicos desertem da profissão, atraídos pelos ouropéis da política.

O próprio chefe da revolta, Dr. Francisco Alvares Sabino da Rocha Vieira, grande médico e ótimo cirurgião, foi vítima da política. O seu perfil está magnificamente esboçado por Luís Viana Filho, em *A Sabinada*. Era êle personalidade interessante e complexa. Lente de cirurgia, e, no seu tempo, um dos mais afamados cirurgiões da Bahia, com vasto cabedal de conhecimentos médicos e filosóficos, leitor assíduo de Voltaire, Rousseau e dos enciclopedistas. Mas, na verdade, um produto do meio e da época, e das tendências mais díspares da humanidade.

Depois de sabermos das suas qualidades, aquelas que somente o estudo apura, convém também saber que Sabino Vieira, como escreve Luís Viana Filho, "era um exaltado, um grande exaltado... Impulsivo, incapaz de sopitar os seus sentimentos, as suas arrancadas vão quase sempre ao extremo."

Pela sua cultura, pela posição social, pelo prestígio que lhe grangeara a clínica numerosa e popular, era o homem com uma influência social para atizar a revolta que trouxe, em seu bojo, as mais avançadas idéias liberais.

Este movimento revolucionário dividiu a família Barbosa de Oliveira. Alguns membros aderiram a Sabino; outros, mantiveram-se alheios; outros, então, combateram-no com denodo. João Barbosa estava numa família para tomar partido; tomaria o que estava mais de acôrdo com êle.

O mais ardoroso adversário da Sabinada foi o então juiz de Caravelas, Albino José Barbosa de Oliveira, que se declarara contra a revolta, tomando naquela cidade medidas drásticas a fim de evitar a sua propagação na comarca.

João Barbosa e outros parentes, pelo contrário, integraram-se completamente nas hostes da bernarda. O futuro médico, jovem que ainda não completara vinte anos, aderiu ao movimento, e foi oficial de gabinete do Ministro da Justiça da mal sucedida república. Dominada a revolução, João Barbosa é prêso, submetido a processo, mas absolvido. A aventura revolucionária não "agradou aos parentes, fiéis ao trono, entre os quais o seu primo, Juiz Albino José Barbosa de Oliveira, homem honesto e bom, que o auxiliava nos estudos, e aspirava tornar-se o patriarca da família." (Luís Viana Filho)

Voltou João José Barbosa de Oliveira à Faculdade. Mas o insucesso da revolução marcara ainda mais a sua alma de revoltado. O sonho de ascensão, de que despertara rápido, teve de deixar de viver nêle, mais uma vez. O esforço perdido, e mais um recalque, é mais uma forma de desilusão.

Retornando êle aos estudos, (isto em 1839) frequenta o segundo ano do curso médico e daí, sem interrupção, dedica-se ao estudo até formar-se. O seu curso médico foi brilhante, feito com *plenamente e distinção*. Quer dizer sem *r* algum, visto que o *simplesmente*, isto é, o *simpliciter* também se representava por um *r*, porém minúsculo. O *R* maiúsculo é que convinha ao reprovado.

Enquanto fazia o curso médico, em que foi ótimo estudante, era também "considerado insigne literato e grande filólogo". Parece que, não obstante estudar medicina, nenhuma atividade exerceu, quer na Faculdade quer na Santa Casa: entretanto foi bibliotecário e conselheiro da Biblioteca Clássica Portuguesa e de outras sociedades literárias, pondo

contudo a sua pena brilhante a serviço da Faculdade, contra certas medidas centralizadoras que ameaçavam a liberdade do ensino na província; mas isto fazia na qualidade de polemista.

Em sua tese de doutoramento, em lugar de assinalar as atividades técnicas durante o curso médico, João Barbosa menciona títulos literários, e, se assim o fez, é porque, de fato, não frequentara nenhum dos poucos serviços clínicos da cidade. Acreditamos, pois, que cumpriu, estritamente, os seus deveres escolares. Inteligente, dotado de boa memória, limitou-se, nas cadeiras eminentemente técnicas, a estudar para fazer bons exames. A atenção junto ao doente, o desejo e o afã que todos os estudantes manifestam em frequentar enfermarias, examinar, receitar e tratar dos enfermos, não entrava nas cogitações do estudante João Barbosa. Foi êle indiferente, pois, a essas atividades, logo, indiferente à Medicina.

Em 1843, quando se preparava para terminar o curso, escreve, novamente, ao primo e protetor, uma carta datada de 25 de agosto, que é uma espécie de relatório de sua situação financeira. Nela assinala, honestamente, os gastos, faz projetos para o futuro e promete não mais incomodar o parente, que sempre o auxiliou. A carta é longa, cheia de algarismos, de contas, de escrúpulos, e de novos pedidos, amparando-se êle em promessa feita pelo primo em março desse ano: "Far-lhe-ei o bem que de mim exige... não já; mas daqui a poucos meses..." A demora do auxílio, porém, angustiava João Barbosa, pois eram grandes suas dificuldades financeiras. Dai, pois, o novo apêlo. O primo e protetor, que fôra inicial-

mente contra a sua entrada para a Faculdade de Medicina, e que sempre nêle procurara incutir "vivos preconceitos contra a profissão de médico", que julgava indigna de um Barbosa de Oliveira, nunca deixou de atender aos pedidos de João Barbosa, de cuja palavra jamais duvidara. Nessa ocasião, ao vê-lo concluir o curso médico, no qual se distinguira pelo esforço e pelo estudo, não o iria abandonar.

A TESE DE DOUTORADO

A

11 de dezembro de 1843, João José Barbosa de Oliveira, perante a Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia, defendia tese de doutoramento, intitulada: *As Prisões do País, e o Sistema Penitenciário ou Higiene Penal*.

O antigo secretário do Ministério do Interior da mangrada República Baiense, não escolhera assunto de clínica, de cirurgia, de obstetrícia, com que demonstrasse qualidades de clínico, cirurgião ou parteiro. Pelo contrário, fôra justamente buscar o que tanto é estudado em Direito como em Medicina, e constitui, mais propriamente, assunto de jurista que de médico. Mas é o que tinha afinidade com o homem que êle era, com a vida que levava.

Apesar de ser ambíguo o tema escolhido, soube o nosso doutorando estudá-lo à luz das ciências médicas, e também das ciências jurídicas, demonstrando possuir grandes conhecimentos e boas leituras. Sejam justos: soube encarar o assunto de maneira

inteiramente nova, e isto sob o ponto de vista científico.

No longínquo ano de 1843, já apontava êle, em uma Província do Brasil, o que hoje chamamos Medicina Social, traçando, com mãos de mestre, um dos primeiros capítulos de sério problema sôbre a higiene espiritual e material dos sentenciados. Simples doutorando, avançava idéias e conceitos ainda não de todo assimilados em nosso meio, defendendo-os com o entusiasmo de moço, e fé própria de um idealista e consciência do assunto peculiar a um especialista consumado. É trabalho digno de ser lido. Ainda hoje, apesar de escrito há mais de um século, quando tais assuntos já de fato não mais são novidade em nosso meio, vale a sua leitura, para que fixemos uma data na história da medicina.

Esta tese, escreve Afrânio Peixoto, é "um mimo de forma literária, genuína e castiça na linguagem, servindo à substância mais perfeita, em ciência de higiene e de moral." E não exagerava o saudoso higienista brasileiro, quando assim apreciava o trabalho do doutorando baiano. Sentimos pois através desse trabalho de estréia, que João José Barbosa de Oliveira, sem ter vocação para a carreira, procurou honestamente integrar-se na medicina. Prestou-lhe um culto. Desvendou-lhe honestamente um dos aspectos. Lamentamos quem tão brilhantemente estreava nas ciências médicas com a tese de doutoramento que defendia, não levasse, até o fim, o entusiasmo pela carreira que abraçava. Acreditamos que nunca tivera amado a sua arte; mas assim mesmo tentou, por diversas vezes, exercer a profissão, e diversas vezes a sorte lhe foi adversa. Nunca

seria um cirurgião como Antônio José Alves; nem parteiro, nem pediatra, como o foram grandes nomes da Bahia. Talvez, se persistisse, chegasse a clínico de renome, com clientela numerosa. Faltou-lhe, entretanto, persistência. Outro defeito seu. A vida emotiva de jornalista, a política, e mesmo os pequenos tropeços que há em toda carreira, transformados, na sua alma de criatura nervosa e orgulhosa, em catástrofes, arrancaram-no definitivamente da profissão, incapaz que era de um trabalho silencioso e continuado como é o do médico.

O seu defeito estava pois na falta de persistência. Não foi constante e era arrebatado. O arrebatamento sacrificou tudo que havia nele.

Afrânio Peixoto que era um espírito fino, que compreendeu tão bem a tese de João Barbosa, e que por sua vez tomou a si o tema dessa tese, fazendo-o o tema de sua vida de cientista, levou avante esse novo sentido das ciências médicas que João Barbosa traçou. Afrânio, emocionado é que encontra naquela tese, esquecida, atirada ao passado, o que ele pensou e fez sua profissão de fé. É com estremoso carinho que lhe retoma o pensamento, a coincidir com o seu. Revê, no sentido das palavras do velho escrito, a inspiração sua, a novidade do seu pensamento, e isso então ele fez com fervor, com a surpresa, com o enternecimento de quem acha algo de muito caro, perdido, esquecido, e a tentar, num grande esforço, falar aos homens, manifestar-se.

Nessa tese já surge João José Barbosa de Oliveira tal como seria por temperamento — polemista, homem de dialética poderosa. Esse trabalho, impecavelmente escrito, e no qual demonstra vastos conhe-

cimentos de Higiene, de Medicina Legal, de História e de Filosofia médicas, é o espelho do seu temperamento. É por vêzes arrazoado de advogado que defende os direitos do médico, a autoridade da Igreja diante do desenvolvimento da medicina, os direitos dos detentos em possuírem melhor tratamento espiritual e material. É um punhado de direitos proclamados. E é um ataque, embora velado, às autoridades do país, quase indiferentes à sorte dos infelizes, lançados em prisões infectas, sem ar, sem conforto, sem higiene. E aquêle que se doutorou médico por destino, e que melhor é que fôra bacharel como convinha ao seu temperamento, escolhe, para versar medicina, um assunto que casava com a sua vocação reprimida.

Na primeira página da tese encontramos, logo de início, uma dedicatória à sua Mãe; a seguir, o prometido oferecimento aos primos Luís Antônio Barbosa de Oliveira e Albino José Barbosa de Oliveira. E uma epígrafe tirada de *Orlando Furioso*, de Ariosto.

Em carta de 25 de agosto de 1843, dirigida ao primo Albino, João Barbosa escreve: "O seu nome aparecerá, na tese, como o de um de meus poucos parentes que têm feito favores, para nunca serem esquecidos."

Seguem-se dedicatórias a parentes, amigos, colegas e aos professores, José Vieira de Faria Aragão Ataliba e Manoel Ladislau Aranha Dantas.

As suas primeiras palavras no curioso escrito, são estas:

Ciência de muitas promessas e feitos, e santa e formosíssima é a medicina: ao pé

dos risos do berço, no meio do banquete adiantado da existência, à cabeceira do leito da morte: por entre os esponsais, ou junto do celibato: no centro da Cidade gafa, ou da Cidadela guerreada: ao assentar de um ali-cerce cidadão ou doméstico: ao levantar da tenda do guerreiro: rodeando um trono ou penetrando na cabana, festejando o rir con-valescente do pobre, ou gemendo a aflição mórbida do rico: no mar, na terra, na paz, no batalhar: ao sol, à chuva, à luz do dia, ao relento da noite, no soalheiro da praça, no conchêgo da casa: na pedra do altar, no chão do cemitério: lá no campanário da torre ou cá na loisa da sepultura: na liberdade e na escravidão: no pretório, no júri, e no parlamento e nos comícios, cêrca das pompas do culto, ou derredor das devassidões do lupanar: alfim onde virdes homem ou cousa do homem que tenha o menor dever com a saúde pública ou particular, lá deparareis com êsse homem que sabe o sêgrêdo das famílias, (*) êsse homem que encurta seus dias prolongando o dos outros, (**) por tôda a

(*) La médecine est comme le sacerdoce; les devoirs qu'elle impose sont sacrés, quelquefois même implacables. D'un mot vous pouvez retirer un ami d'un precipice et vous ne pouvez le dire par ce qu'il y a deux hommes en vous, l'homme du monde et le médecin; le médecin au quel on ne songe pas même à demander ce secret, tant il est naturel; au quel la mère raconte des choses à deshonorar dix fois sa fille, et sans crainte, sans hésitation, avec confiance, parce que cet homme peut la guerir, lui rendre la vie, la santé; le médecin, enfin, au quel un homme criminel et fugitif vient montrer ses blessures, sans prendre le soin de lui en cacher les causes, sans concevoir même la pensée qu'il puisse être trahi. Honneur à la profession qu'inspire une telle confiance; mais aussi, honte et reprobation, et devant Dieu et devant les hommes, pour ceux qui la trahissent! — Jurisprudence de la médecine, de la chirurgie, et de la pharmacie en France, &c &c. par Adolphe Trébuchet, avocat.

(**) A profissão do médico é de tôdas aquela em que o termo médio da vida é menor. Esse termo médio, para os demais homens, na Europa está hoje aumentado

parte êsse homem, como um olho da Providência, como umas mãos de Deus, como um símbolo da religião que é o sacerdócio.

Sim o deparareis; porque abraçando em seu mister a humanidade em tôdas as suas fazes, na grandeza ou na miséria, política e social, a medicina se havia de estar a profetar, e logo a aconselhar e prevenir; depois, na hora do cumprimento das profecias, a curar, a guarecer, a remediar, ou ao menos a aliviar ou consolar: (***) assim que onde a não encontrardes, havei a êsse país, a êsse povo por desamparado lá de cima: — não teve do Céu o sinal da aliança, há de morrer como o que não é aliado do Senhor, como o bárbaro.

Uma página eloqüente. Uma eloqüência haurida na linguagem untuosa do púlpito. Não é linguagem para êle. Mas da época.

A seguir, mostra a função do médico como companheiro, guia, conselheiro, higienista, orientador da construção de cidades, de hospitais, igrejas, cárceres, e como homem indispensável na defesa da saúde pública, na educação do povo; e até fala na localização e vigilância do meretrício, e isto "por amor dos bons costumes".

Estaria o doutorando insinuando aos poderes públicos a necessidade de exames médicos, e da localização das meretrizes, em zonas determinadas? A resposta é difícil, mas aí ficou assinalado algo do

em muitos anos, como o reconhecem Economistas. Vid. quanto à primeira afirmação, a pág. 235 do tom. 19 dos — Annales d'Hygiène publique; — e quanto a segunda, aí mesmo pág. 234, e no tom. 15 pág. 87 em diante: — De l'influence des conditions physiques et morales sur la longévité — par le Dr. Smith.

(***) FRED. BERARD. tem esta bela definição da medicina: — *une science qui guérit quelque fois, soulage souvent, et console toujours.*

assunto que é tema da higiene de hoje. É provável que àquele cérebro voltado para as idéias adiantadas, já chegasse algo do que, timidamente, se ensaiava na Europa.

Depois de considerações de ordem geral, entra o autor da tese a fazer rápida excursão aos domínios da História da Medicina. Estuda a evolução das ciências médicas e, em estilo pomposo, discorre, reportando-se aos tempos mais remotos, ressaltando, porém, sempre, o papel da Igreja, como patrocinadora e nobilitadora do ensino da arte de curar.

Escreve êle que "Platão, em seu *Górgias*, põe-na antes do comércio, porque sabe-a justamente honradíssima nos mais remotos tempos. Por isso é que antes dos *Periodeutas* ou médicos errantes, até a 52.^a Olimpíada, foi a medicina exercida nos templos gregos; que havida por mui distinta, era monopólio de certas famílias, as quais aí como no Egito e Índia, por tradição misteriosa e oral, a transmitiam, como legado sagrado, os pais aos filhos; assim lá o homem do templo fenício ou chim, e entre os de Roma, até cá os truões da América, *shamans* da Sibéria, ou *iman* muçulmano, se encontra com as vestes dos sacerdotes, assentada no Templo, depositando remédio".

"O Cristianismo", continua o doutorando, "que enobreceu em tudo o que é o homem, porque sabe a verdadeira filosofia, também a agasalhou em seu seio, quando tôda instrução estava depositada nos conventos, entre o clero (essa ordem tão caluniada por quem não lê a história) êles a cultivaram tôda e depois sômente o ramo da medicina interna como lhe chama Lordat, em virtude de ser declarado em Concílio: *Ecclêsia abhorret a sanguine*. Os Papas

que criaram tôdas as Universidades e instituíram portanto os médicos, patrocinaram-nas."

Nessa página certa diretriz. Ele como que partindo da antigüidade remota da Grécia procura chegar à Igreja. Nisto não se pode negar uma certa formação de pensamento. E um pensamento de forma religiosa, que João Barbosa procurou, por conta própria, elevar.

Um Papa, lembra João Barbosa, permitiu a Montpellier, em 1376 e a Tubingen, em 1482, dissecar cadáveres humanos; e no século 4.^o, Santo Eusébio, pontífice, foi médico; no 13.^o, João XXI; e Nicoláu V e talvez Paulo II, no 15.^o século.

O moço balano, ou não possuindo bibliografia sôbre êsse assunto ou talvez não querendo alongar-se na Prefação do seu trabalho, deixou de citar nomes ilustres de sacerdotes que foram médicos de valor. Os que citou, porém, já são suficientes para demonstrar que o doutorando conhecia a história da Medicina, sabia interpretar a arte médica à luz dos conhecimentos de cada época e o fazia com espírito crítico. Não se deixou envolver pelos tendenciosos, a lançarem falsos conceitos e a deturparem a verdade, negando o relevantíssimo papel desempenhado pela Igreja Católica, como guia e propulsora dos estudos médicos. Esqueciam-se êsses detratores de que, sem a Ordem de São Bento, no Convento de Monte Cassino, célula mãe da Escola de Salerno, talvez tivessem desaparecido para sempre, no torvelinho das lutas do início da Idade Média, as obras primas da medicina greco-romana. O doutorando de 1843, "falando com a História na mão", lembrava aos seus contemporâneos o papel formidável dos padres, mon-

nha, do arrebol da manhã á postura do Sol, á cerrada da noite, á trabalhar, á ler, e á meditar fundo, onde não lhe fallece o ar, a luz e o pão, mas onde não vê sempre, como o suspira o solitário, o objecto das affeições queridas, que lá se ficou das portas da prisão afóra: dentro no homem a mente a avoejar, como a ave das coisas sinistras, por cima do chão do crime e do sangue, aonde achará pouso? O coração andarejo per funestíssimos erros, aonde haverá parança?

E da cellasinha em redondo os espectros da solidão á vaguear! e o coitado do captivo que no amargor do amesquinhar não abafe o grito! Oh, antes que caia uma lagrima de arrependimento na urna celeste de diamante, á fé, que o homem d'amargura hade acabar em esforços impotentes; e isso é uma crueldade, que não ha ali lei que sanctifique! Que tem que reservão as vidas na taça espumante do Eterno? A gota que no trashedar cahio cá na terra; essa gota, é orvalho do ceo, com muito amor amemol a. O pobre encarcerado na casa da penitencia tem de suar sangue no seo horto das oliveiras, beber seo calix de amaríssimo amargor (50), carregar sua cruz, e allini descansar no seo calvario; pois, por vida minha, que nem do

(20) Um Communicação do—Commercio—n.º 194 o anno passado com apurado gosto, e felicissima imitação de bons antigos, escreveu—infamissimas infamias—Dois papeis antagonistas sublinharão a bella expressão, e com deixarem de lhe fazer commetario, vê-se comtudo que a censuravão. Não sei eu se erão competentes os críticos, nem me vem sabel-o, porem por não incorrer em censura de quem não lê, justificarei a minha expressão—amaríssimo amargor—

Sá de Miranda poetou :

Nossas ricas riquezas
Em breve se tornarão
Pobres pobrezas.

Damião de Góes, escreveu—antiguissima antigualha—na chronica do Príncipe D. João, pag. 22. Gil Vicente empregou com muita graça—perigosos perigos.— (tom. 1. pag. 185)

Se já não mal-acetito por civa de gosto os exemplos de quando se escrevia um escrever tão chão, tão bello de simples e familiaridade, como já rarissimo se vê hoje por ali alem, ao menos não sera desauthorado o texto dos modernos de apurado discernimento. Pois Antonio Feliciano de Castilho, que, certo, é prosador como o não ha hoje nem em Portugal, quanto mais no Brasil, traz assim no ante-prologo da sua —Primavera—; pag. 10:—aquelle bom livro.... todo imbuido, relete-se-me a expressão, de uma christã e philosophica philosophia...., e na pag. 24: “desconsolada consolação é esta de se poder desaffinar cantando..” E’ suspeito o maior Poeta de Portugal? Pois ali está o escripto politico recente, que lá mesmo appareceo, e que todos lêraõ nas gazetas do Brasil—Ontem, hoje, e amanha—, e nelle se ouo o mesmo *pleo-mano*, que, su me não engano, foi—miserabilissimos miserias—. Tambem é dos castigos, não serre? Então se não abonão os estilos de casa, socorramo-nos nos vindicos: vejamos se os ha. De feito Madrolla na obra—Le Prêtre devant le siècle—tem, na pag. 46: “le malheur le plus commun et le plus mulhereaz, etant moins de nier.... la vertu.... &c.,

E em um livro da loglattera “fiava frowned, laug laughed, nod moan moaned, que o galardo traductor romanceou “carrancas carranendas, risos riveis, e lamentos lamentosos.. E’ lito era nada menos de..... quem? Walter-Scott! (Kenilworth, tom. 1., pag. 178 da versão portug.)

Portanto este engragadissimo e energico modo de dizer não é sã de puristas, é de quem sabe escrever com graça, prosadores e poetas cabes, em toda lingua. Como anda atizada entre na arte da critica! Dar ligoes sem saber.... que ridiculez!



ges e papas da Idade Média, no desenvolvimento dos conhecimentos médicos. A Igreja salvou pois a cultura greco-romana, e, com ela, a medicina antiga. Lembrava ainda João Barbosa que, apesar dos concílios proibirem a dissecação em cadáveres humanos, a Igreja, no entretanto, admitia que os leigos a praticassem nas suas universidades.

Com efeito, criou-se a respeito da declaração de que a Igreja abominava o sangue a lenda a deturpar o sentido moralizador da sentença do Concílio de Latrão e outros. O que se proibiu, foi a prática da cirurgia, e mesmo da medicina, pelos que, sendo sacerdotes, chegavam a sacrificar os deveres sacerdotais aos proventos materiais obtidos com a clínica. É que, como bem assinala Henri Bon, a Igreja sentira a conveniência de ficar a medicina com os leigos, porquanto só a necessidade absoluta, ante a desordem dos primeiros anos da Idade Média, fizera permitir, e assim mesmo com certas restrições, a prática da medicina pelos padres. Esse é, pois, o verdadeiro sentido das decisões tomadas nos Concílios, no caso da prática da medicina. A ignorância da História então explorada pela má fé de fanáticos de uma religião dita reformada e o sectarismo político de historiadores parciais, é que deram sentido errado a uma ordem sábia, justa e moralizadora, responsabilizando-a pelo atraso em que a cirurgia e a anatomia permaneceram por muitos anos. Esqueceram-se porém (e isto João José Barbosa de Oliveira foi um dos primeiros a assinalar em nosso meio) de que foi, precisamente na Idade Média, quando o domínio da Igreja era absoluto e completo, que se iniciaram, oficialmente, nas Universidades, os estudos

sistemáticos de anatomia, e foi em fins do século XIII e princípio do século XIV, que Mondino de Luzzi, professor da Pontifícia Universidade de Bolonha, inaugura, naquela universidade, o ensino de anatomia científica, dissecando, êle mesmo, os cadáveres, perante alunos e curiosos. Se a anatomia e a cirurgia sofreram grande atraso, deve-se êle mais às concepções religiosas de árabes e judeus, do que ao cristianismo.

João José Barbosa de Oliveira, ao focalizar a descoberta da circulação do sangue, escreve :

Por aí corre que a Harvey devemos o descobrimento da circulação do sangue, entretanto os eruditos sabem que um Bispo, Nemésio, da Nemésia, a descobriu desde o 4.^o século, como PORTAL mesmo o reconheceu em a sua *História da Anatomia* (tom. 1, pág. 107); e que vinha já descrita desde o 16.^o em um livro de Canani, primeiro médico do papa Júlio 2.^o, o qual se ordenou de ordens sacras em 1559; e em final a atribuem também a um jesuíta, Fabri. (*)

Isto dizia o doutorando baiano, numa época em que era grande o entusiasmo pelos pensadores contrários à Igreja Católica; assim teve em mira, ao que parece, reivindicar para a Igreja os grandes méritos de pioneira nas ciências e para os clérigos-médicos o valor da descoberta que imortalizou depois o grande britânico. Seria mais exato se, em lugar de escrever "Nemésio a descobriu desde o século 4.^o", tivesse afirmado que Nemésio teve a in-

(*) Sobre este ponto, leia-se o — *Cours d'histoire de la médecine et de bibliographie médicale fait en 1836 par Kühnoltz* — Montp. 1837, e a obra cit. — *Le Prêtre devant le siècle*, pág. 287.

tuição exata da circulação do sangue já no século 4.^o.

O justo desejo de exaltar a Igreja, fez João Barbosa esquecer precursores de Harvey, tais como Fabricio, Servet, Cesalpino, Realdo Colombo, para não citar outros, que, como anatomistas e fisiologistas foram cientistas de grande projeção.

Devemos assinalar, contudo, que ainda hoje se debate a prioridade da descoberta. Mas as suas afirmações não diminuem em nada o valor do seu trabalho. Lança-as êle, em 1843, escorado em historiadores médicos de renome, e são completamente novas em nosso meio, tão pouco dado ao estudo da História da Medicina.

De facto, os padres da Igreja Católica, cedo se preocuparam com a circulação sanguínea; mas a crítica histórica, baseada em moderna documentação, demonstrou que, desde os tempos da Grécia e Alexandria, ou antes mesmo, os médicos já prestavam atenção ao assunto. Porém, sob o ponto de vista experimental, da fisiologia científica, o verdadeiro descobridor da circulação do sangue foi Harvey. Não se nega, em absoluto, o valor dos precursores do genial autor do *Exercitatio Anatomica de Motu Cordis et Sanguinis Circulationes*, cujo trabalho, pelo menos de citação, devia o jovem baiano conhecer; mas a William Harvey se deve a descoberta da circulação do sangue, que só com êle ficou provada.

O doutorando brasileiro, afirmando que Nemésio, no 4.^o século, a descobrira, baseava-se em afirmações de Portal, autor, no momento, da mais completa História da Anatomia. Firmado, pois, no que

lia nos mestres de então, mantinha-se fiel ao que passava como verdade histórica, porque, de facto, no livro de Nemésius, intitulado *Natura Hominis*, há uma passagem em que, até mesmo Portal e alguns outros historiadores julgaram ver a descoberta que imortalizou Harvey. Essa interpretação do trecho de *Natura Hominis* é insustentável.

Foi Daremberg, em 1870, que, com notável espírito crítico, esmiuçou da verdade, destruindo a afirmação de que alguém, antes de Harvey, fizera a descoberta excepcional.

Entretanto, o nacionalismo estreito de certos médicos persiste em negar a precedência da descoberta, como sendo de Harvey; e insistem nisto os italianos que dizem lhes caber a antecendência.

Prosseguindo em considerações diversas, João José Barbosa de Oliveira estuda a origem do anel simbólico usado pelos médicos. Historia o uso. Refere-se aos poetas, filósofos, romancistas e teatrólogos que ridicularizaram a medicina, os médicos, e as suas atitudes, os seus anéis. "Bem está se vendo", conclui o autor, "que não há de ser lá uma crônica de povo ou um motejo de pensador ou poeta que há de trazer do passado a condenação para a ciência de Hipócrates, porque dêste tribunal não vem absolvição para nenhum dos conhecimentos."

Bem documentado é o trecho em que o autor, baseado em códigos antigos, cita e analisa as normas de lei impostas a físicos e a cirurgiões, assim como se detém apreciando a regulamentação do exercício desses dois ramos da arte de curar em diversos países, especialmente em Portugal.

O doutorando de 1843 entra em seguida no assunto de sua predileção, isto é, na filosofia médica. Faz crítica cerrada ao materialismo, e profissão de fé espiritualista. A sua linguagem é áspera, arrebatada, cheia de interpelações, franca e sincera. É a confissão de um homem que crê nas verdades eternas do cristianismo, na doutrina vitalista da Escola de Montpellier, o néo-hipocratismo do início do séc. XIX, e "única doutrina condizente com o espírito da medicina do século." É enfim uma reação contra os que pretendiam criar, na medicina, um homem feito de ossos e órgãos, esquecidos de que, acima da matéria, existe o espírito imortal em que o corpo se integra. As suas palavras são a revolta, o protesto, a descrença no materialismo médico, que tudo fazia por considerar o homem, que é um todo integral, um conjunto de funções distintas, de órgãos que funcionam por si, independentes, formando, ocasionalmente, antes uma confederação que um só Estado, uma unidade superior. Foi, pois, um fervoroso adepto do vitalismo da escola de Montpellier, por encontrar nêle a expressão de uma unidade soberana, que é o indivíduo.

Escrevia João Barbosa em 1843 :

A filosofia da medicina, que a não há sem ela, (*) senão tomar tento consigo, *há-se de* extraviar da senda providencial, que é obrigada a trilhar, por acompanhar o movimento do século; que ciência que se fica no caminho a descambar, é ciência morta; há-se de extraviar, digo, porque sua estrada não é única, e seguida, e direita e real, não; é uma

(*) Medicina autem in philosophia non fundata, res enferma est. Bac. de *Augment. scientiar.* Lib. 4.

encruzilhada por aquela viela vão as ciências físicas com suas pretensões ambiciosas de explicar tudo, até o espírito, como se as leis da matéria não fôsem mais ininteligíveis do que as outras; (**) é trilho que vai dar em umas terras calvas onde não há céu: — por aquela outra, vai um bando de gente de origem bem pouco formosa, (***) que estuda o homens com o escapelo só, e supondo o cadáver livro aberto em que a Providência deixou o seu arcano, diz que a vida é uma coisa que precisa de vida — os órgãos; — essa é o angi-porto que se vai estendendo, estendendo longamente, e lá ao cabo termina num lugar, onde se há céu, lá para a banda da esperança, só se vêm nuvens: a d'acolá, vai abrir num recanto muito bem assombrado, lá é que a gente da indiferença, ou da dúvida, mas gente sedentária, malbarata todo dia de Deus a dormir seu sono, como a nação chinesa, e quando acorda, tôda luz é já apagada, e a última estrelinha de promessa, que luzia no pano do céu, lá foi sumida por traz da sombra gigante da árvore do desleixo, que frondeja sinistramente como aquela do paraíso que havia nome — árvore da ciência do bem e do mal.

(**) Chateaubriand.

(***) Não posso acabar comigo descrever que do seguinte trecho tenha saído tôda inteirinha a escola de Rostan: "En humectant de la farine avec de l'eau, et en renfermant ce mélange, on trouve, au bout de quelques temps, à l'aide du microscope, qu'il y a produit des êtres organisés dont on croyait la farine et l'eau incapables. *C'est ainsi que la nature inanimée peut passer à la vie qui n'est elle-meme qu'un assemblage de mouvements* VOLT. Dict. philos. art Dieu. tom. 4, pág. 227.

Sobre a medicina materialista leia-se o tom. 1 § 3 do elegante livro do Sr. Charles Didier, intitulado *Charvornay*. Afinal é teoria que já não carece refutada, porque de si mesma vai morrendo: vid. LORDAT. — *De la perpétuité de la Médecine* — pag. 272; e — *Observations on the principal medical institutions and practices of France, Italy and Germany; with notices of the universities and cases from hospital practices*. By EDWIN LEE, London, 1835.

A seguir, diz João Barbosa :

A última é ruazinha que demora mais para donde nascemos, essa que vai um pouco destrilhada de algum tempo acá, porém assinalada do monumentozinho da cruz — por aí caminha a esta hora a mocidade a ruminar pensamentos graves, por aí o mancebo que se quer abraçar com o passado, se ajoelha diante do altar de mármore onde nossos pais oraram; pois bem! é por êsse trilhinho, que marcha uma escola, talvez pequena, mas bela, profunda, filósofa, original, e forte como o romeiro que, sacudida a alparcata do pó, materialista, ao lançar-se nas vias da peregrinação, tomou o bordão da fé, para se arrimar de dia, e, para nas noites escuras, alumia-lo, a lanterna da esperança...

Nessa luta entre materialismo e espiritualismo, nesse choque entre os que vêem no homem um ser integral, um todo indivisível de matéria e de espírito, e os que consideram o homem uma máquina, cujos órgãos se conjugam para o escalpelo do anatomista descobrir a engrenagem em que assentam as questões biológicas, cumpre ao médico, na opinião do moço baiano, ensinar, guiar e orientar a mocidade no caminho certo. Escreve êle:

De mais disso, não está assinado aos médicos desde as épocas mais remotas da história até os tempos modernos, um brilhante papel no lutar da verdade contra o êrro: — quem batalhou os oráculos da antiguidade, os sortilégios da idade média, as possessões de *Loudun*, os tremedores das *Cevenas*, os convulsionários de *S. Médard*? Quem os exorcismos de *Grassner*, as pretensões magnéticas de *Paracelso*, de *Mexmuel*, *Kircher*, e alfim de

Mesmer? (*) Sim que foram êles, e o que mais é, que ocupavam as primeiras alas da hoste, sustentavam os primeiros embates no campo do século.

No momento em que escrevia a tese de doutoramento, a medicina estava no limiar de grandes transformações; já se encontram em Paris grandes figuras revolucionárias, como Claude Bernard, como Pierre Charles Alexander Louis, que iam traçar novos rumos para a fisiologia e para a clínica médica. A cirurgia ensaiava os primeiros passos na senda do progresso. E, no Liceu São Luís, ainda muito jovem, estudava Pasteur, nascido em 1822, assistindo na Sorbonne às aulas de Dumas.

João José Barbosa de Oliveira não se manteve estranho às grandes transformações da fisiologia e da anatomia, da física, da química, e da cirurgia, na época, pois estava a par das novidades; preferiu, porém, integrar-se nas teorias filosóficas que procuravam interpretar os fenômenos vitais, nem sempre baseados no bom senso e na razão. Para êle a escola vitalista era única a aceitar.

Na Prefação da tese de doutoramento, expõe o que pensa acerca da medicina, e da ação da Igreja na criação das universidades e formação do espírito científico medieval, animadora e protetora que ela foi, em todos os tempos, do desenvolvimento cultural da humanidade. Analisa a luta do médico com a impostura dos charlatães de todos os matizes. Aprecia, à luz de diversas legislações, a legislação que regulava

(*) Vid *Histoire academique du Magnetisme animal accompagné de notes &c.* par C. BURDIN JEUNE, et FRÉD. DUBOIS (d'Amiens) — Introd.

a profissão do médico e do cirurgião, as proibições feitas ao cirurgião, e principalmente ao barbeiro que cooperava em curar. Baseado em historiadores, aceita a prioridade dos clérigos na descoberta da circulação do sangue. Advoga a sublimidade da arte hipocrática, que defende da maledicência de poetas, romancistas e filósofos estultos em procurarem ridicularizar ciência tão avançada. Estuda e analisa as doutrinas médicas da época, como católico, acreditando nos dogmas do cristianismo. Afirma, convencido na verdade evangélica, que vale, na medicina, o que se não afastar da Teologia e por isso integra-se, como decidido adepto da Igreja, na Escola Vitalista, reformada pelos gênios de Bérard e Lordat.

Com isso estamos em presença de um apegado à religião católica, que, em ciência, história, filosofia, clama contra o que não estiver de acôrdo com a tradição da Igreja. Admite êle, entretanto, progresso na medicina, porque "ciência que fica no caminho a descansar é ciência morta".

Ao fim da Prefação, em que justifica o assunto da tese, surge-nos o reformador audaz a querer, à luz dos modernos preceitos da Higiene e da Medicina Legal, introduzir radicais modificações no sistema penitenciário nacional, assunto êsse que seria, para êle, uma cruzada de redenção, em que se empenhar.

Assume então o compromisso de lutar, sem desfalecimentos, pelo aperfeiçoamento do sistema penitenciário brasileiro, melhorando a técnica do Direito e esclarecendo o que fazer inspirado em conhecimentos médicos.

Levanta, assim, João José Barbosa de Oliveira, em sua Província, uma questão nova a ser muito debatida. Não era êle um reformador, que em nome de uma concepção nova das coisas, abjurasse os princípios básicos de suas crenças. Seria isso exigir muito de um homem, que escrevia em 1843, numa cidade essencialmente conservadora, arraigada à sua boa formação moral. Admitia e desejava uma modificação, na verdade ampla, completa do arcaico e desumano sistema penitenciário nacional, mas dentro do sistema da Igreja, cujos dogmas eram para êle incontestáveis.

Defende, com entusiástico ardor, procurando envolver na sua atitude a política local, as idéias reformadoras. Esta campanha foi um armar-se cavaleiro para êle que será, daí por diante, batalhador incansável, filiado aos movimentos que visem melhorar as condições morais e materiais da humanidade, quer fôsem homens livres ou escravos, quer estivessem sob a custódia da lei, como os presidiários, quer adultos quer crianças.

Já em 1843 é João José Barbosa de Oliveira o paladino de uma reforma do sistema penitenciário, idéia que defende com os ardores dos vinte anos; mas, far-se-ia, mais tarde, pedagogo, a querer salvar o país do analfabetismo, e êsse homem de imaginação já preconiza a transformação do ensino, em sua terra natal: a Bahia, em momento oportuno, ainda havia de socorrer-se das luzes dêsse inovador, para transformar os presídios e para instruir os que ignorassem.

João Barbosa, em assuntos de higiene social e de pedagogia, tinha campo vasto em que pôr à prova

as suas qualidades de polemista, de intelectual, demonstrando conhecimentos hauridos nos autores franceses e ingleses.

Ao entrar no corpo da sua tese de doutoramento já descrevia, com vivas côres, a realidade das prisões civis e militares da cidade do Salvador, tôdas em precaríssimo estado sanitário. A proporção que analisa as condições médico-higiênicas dos presídios baianos, como espírito inquieto e indagador que era, colige dados históricos sôbre os mesmos, o que de fato torna o trabalho de grande interesse não só para os médicos e bacharéis, como também para os historiadores, que aí encontram utilíssimo manancial.

Visitou êle, pessoalmente, todos os presídios da cidade, em que se demorou observando para descrevê-los, com todos os pormenores, legando assim à posteridade um documento vivo das masmorras do princípio do século passado.

A DOS FORÇADOS, — [escreve êle] tem mais capacidade que qualquer das outras, mas é como elas porca, e escura; recebe a viração pelas fendas da porta e de uma parede; é calçada; por cima soalho; sem sentina, porém, cheirando a azeite de peixe.

Note-se [assinala com certa malícia o autor] que os civis são mais mal aquinhoados, os militares por tôda a parte os vi em lugares e condição mais civilizada, e demais que quanto às suas prisões, há lá a grande vantagem de ser a detenção por curto decurso de tempo, e estarem cercados de companheiros e superiores em liberdade, que os não esquecem. Mas os encarcerados paisanos, esses, habitantes de poisadas baixas, úmidas, escuras e sem ar, sofrem em mais intensidade, segundo se lê por Villermé e Fo-

doré, o reumatismo, a diarréia, os catarros tenazes, a descor, a moleza das carnes, a opilação, anasarcas, escorbuto, e as diferentes caquexias, langor e enfraquecimento físico e moral, sem olvidar essa febre das prisões, de que escreveu em Inglaterra Pringle, em 1750.

John Pringle, médico, higienista, membro da Real Sociedade de Londres, foi um dos precursores da Cruz Vermelha Internacional, e muito estudou as condições sanitárias dos presídios, levantando estatísticas sobre as doenças que mais atacavam os presos, alojados em ambientes sem ar e sem luz. Era John Pringle um bom guia tomado por João José Barbosa de Oliveira, ao pesquisar a insalubridade das velhas prisões da Bahia, e era o alarde dado na Inglaterra para o Brasil não ficar surdo.

Mas exclama Barbosa de Oliveira: "em vez de apontar só para os livros e experiências de fora", houvesse eu "de achar cifras médicas das moléstias e mortandade que vai pelas nossas prisões, e, desta forma, obteria mais conversões"!

Estranhemos não procurasse João Barbosa preencher a falta, freqüentando os presídios, as suas enfermarias, para, embora de modo imperfeito, levantar estatística ao menos das enfermidades mais encontradiças, e de preferência nos presídios militares em que as condições higiênicas eram também precárias. É que não era do seu gosto, nem hábito do tempo, descer a indagações tão expressivas. A tese de doutoramento era antes para ostentar cultura livresca, e exhibir pendores filosóficos ou arte de escrever, do que para demonstrar senso clínico,

habilidade cirúrgica, espírito de observação junto ao leito dos doentes.

O doutorando, a criticar o sistema penitenciário indígena, cita, entre as práticas condenáveis, o hábito de se collocarem na mesma célula, criminosos de tôdas as idades e de tôda espécie para haver uma convivência que acarreta graves conseqüências morais. Na sua opinião é êsse "sistema corruptor, porque a união dos delitos, inicia os novos, que com êles convivem, é tão nocivo para o corpo, por efeito dos vícios que apresentam e paixões ignóbeis que satisfazem, como para a alma, que tanta influência sobre aquêle tem". Assim, "os crimes que não são por irrelição, ignorância e egoismo, o são por imitação, que é contagiosa". "Essencialmente imitador é o homem e daí as epidemias de duelos, suicídios, homicídios, etc., devido à publicidade exagerada dos jornais ou a romances, cujo clássico caso é o Werther de Goethe".

Nevroses as assinala o autor, como sendo às vezes a fiel reprodução, como sendo a cópia do que vieram conhecer os que já estavam predispostos. Que influência perniciosa não haverá se ficarem reunidos, num igual estado de aviltamento de miséria, muitos facínoras? Porisso, no caso é resguardadora a razão humana para que ela não baqueie, friza o autor. Que não haja promiscuidade entre velhos delinquentes e jovens que delinqüiram, porque acabarem juntos, verem-se igualados, rebaixa moralmente os que apenas entraram na senda do crime. É evitar a convivência que há pois nos presídios nacionais.

E conclui Barbosa de Oliveira: "Dessas considerações nasceu o sistema de solidão penitencial:

quase que se supõe o delinqüente eivado de loucura, e êle vai para o cárcere, que tem tôda semelhança com um hospital de dementes.”

“Eu não vacilarei, ante a ciência, em preferir o novo regime, sem me importar” (continua dizendo) “se as condições do país poderão favorecer os avisos de filantropia; êsse é o mister de quem rege os destinos do país, a mim só incumbe de definir e sustentar a hygiene.”

Em seguida a essas palavras, que são ao mesmo tempo um apêlo e uma censura, João José Barbosa de Oliveira entra na segunda parte de sua tese, a tratar dos sistemas penitenciários.

Começa por definir o que os inglêses entendem por “solitary confinement”. E êle o faz de acôrdo com a célebre definição de Tocqueville e Beaumont, exarada no famoso livro *Système Penitenciaire aux États Unis et Bruxelles*, livro que daria nova orientação ao Direito Penal para que a França lhe seguisse as idéias.

Eis o que cita Barbosa de Oliveira:

Pensa-se que dois entes perversos reunidos em um mesmo local hão-se de corromper reciprocamente: separam-se. A voz de suas paixões ou o turbilhão do mundo os aturdira e desencaminhara: ficam a sós, e destarte são levados à reflexão. Seu conversar entre os maus, pervertera-os: são condenados ao silêncio. Depravara-os o ócio, fazem-nos trabalhar. A miséria tinha os conduzido ao crime: ensina-se-lhes um mister. As Leis do país violaram-nas: inflinge-se-lhes uma pena. É sua vida protegida, o corpo são e salvo. Mas não há aí nada, que iguale a seu sofrimento moral. Malaventurados sim que o são e o merecem: melhorados, serão felizes

na Sociedade, cujas leis acatarão. E ei-lo aí todo o sistema das casas penitenciais da América.

A eloquência das palavras de Tocqueville e Beaumont, era assim lembrada por Barbosa de Oliveira.

Depois de se referir ao sistema penitenciário americano, procura João Barbosa demonstrar que, antes da América do Norte, já a Igreja Católica fazia coisa semelhante, "como consequência prática da caridade". Mais ainda: nega aos americanos a originalidade, e afirma que era ao Padre Marbillon que se devia o novo sistema penitenciário, aliás de fundo monástico e proveniente da França, para que não se lhe ponha a origem na Pensilvânia. "Eu pelo menos culdo que lhe acho a revelação ou vestígio" no que é para ser notado como de inspiração superior. Citava Barbosa de Oliveira o que um sábio beneditino concebeu para reformar moralmente os religiosos presos. Impunha-lhes separação, silêncio e oração. Três condições para se emendarem: eis, conclui o autor, "um sistema que tem a maior semelhança com o que, mais tarde, tanta bulha há feito no mundo civilizado."

Dois eram os sistemas penitenciários postos em prática na América do Norte: o de Auburn (Nova York) e o de Filadélfia (Pensilvânia). Descreve-os o doutorando Barbosa de Oliveira, mostrando-lhes as diferenças, aliás não pequenas. Diz que o sistema da Pensilvânia assentava nos mais puros e nobres princípios de humanidade. Era mais "filosófico" e mais fácil de aplicação, comparado ao que se afanava por obter, de homens a viverem em promiscuidade, a regeneração moral de cada um. Naquele a

regeneração é mais factível; vale no caso a impressão profunda que se proporciona ao prêso. Há mais refletir, e o que esperar. E obra mais pela força dos princípios. O outro depende inteiramente da interferência dos administradores e dos rudes castigos de chicote, tão necessários e repetidos. Naquele não há mistér de punição por não haver infração, por não haver delitos, que são filhos da convivência social. Que útil se mostra embora com a desvantagem de ser menos econômico! Mas o outro vai buscar na submissão do prêso a sua modificação moral — o que preconiza Auburn. Por isso já se disse que todos os amigos da humanidade, sem exceção, em visitando Cherney Hill, na Pensilvânia, lhe hão de gabar o sistema de corrigir, contestado pelos que o não viam pôsto em prática.

Adepto fervoroso da separação completa entre os presos, o doutorando baiano, que afirmara não haver, sem esta separação, regeneração moral nenhuma, preferia o sistema da Pensilvânia ao do citado presídio de Auburn.

Critica êle, a seguir, a tendência, existente na Bahia, de quererem construir uma penitenciária de acôrdo com os sistemas americanos, sem um estudo prévio de cada um dêles, a fim de ver qual o melhor; e aconselha a ida, ao Estados Unidos, de quem, visitando as prisões, como se fêz na Europa, trouxesse um juízo a respeito, mas isso antes de se empenhar numa construção orçada em cêrca de novecentos contos de réis. E condena o projeto apresentado, e exposto pelo engenheiro Pedro Wyll, na cidade do Salvador, principalmente no que se refere a certas

Faculdade de Medicina da Bahia.

CONCURSO A UMA CADEIRA
DE
SUBSTITUTO DA SECÇÃO MEDICA.

**Qual a Razão por que a Natureza não deo ás Arterias
Cerebraes o mesmo grão de Elasticidade, que ás mais ?**

THESE

SUSTENTADA NO DIA 20 DE ABRIL DE 1816.

PERANTE O JURY MEDICO,

FOI

João José Barbosa de Oliveira,

DOCTOR EM MEDICINA, PELA MESMA FACULDADE; BIBLIOTECARIO E MEMBRO
DO CONCELHO DA SOCIEDADE DA BIBLIOTHECA CLASSICA PORTUGUEZA;
SOLDO DA INSPECTORIA E DE OUTRAS DESTA CIDADE

*Edidi quæ potui, non ut colui; sed
ut me temporis angustia ruerent.*
C. de ORAT.



BAHIA.

177, DO QUATCURI, DE DOMINGOS GREGES CASRAL, RUA DO RISSO — 1816.

Fôlha de rosto da tese do concurso de João Barbosa.

(Exemplar da biblioteca da Casa de Rui Barbosa).



particularidades que apreciou como higienista e médico.

Depois de descrever, analisar e criticar os dois sistemas penitenciários afamados no momento e de apreciar o projeto de construção de uma penitenciária na Bahia, João José Barbosa de Oliveira acha então de dizer que: "a ciência médica tira dêste fato a conclusão mais bela de fazer pela saúde do pobre encarcerado, o que mais puder, isto é, fiscalizando desde a construção do edifício até os pormenores da vida penitencial". Mas reivindica, pois, para o médico, numa época em que não havia especialização, o direito de falar àcerca de tanto quanto se referisse às condições higiênicas do presídio e conforto espiritual e material do sentenciado.

Mostra que condições a obedecer na localização do edifício, "que deve ser construído em local sêco, bem arejado e bem ventilado; que pelas cercanias haja água em abundância, quer de fontes nativas quer de poços ou cisternas, que de muito boa sirva aos usos ordinários, e para bebida". Mostra, também, como se distribuírem as diversas dependências internas, instalações sanitárias, células, refeitório, etc., mas... ainda escreve: "não haverá portanto oficinas nem enfermarias, bem que sempre seja útil destinar algumas celas nas extremas da casa para algum doente contagioso".

Causa-nos surpresa ver que o autor, tão zeloso da saúde dos condenados, dispensasse, no presídio, a existência de uma enfermaria. Mas, adepto como era do sistema de solidão absoluta, o doutorando Barbosa de Oliveira, preferiu que o sentenciado doente permanecesse em sua cela, e aí fôsse trata-

do, em vez de ficar em uma enfermaria, em que passava a estar em contacto com outros sentenciados. Para não discrepar das suas idéias de separação e isolamento dos presos é que Barbosa de Oliveira não admitia enfermarias nos presídios: mas celas isoladas.

Indispensável, para êle, era a existência de uma capela, "com divisões para cada prêso". Durante a missa, quando o espírito se volta para as coisas divinas e se purifica é que êle não queria estivesse o prêso na presença de outro prêso, podendo assim melhor se concentrar. Porém, como aliviar dessa solidão levada ao extremo e que a técnica moderna minorou? Aconselhava que por tôda a parte houvesse ventiladores diversos, tais como janelas, aberturas nas paredes, portas de grades, corredores amplos, a fim de que o edifício recebesse ar, sol, luz. Mas lembra: "no arejar dêstes edifícios haja tento..."

Êle esplanava aquilo a que denomina a economia interna do presídio, isto é, o tratamento a dar aos encarcerados. Insistindo em que a reclusão e separação vêm a ser os únicos meios de afastar o homem do crime e das "mil influências malfazejas, que o trazem perdido para todo o sempre no sistema que é o nosso", refere-se à alimentação, importantíssima no tratamento do detento, e que deve contrabalançar as influências "relaxantes da reclusão forçada a êsse viver mais ou menos sedentário". E acrescenta: "porém acautelem-se que não caiam no extremo de nutrir tão tônica e estimulantemente, que excessivas se desenvolvam as inclinações instintivas e seus órgãos".

Desaconselha o regime vegetariano, por "ser enfraquecedor da constituição, quer na vida orgânica quer animal", bem como o regime de vitualhas animais, "por grande excitador". Preconiza antes o regime misto, embora com ligeira predominância de alimentos vegetais, tudo, porém, condicionado ao temperamento do detento e ministrado conforme as indicações médicas imprescindíveis no caso.

João Barbosa é de opinião que o prêso precise de trabalhar, sendo que o trabalho físico "deve ser moderado e com fito mais de proporcionar distração", a quem está encarcerado.

O vestuário êle recomenda "largo e agasalhador, mesmo no verão, para favorecer as funções cutâneas mais ou menos lânguidas", evitando-se o que possa dificultar a circulação, como ligas, gravatas, etc. "O sapato deve ser de pano, porque não haja bulha na casa, onde o silêncio é o rei das punições". O asseio que fôsse rigoroso; e só admitia como castigos disciplinares: "a reclusão em célula tenebrosa, sem trabalho, e com redução de alimentos; é raro haver mister mais de dois dias desta severidade para domar o mais revel". Repetia o que disse Tocqueville, a quem vai citando sempre.

O doutorando era de uma época em que tinham a saúde do detento como coisa secundária, mas êle já exige, no presídio, a presença do médico bem remunerado, para assistir constantemente o prêso :

De todo êste capítulo se colhe ser necessaríssimo um médico, que desde que entra até que se vai o culpado, o examine, o visite e o pense. Não hade ser um médico, que pas-



se acaso na prisão, hade ser um a quem se não retribua com soldo mesquinho em troca de uma devoção inteira e esclarecida, e que tenha por mui restrita obrigação trazer sempre em dia a estatística indispensável da casa, afora a de exercer a terapeutica moral e a outra.

Assim, João Barbosa, lá se vão cem anos que delineava, com segurança e oportunidade, a função do médico no presídio. Com autoridade para exercer a sua alta função, estaria, ao mesmo tempo, obrigado ao cumprimento dos deveres. Queria para o médico um salário condizente com o encargo mas também exigia dele o fiel cumprimento do que lhe competia e que se prescrevesse um regulamento. Esse regulamento devia ser minucioso nos cuidados com a saúde do detento e na higiene interna do estabelecimento, dependendo a boa ordem das coisas da atividade e dedicação do médico, dizia Barbosa de Oliveira na qualidade de médico. Dentro da prisão o médico tinha de ser o guia, o mestre, o conselheiro a quem confiar-se-lam os detentos, praticando aquilo a que o autor chama com propriedade terapeutica moral. Mas dupla seria, pois, a finalidade desse que, dentro do presídio, não só trata dos doentes como reforma-lhes o espírito pelo exemplo dado, pela palavra. Exerceria assim uma ação pessoal importantíssima.

Ao doutorando não escapou a necessidade de haver na penitenciária uma boa biblioteca, sortida de livros edificantes, isto é, livros de religião e de moral. A leitura mais indicada seria a da Bíblia, "o livro por excelência, o livro dos livros".

Define João Barbosa, finalmente, a Higiene, mostrando sua amplitude, uma vez que ela se torna especializada em se referindo à vida civil, à vida militar em terra, e naval, e à que geralmente chamamos hoje higiene do trabalho. Mais o preocupava a higiene penal, de que dizia: "ainda não existe, mas que deve ser posta em prática, como um dos imperativos da ciência, em benefício dêsses infelizes." Na sua opinião ela se baseava no conhecimento integral da natureza humana, e, por isso, também devia ter sentido espiritual, senso psicológico, para atender à diferença de temperamentos: eis ao que chamamos hoje higiene mental.

Assim, neste trabalho inaugural da sua vida de médico, João José Barbosa de Oliveira divulga, na Bahia, idéias, conceitos novos, novas doutrinas sobre o angustioso assunto que são as penitenciárias. Sem exagero podemos considerá-lo um precursor.

Diante do espetáculo desolador das prisões infectas, verdadeiros depósitos de criminosos de toda espécie, mantidos em promiscuidade, sem nenhum conforto material nem assistência espiritual, entregues à reação dos próprios instintos, e submetidos aos corretivos mais desumanos, — o doutorando de 1843, espírito que timbrava em ser liberal, católico, humanitário, e temperamento emotivo, impulsivo, tinha de que se revoltar! Mas ele, ainda não terminado o curso superior, de fato sentiu de perto os horrores do presídio, para trazer consigo um ímpeto de revolta, que encontrou como explodir em nome da ciência em que se doutorava. Aliás uma atitude que para sempre ficava assinalada! Com ela talvez antes libertava os ímpetos da sua consciência

que cedia a seu temperamento, e no caso é inegável que estava convicto do que fazia. Uma convicção é que o arrastava. Respondia ao que sofrera prêso.

Como médico é que pregava a cruzada da reforma do sistema penitenciário nacional; e como escritor, como homem nascido para as pugnas do espírito, já agitava apaixonado questões em que a sua pena de jornalista nato, o seu estilo oratório, a sua dialética impetuosa tinham como se expandir. Nesse trabalho, o doutor em medicina como que desaparece por vezes no curioso da história. O médico quase que parece ser homem das ciências jurídicas. O leigo defende pertinaz as questões religiosas. O leitor de filologia não raro suspende a pena do assunto sobre o qual vinha discorrendo como médico, para, no pé da página, deitar nota em que mostra entrar em terreno dos filólogos. Mas é que, sentindo vaidade nisto, considerava-se vernaculista, para ser áspero nas refregas. Era uma das faces expressivas do seu caráter: não admitir contraditores ao que afirmava e ao que dizia!

No ano do seu doutoramento não se pode dizer que, defendendo tese, na verdade mostrasse dogmatismo em ciência, em filosofia, em religião: mas partidarismo. Faltava-lhe a frieza extrema do dogmático, a êle, que se deixava acompanhar de emoções. Américo Jacobina Lacombe observa que "mais do que homem de fé, João Barbosa revelava-se homem da Igreja. Não só nos pontos históricos se coloca ao lado dos papas e dos bispos, como se bate, destemidamente, pela imprescindível colaboração com a Igreja na solução dos problemas penitenciários". Quer dizer que procurava ambiente agitado,

precisava de formar partido, queria ouvir rumor de movimento em tôrno de si: implemento constante do seu feitio pessoal.

Nas proposições finais da sua tese, João Barbosa, embora reconhecendo os grandes progressos da medicina, montém-se, entretanto, descontente, insatisfeito. O cientificismo exagerado, a análise minuciosa praticada naquele princípio de século, não entusiasmava o espírito do doutorando. Êle, por temperamento, se subleva como exagerado partidário da doutrina vitalista da Escola de Montpellier, afirmando que "era a única teoria médica que se mantém ante o século". A anatomia patológica, a grande base da medicina na ocasião, é, afirma êle, utilíssima, porém o que chega a conhecer não passa do aniquilamento da vida, portanto deve-se pois aceitar, com restrição, as suas explicações das doenças, baseadas no que se encontra no cadáver.

Escrevendo assim, em 1843, momento em que a medicina tomava o rumo das ciências experimentais, João José Barbosa como que se sentia vacilante entre as duas grandes tendências do espírito humano: a síntese e a análise.

Ora, João Barbosa não era, positivamente, um analista. Nêle sentimos antes predileção pelo formalismo escolástico, pela metafísica, pelo classicismo. A sua tendência era pelo dogmatismo religioso e científico e vivia êle como que "encerrado num mundo de idéias, de sonhos e de princípios, sempre estranho à realidade que o cercava."

Não possuía serenidade e paciência, nem a curiosidade pelo pormenor, a qual caracteriza os pesquisadores, os analistas. Muito menos mostrava ter o

superior equilíbrio e bom senso que são qualidades dos espíritos integrais, isto é, dos homens que trazem em si, em proporção precisa, a tendência para a síntese e para a análise.

Assim pois, ante o materialismo científico do século e ante a análise tão valiosa, ele não quis compreender e desprezou uma etapa necessária ao progresso principalmente da ciência médica, que foi o materialismo e por isso preferiu o vitalismo montpeleriano, que, vindo dos fins do século XVIII e remontando ao XIX, representava reação tenaz contra as tendências materialistas da época. E sob este ponto de vista, a sua atitude, no meio baiano, onde essas idéias já haviam penetrado, foi corajosa e útil. Faltou-lhe, porém, profundidade, certo valor doutrinário para fazer discípulos e adeptos. Ou melhor, o seu espírito sectário, a confundir religião e ciência, bem como o seu temperamento agitado e nervoso, privaram-lhe, embora fôsse ele culto e inteligente, da serenidade para analisar friamente o que via e lia nos mais modernos tratados de Fisiologia, Anatomia e Histologia.

Quis ser, perante os conhecimentos experimentais da sua época, um cético, enquanto em matéria de filosofia, de política e de religião, se mantinha dogmático irredutível. Com relação à medicina, o seu espírito de revolta desfez nas ciências experimentais exagerando o vitalismo que abraçara e daí a sua luta com o meio baiano já pode-se dizer identificado com o espírito científico do século XIX.

Se vivesse um século antes, em que grandes médicos eram os cheios de sutilezas filosóficas e criadores de sistemas complicados, e não tinham espí-

rito de clareza no apreciar a realidade, João Barbosa de Oliveira talvez fôra figura exponencial e o seu nome figuraria destacado na História da Medicina nacional. Mas o tempo tinha evolvido...

Mas seja como fôr, homens como João Barbosa sempre são úteis mesmo reagindo contra as tendências de uma época, contra os exageros e a unilateralidade de certas interpretações. Eles como que policiam e refreiam os excessos. João Barbosa não deixou de ferir em cheio o excesso de materialismo e análise, em que o homem é reduzido a objeto de ciência de laboratório de experiências. Não passa de um conjunto de artérias, veias e órgãos que devem funcionar regularmente. A ciência é a investigação dessa regularidade. É dissecar nos anfiteatros de anatomia. É enxergar através do microscópio. É destacar e apreciar por partes as funções nos gabinetes de fisiologia ou de química. Sim! Mas "a vida se constitui em alguma coisa mais do que proteínas, e se tivéssemos tôdas as substâncias químicas da matéria viva em tubos de ensaio, não haveria ainda vida, teríamos apenas uma massa inerte, uma mistura inorganizada."

Por mais aperfeiçoadas que sejam as técnicas, por maior que seja o desenvolvimento das ciências afins à Medicina, nenhuma, absolutamente, será capaz de nos dar explicação exata, completa e satisfatória do fenômeno vital, em si.

Enganava-se pois, Wohler, quando, ao realizar a síntese da uréia, escrevia: "Agora conseguiu-se a síntese de uma substância que contém a força vital. Tôdas as nossas concepções da natureza se desmoronam. Todos os velhos conceitos são inteiramente

destruídos." Nem a síntese da uréia, nem as mais modernas vitórias da ciência, conseguiram, até o presente, desmoronar a mais simples afirmação espiritualista. O mistério da vida continua e continuará insondável: porque ela é de essência divina.

Por isso, em nossa época, neste século da desintegração do átomo e das mais audaciosas conquistas da medicina e das ciências afins, ressurgem os mesmos problemas, e a medicina de hoje, baseada na ciência e enriquecida com novas conquistas técnicas, volta-se para o velho Hipócrates e cria o néo-hipocratismo moderno, que atesta nova reação ao materialismo.

Entre o vitalismo montpeleriano de que João Barbosa foi o epígono, no Brasil, e o néo-hipocratismo dos nossos dias, há, dí-lo Delore, grande diferença: hipocratismo e néo-hipocratismo não são sinônimos. O hipocratismo vem a ser um retorno ao passado. O néo-hipocratismo é nova orientação a tomar, é ensaio de síntese do progresso com a tradição, da medicina científica e biológica com certos princípios tradicionais, sendo que a experiência clínica é tida como a base em que assenta o néo-hipocratismo. Mas o espírito hipocrático tem o que reafirmar diante do que é novo.

Uma tal concepção ampla e conciliadora, é sobremaneira fecunda, e está inteiramente de acôrdo com o espírito hipocrático, que não enxergava apenas a face material dos fenômenos biológicos, mas encarava o homem como um ser integral, isto é, uma unidade indivisível de corpo e espírito — concepção essa que se tornou na psico-fisiologia de nossos dias.

Faltou, ao vitalismo do início do século XIX, base científica. Alicerçava-se êle no terreno inconsistente e movediço das idéias preconcebidas, das hipóteses, fugindo à realidade experimental, e por isso mesmo a reação contra o espírito analítico puro, contra as ciências morfológicas ou a especialização que se esboçava, ficou irritado. Deixou-se dominar por um certo espírito religioso. A questão principal que constituiu a base do néo-vitalismo moderno, não é suprir, negar a atitude materialista, mas somente o seu exclusivismo: e nós seguimos Kant, quando considera o materialismo como um erro, mas como um erro necessário ao desenvolvimento da ciência.

O vitalismo de Barthez fugiu completamente a este pensamento de Kant: não souberam Barthez e seus seguidores ajustar-se às novas concepções científicas e pairaram sempre nos domínios da metafísica pura, embora se dissessem discípulos ortodoxos de Hipócrates.

João José Barbosa de Oliveira, um erudito, um teórico, espírito essencialmente religioso, não negava os conhecimentos trazidos pela experiência; manteve-se, contudo, dentro dos limites do sistema montpeleriano, porque, dizia êle, "estava mais de acôrdo com a teologia". E nisto era mais realista que o rei...



O CONCURSO

Em dezembro de 1843, João José Barbosa de Oliveira, com o cérebro povoado de filosofias, sistemas médicos, e também de ideais políticos, com o coração cheio de esperanças, recebe, perante a Congregação da Faculdade, em dia de grande solenidade, o grau de doutor em Medicina, após defesa de tese, que, na época, tinha algo de original e digno de atenção.

Estava êle na encruzilhada do destino.

As necessidades econômicas, a premência em prover as necessidades da família, em pagar dívidas, indicavam-lhe o caminho da clínica, o exercício da profissão; mas o seu temperamento, inclinações do seu espírito, talento verbal, gosto de polêmica, atenção pelo jornalismo, levaram-no para as agitações partidárias. Premido pelos encargos de família, pisou, a cata de lucro, a estrada da medicina que abandonaria mal dera os primeiros passos.

Tenta a clínica, ao que parece, no interior da província, em Vila de Santo Antônio de Caravelas.

Leva-nos a tal suposição, a leitura de uma certidão passada pelo Alferes Hermenegildo Neves de Almeida, Juiz de Paz dessa localidade, datada de 23 de novembro de 1846. (Doc. I)

Da leitura desse documento deduz-se que, no ano de 1844, achava-se João José Barbosa de Oliveira em Caravelas, tendo assim prestado serviços profissionais a Ciro Prenciano de Almeida Veloso, sobrinho do Juiz de Paz, receitando-lhe vomitório de ipecacuanha, aliás com ótimo resultado segundo se lê na certidão. É essa certidão documento único existente na *Casa de Rui Barbosa*, a demonstrar que João José Barbosa, logo depois da formatura, afastou-se da cidade do Salvador. Mas ignoramos que tempo permaneceu naquela cidade do litoral baiano, e se, de fato, clinicou regularmente, pois um documento único não é bastante para provar real exercício da profissão. Teria ele tratado ocasionalmente o sobrinho do Juiz de Paz, e isto em curta estada em Caravelas, ou ali permaneceu exercendo a profissão? Sabemos que, em fins daquele ano encontramos-lo na Capital, onde transformara uma das dependências de sua residência em consultório médico.

Qual teria sido a finalidade de João Barbosa, ao pedir essa certidão datada de novembro de 1846, isto é, firmada dois anos após sua estada na cidade de Caravelas? Nem mesmo serviria para provar o exercício de atividade profissional, se exigida, para inscrição ao concurso da Faculdade, porquanto este se realizou em abril de 1846 e o documento é de no-

vembro desse ano de 1846. Para alguma finalidade, entretanto, devia êle ter servido...

Nos fins de 1844 vêmo-lo, pois, com residência instalada, consultório, e a tentar clínica na velha Capital.

Gratidão e apertos financeiros fizeram-no clínico. A gratidão era qualidade que sempre propagou como sendo dos seus mais puros sentimentos, como o faz todo aquêlê que é forçado a bater à porta alheia, e que o levaria a voltar-se para a Escola de Medicina, calculando um pouco de independência com o que lucrasse no magistério.

Com serviços médicos que prestasse é que pensou em pagar os favores, durante tantos anos a êle prestados. O jovem médico aguarda, em sua residência, os primeiros clientes, que lhe trariam proventos com que viver. A Providência destinara-o a ser um eterno decepcionado. Entretanto que drama a se desenrolar na alma daquele moço! Lendo os seus clássicos e filósofos como que mitigava sofrimentos. Os clientes que não apareciam. Amontoavam-se-lhe, isto sim, as contas a pagar.

Mas visitantes não lhe faltavam.

Procuram-no os políticos a agradá-lo e a lhe temerem os artigos e discursos. Era êsse o curso que a vida lhe ia tomando, a desviá-lo da medicina. Prêso a um consultório vazio de doentes e frequentado dos políticos, tinha uma existência agoniada, difícil, tensa naquela Bahia agitada e febril da primeira metade do século XIX, e em que se via como que parado em uma vida sem progresso.

Desta forma escoaram-se os anos de 44 e 45, sem que novidade ou caso médico digno lhe desper-

tasse a atenção — se é que curiosidade tivera pelo assunto. No entretanto, solicitado pelos amigos, fazia ouvir, em festividades ou nas ocasiões de luto, seus incontestáveis dons oratórios, ficando célebre, por exemplo, a oração fúnebre pronunciada a 12 de março de 1844, à beira do túmulo de Francisco de Paula de Araújo, discurso êsse publicado na *Minerva Brasileira*, tomo V, pg. 551.

João Barbosa pouco freqüentava os meios médicos. Não era visto nas farmácias. Mantinha-se arredio da classe médica e, porisso, no momento em que precisou dos colegas, foi por êles recebido como um estranho.

No ano de 1846 João Barbosa inscreve-se no concurso para Professor Substituto da Secção Médica, na Faculdade de Medicina, lançando-se na competição que resultou no seu afastamento definitivo da profissão que abraçara.

A secção em que se inscreveu no concurso de professor substituto da Faculdade de Medicina compunha-se, de acôrdo com a lei em vigor, das cadeiras de Fisiologia, Patologia Interna, Matéria Médica, Farmácia, Medicina Legal, Higiene e Clínica Geral. Como se vê, exigia do candidato conhecimentos quase enciclopédicos, e alguma prática de laboratório. Isto, porém, não o amedontou. Entregou-se ao estudo com afínco e seriedade. Durante seis meses não cuidou de política, de polêmicas, de jornalismo, o que bem mostra o afínco com que pela última vez procura viver da medicina. Nesse prélio, perante a banca examinadora, revela conhecimentos invulgares das cadeiras da secção, ao mesmo tempo que cita vasta e completa bibliografia, numa



Dr. Domingos Rodrigues Seixas

*(Retrato na Faculdade
de Medicina da Bahia)*



terra onde os livros técnicos eram raros e difíceis de obter. Mas o resultado lhe foi adverso. O seu concorrente era Antônio José Osório, natural da cidade do Salvador, onde nascera em 1817. Resumamos, pois, baseados em Sacramento Blake, a personalidade do candidato aprovado.

Antônio José Osório, escreve o médico-historiador baiano, fez em sua Província natal todo o curso de medicina, demonstrando notável inteligência, aplicação e sizudez. No ano da sua formatura foi nomeado bibliotecário da Faculdade. Dois anos depois, em 1841, já se apresentava em concurso para professor substituto da Secção Médica, defendendo a tese intitulada — *“Existem Febres Idiopáticas?”* Embora demonstrasse capacidade e preparo, não obteve o lugar desejado, pois foi classificado e nomeado o concorrente que teve. Em 1843 submete-se a novo concurso, dessa vez para professor substituto da Secção Cirúrgica, tendo por competidores os doutores José de Góis Sequeira e Matias Moreira Sampaio. Mostrando preparo nas matérias da secção e escrevendo notável tese intitulada — *“Sinais pelos quais se pode reconhecer o cancro de útero e diagnóstico diferencial entre as ulcerações e o cancro do mesmo órgão”*, ainda não lhe foi favorável o pleito e o escolhido foi o primeiro dos concorrentes citados.

Em 1846 concorria êle pela terceira vez à vaga de professor da Secção Médica. As portas da Faculdade então se lhe abriram. Não possuímos, infelizmente, documentos a respeito do concurso que prestou, os quais provavelmente foram destruídos pelo incêndio que consumiu o edifício da Escola, no início

do século corrente, tornando em cinzas as atas de concurso. Assim não podemos mais avallar a justiça do julgamento da banca examinadora nesse prêlio, em que Antônio José Osório venceu um homem do talento de João José Barbosa de Oliveira. Mas sabemos que Osório, além de ter valor, vivia no seio da classe clinicando e freqüentando enfermarias, além de constante contacto que mantinha com a mestrança do Largo do Terreiro.

Acreditamos que, se houve parcialidade no julgamento, não chegou a ser injustiça, pois, se tal acontecesse, João Barbosa não era homem para receber um veredito parcial, com o silêncio em que se manteve. É bem provável que visse no insucesso o dedo da Providência a lhe indicar o destino aliás mais de acôrdo com o seu temperamento e mais do seu agrado. Mas do seu concurso brilhante dá provas o que o Conselheiro Albino escreveu em suas *Memórias*.

Os documentos que possuímos para aquilatar do valor do candidato, aí estão: a tese de concurso existente na *Casa Rui Barbosa*, e a prova escrita, que foi transcrita no *Arquivo Médico Brasileiro*, n.º 9, maio de 1846, publicação existente na *Biblioteca Nacional*. Ambos êsses documentos revelam que Barbosa de Oliveira tinha cultura médica, pelo menos teórica.

Apreciemos, pois, à luz dos conhecimentos da época, as provas de saber dadas por João Barbosa, que estava pois ao corrente da ciência da primeira metade do século XIX, para que estejam, assim, de pé algumas de suas opiniões,

Não nos interessa enumerar o que foram erros daquela época nem criticar os pontos de vista que defendia o médico baiano e que entretanto eram correntes. Isso seria desmerecer em um trabalho bem coordenado, bem exposto, e, sobretudo, honesto. Não era dado ao jovem médico escrever melhor e mais exatamente, mesmo porque, lembra Daresberg, não há gênio capaz de ultrapassar, em uma ciência experimental, os limites que lhe são impostos pelos instrumentos que o auxiliam a observar. Aplaudimos o preparo, a cultura, o trabalho, que o moço baiano demonstrou possuir redigindo monografia sobre assunto difícil, e procuraremos ressaltar os trechos mais interessantes pela firmeza com que ele expõe o seu pensamento.

A lei em vigor mandava que o ponto de tese para o concurso fôsse sorteado com pouco tempo de antecedência, devendo o candidato apresentar trabalho impresso à Congregação, alguns dias antes das demais provas de concurso. Assim, um trabalho que requeria estudo acurado, consulta bibliográfica, verificação, experiência de laboratório, verificações anatômicas e observações junto aos doentes, tinha de se fazer às pressas. O assunto, que não era da livre escolha do candidato, em geral fazia com que o autor não tivesse fundamentos já preparados, para sustentar conclusões, e daí certos descuidos, improvisações, conclusões apressadas, nas teses assim defendidas.

Uma tese de concurso deve ser pacientemente meditada, estudada, a fim de que o candidato possa trazer, com o seu trabalho, contribuição nova, expe-

riência ou pesquisa reveladora, enfim, qualquer coisa de inédito. Mas isso não era possível, fazendo-se como estava no regulamento em vigor em 1846.

A tese que João Barbosa de Oliveira apresentou no concurso tinha de ser o que foi, isto é, uma ótima compilação, bem estruturada, completa, do que então se escrevera sobre o assunto.

O que de diferente e pessoal existe nessa monografia, é o estilo já escorreito, e uma análise profunda das mais diversas opiniões dos mestres da época, àcerca do assunto da tese, que foi pois: — “*Porque razão a natureza não deu às artérias cerebrais o mesmo gráu de elasticidade, que às demais?*”

João José Barbosa de Oliveira, no dia 20 de abril de 1846, defendeu perante a Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia, a tese que lhe fôra sorteada.

Citando Barthez, escreve no seu trabalho:

Dans chaque science naturelle on ne doit point se proposer de deviner la Nature. Les phénomènes de la Nature ne peuvent nous faire connoître la causalité ou l'action nécessaire des causes dont ils sont les effects; mais seulement nous manifester l'ordre dans lequel ils se succèdent; nous dire quelles sont les règles que suit la production de ces effects et non ce que constitue la nécessité de cette production.

Continuando, acrescenta :

Não me consentindo, logo, a experiência — que legislou, como já se viu, os métodos filosóficos de estudar os fenômenos naturais, — que eu nutra nenhuma esperança de cair na razão porque a natureza organizou artérias cerebrais talvez menos elásticas, que as

demais do corpo humano; cumpria-me buscar unicamente vêr se se descobre ou não algum motivo científico dêste fato; e, no caso afirmativo, havendo muitas soluções, qual parece mais razoável no estado atual da fisiologia do homem; ou se as várias existentes, ou a única conhecida, são igualmente insustentáveis.

Fôra êste, certo, o modo mais consciencioso de proceder, e o que empregara, se o espaço de tempo, que me limita o estudo acurado indispensável, em ponto tão pouco trilhado da ciência, e sobretudo a dificuldade de obter obras raras na Bahia, não m'o obstassem. Escreverei, portanto, como se pode (salvo sempre a diferença dos engenhos) nas circunstâncias ditas.

Pelas reflexões preliminares, que acabo de fazer, se vê que eu devo, não mostrar a razão porque a Natureza não deu às artérias cerebrais o mesmo grau de elasticidade que às mais; sim indicar, se é possível, que razão se supõe, pela qual a Natureza não deu àqueles vasos elasticidade igual à dos outros da mesma espécie.

Peço vênia, que devo, para interpretar dest'arte o problema fisiológico, cujo sábio autor reconhecerá, sem nenhuma dúvida, que bem que o podia redigir conforme o pensamento, que tinha em mente; eu, todavia, sem as devidas reservas que a metodologia impõe ao escritor científico, não me podia dar à resolvê-lo, escoimado de censura.

E ora, pôsto que a interrogação científica a que devo responder, só peça a razão suposta de serem as artérias do cérebro elásticas em grau menor às outras, parecendo pôr fora de discussão o fato anatômico; contudo, pois êsse fato não é dos mais triviais, e êle é que haja de cimentar todo o edificio desta tese; pareceu-me uma necessidade lógica irrecusável, que se estréia por exhibir os documentos da existência anatômica dessa concepção da textura arterial.

Feitas essas considerações de ordem geral, João Barbosa entra no assunto da tese, iniciando pelo estudo anatômico das artérias, isto é, pelo que se chamava anatomia da textura, e hoje histologia do sistema arterial. Mostra-nos, usando a nomenclatura da época, as diferentes camadas de tecido de que se compõem as artérias, ressaltando, nas do cérebro, o papel das diversas camadas de tecido na contratilidade desses vasos. Ele o faz estadeado em citações de autores que se tornaram clássicos e cujas opiniões analisa com critério, para então concluir: "Agora, volvendo rapidamente os olhos ao terreno, que vem percorrido, vê-se que, seja pela razão anatômica de não possuírem feveras elásticas; seja pelas terem delgadas, seja pelas terem de si mesmas, por exceção material, menos resistentes; ou seja, ao cabo, por outro motivo, as artérias encefálicas, assim as mais tênues, como as mais calibrosas, oferecem um fato, mais ou menos observado ou sabido, que as separa, pela ausência de uma das propriedades mais gerais dos vasos desta ordem, dos demais canais encarregados da circulação arterial: — gozam, pois, pode-se crêr até certo ponto, as artérias do cérebro, em menor grau, da elasticidade comum."

João Barbosa de fato estuda o sistema circulatório, focalizando alguns dados históricos sobre a descoberta da circulação e é quando se mostra menos prêso a questões religiosas: o que não aconteceu quando escreveu a tese de doutoramento. Analisa apreciações e teorias sobre o papel desempenhado pelas paredes das artérias na circulação. Cita Kaltembrunner, que, com outros fisiologistas, "não concede às paredes arteriais nenhuma parte ativa

no movimento sanguíneo”, embora “alguma elasticidade lhes não contesta, que favoreça de algum modo o impulso comunicado ao sangue pelo coração.” Traz à discussão Magendie, que “não reconhece nas artérias senão a passibilidade de elasticidade, em virtude das experiências que fez, e atribui-lhe a ela só, por exageração insustentável, toda a ação, que se nota destes vasos sobre a massa sanguínea” e, finalmente, as asserções de Milne-Edward ao afirmar que “é pela elasticidade arterial que o movimento impresso ao sangue, de intermitente que era, se transforma em movimento contínuo.”

Pondera o papel desempenhado pelo coração no dinamismo circulatório e cita os magistrais trabalhos de Burdach, não se esquecendo de lembrar que “já Platão sabia que o coração envia o suco vital...”

A luz dos mais recentes trabalhos sobre a fisiologia do sistema circulatório, principalmente à luz dos ensinamentos dos sábios alemães, cuja fisiologia é, “não há negá-lo, muito mais profunda e rica do que a francesa, segundo é pensamento geral, mesmo em França”, o autor estuda, minuciosamente, as mais recentes experiências e as mais novas aquisições no vasto e complexo capítulo da fisiologia do aparelho circulatório humano, sendo, talvez, essa, a parte mais importante do seu trabalho.

Após essa visão panorâmica da fisiologia do sistema circulatório, João Barbosa de Oliveira conclui, admitindo que as artérias não são apenas condutos da corrente sanguínea, tendo, pelo contrário, uma ação propulsora. Porque, escreve, “semelham o coração nos pontos essenciais, logo otram.” Esta participação ativa é devida, assevera êle, à elasti-

cidade de suas paredes, elasticidade esta "que tem por efeito exercer uma pressão sobre o sangue, de modo que depois de haverem sido distendidas, voltam sobre si e restituam assim à força impulsiva, que o sangue recebera do coração, tudo aquilo que as paredes, por sua distensão, lhe havia feito perder."

De posse desses dados histo-fisiológicos, pergunta: "Ora, se pelo geral do sistema arterial essa propriedade tem o fim que se acaba de deduzir; nas artérias do cérebro, onde é mais fraca, pergunta-se, a que fim o será, isto é, porque razão (plausível ante a ciência) a natureza não deu às artérias cerebrais o mesmo grau, que às mais? É a frase do meu ponto".

Para dar mais clareza ao assunto, e a fim de poder responder à pergunta feita, passa João Barbosa a tecer longas considerações sobre a anatomia do sistema circulatório, principalmente dos vasos cerebrais, não se esquecendo de analisar a ação do sistema nervoso sobre a função das artérias.

Baseado em experiências realizadas pelos mais notáveis mestres da época, e em estudos de histologia e anatomia efetuados nos grandes centros da França, Alemanha, Inglaterra e Estados-Unidos, o médico baiano, com um bom senso admirável, conclui :

— Logo, o resultado das minhas indagações sobre a razão *provável* (que a certa não me é dado conhecer) de terem as artérias cerebrais menor elasticidade que as mais; o resultado, digo, a que mais me autoriza o estudo de poucos dias é este: — nas artérias do cérebro a sua menor elasticidade é para *contribuir* para que a circulação seja menos acelerada: fato fisiológico que existe, e cujo fim é sem dúvida poupar a delicadeza da massa encefálica.

Esta probabilidade se corrobora também na patologia: porque com ela se explica como, mau grado as lesões do coração que lhe aumentam a força impulsiva, ainda assim o cérebro, na maior parte das vezes, não apresenta a sua circulação acelerada a êsse ponto, que arruine a vida ordinária do encéfalo.

Com os dados que possuía, de acôrdo com o estado da ciência da época, com a sua pouca prática em assuntos desta natureza, com a falta de livros a completar os estudos e pesquisas, e à luz dos conhecimentos dessa primeira metade do século XIX, em que se forjavam as bases da ciência moderna, a resposta dada por João Barbosa à questão proposta, é, inegavelmente, a única que êle podia dar, a única a se esperar de um médico estudioso e culto. Não arquitetou teorias, não inventou interpretações; limitou-se, apenas, alardeando erudição, a expôr os fatos e sobre êles é que concluiu, prudente.

Nesse seu trabalho não há mais a defesa direta do vitalismo "que só se mantinha de pé porque estava mais conforme com a Teologia", segundo afirmou Barbosa de Oliveira em sua tese inaugural.

Os anos decorridos após sua formatura até 1846, as leituras a que se entregara, como que o fizeram mais realista, mais objetivo, sem contudo lançá-lo no materialismo exagerado e prejudicial. De fato, o seu espírito como que vacila entre a ciência analítica e materialista, da época em que vivia, e o vitalismo montpeleriano; não se deixa, porém, vencer pelas tendências do momento, embora reconhecendo os progressos das ciências positivas.

Assim é que, depois de responder, à luz da ciência de então, a questão proposta, reafirma êle, por-

dever de consciência, as suas idéias filosóficas, e mostra que novos estudos feitos, de modo algum modificaram o seu pensamento.

Podia fazer aqui ponto final no meu trabalho; antes, porém, quero pôr aqui algumas explicações. Para mim, com ser vitalista, a vida não é um tecido de puro eter, não; o vitalismo não desconhece que o maravilhoso da vida se manifesta mesmo no seu lado o mais material, visto como o mecanismo em que se ela realiza, não lhe vem de fora, por ela mesmo é criado.

Eu, como um médico que tem-se servido dos seus muitos conhecimentos físicos em proveito do reconhecimento das leis da vida, penso como êle mesmo (Pelletan) elegantemente se exprime, que muitas vêzes cada fenómeno da vida se executa de algum modo, segundo a diagonal de um paralelogramo, cujos lados são representados pelas forças vitais, e as potências orgânicas.

Não sou como aquêles homens que experimentam mais particular prazer em negar a evidência e combater aquillo que o senso comum admite, procurando dest'arte as alegrias que acompanham a idéia de possuir conhecimentos superiores aos dos espíritos vulgares; e para quem sôbre isso, a vida parece perder o seu brilho ideal, quando se reduz a um simples mecanismo uma parte de suas manifestações tão essencial como a circulação do sangue; — não, não lhes pertença.

Depois de citar célebre frase de Bonald, que dissera ser o homem uma inteligência servida por órgãos, João Barbosa firma, definitivamente, o seu ponto de vista, essencialmente vitalista: "não curvo um fato do organismo às conseqüências de uma teoria de física, que lhe aplico para explicá-lo; portanto, se esta teoria se opuser logo de princípio a

um fato vital, eu a sacrificarei; ainda que me condene a não lhe saber nenhuma explicação." Conclusão um tanto paradoxal, mas que representa o seu modo de sentir e pensar.

Por fim o jovem médico estuda as lesões cerebrais provenientes de distúrbios circulatórios, criticando as opiniões de Pelletan, e Arnott, voltando então a insistir em que se as artérias cerebrais são menos elásticas "é para contribuir para que a circulação cerebral seja menos acelerada, poupando desta forma a delicadeza do encéfalo." E, com certa ênfase, escreve: "Acresce que a opinião, que manteenho, andava aí escondida em algumas linhas da ciência, sem nada que falassem em seu favor, que lhe desse fóros; fui eu que, achando-a plausível, lhe exhibi alguns títulos, lhe forneci alguns documentos, e alguns raciocínios lhe ministrei: meu e só meu é êsse método de demonstrar, êsse sistema de defender, e essa maneira de objetar as outras idéias, mais ou menos rivais, que lembrei por último."

Sem tempo para "incubação da reflexão", o que impediu Barbosa de Oliveira "caminhar longe e devagar, donde trouxesse cousa, que fecundasse um pouco semelhante matéria, que já de si mesmo é esterilíssima como talvez outra nenhuma em fisiologia"; a pobreza do meio "falta de livros", impossibilitando ser mais completo: um trabalho assim elaborado, dá a impressão de que o autor conseguiu contornar êsses elementos negativos com a habilitade de raciocínio e a cultura médica que possuía.

A prova escrita do concurso a que se submeteu João José Barbosa de Oliveira, candidato a uma ca-

deira de *Substituto da Secção Médica*, versou sobre assunto que se prestava a certas divagações de ordem filosófica, e teve então oportunidade de fazer novamente profissão de fé como adepto da Escola Vitalista, ou melhor, da medicina tradicional hipocrática, da qual aquela se dizia legítima herdeira.

No número 9, correspondente ao mês de maio de 1846, do *Arquivo Médico Brasileiro*, foi publicada a prova escrita de João Barbosa. Para escrevê-la teve o candidato "seis horas dessocorrido de todo é qualquer livro", conforme insistiu em dizer.

"O que seja a doença, e quais as considerações sobre a sua sede, em geral?" — eis a questão proposta pela banca examinadora.

"Antes de tudo, escreve João Barbosa, entendamos o problema que se nos propõe. Duas partes abrange este ponto; qual delas a mais importante: 1.º — Doença o que é? 2.º — As considerações que em geral sobre sua sede se pode fazer, quais são?"

Dividido assim o assunto, passa o candidato às respostas. "A doença, escreve êle, supõe a vida; porque nos corpos inorgânicos o fenômeno, que se significa nesta palavra, não existe; primeiro, pois, importa saber a vida o que é em si."

A vida tem sido considerada, pondera João Barbosa, de acôrdo com os sistemas do momento predominantes na medicina, os quais, entretanto, se dividem pelas duas tendências diferentes do pensamento humano, isto é: "a estrada estreita do materialismo a esterilizar tôda flor do mundo intelectual e moral e a estrada larga, bela e abençoada — a do espiritualismo; — de um lado Aristóteles, de outro Platão.

Esta guia para o espiritualismo purificado dos erros de Stahl e Van Helmont, conscienciosa repelindo as hipóteses, abraçando insuspeita os métodos que nas ciências físicas as levaram a êsse esplendor extraordinário que as tornou invasoras; êste espiritualismo, se assim definido tal nome lhe compete, é a doutrina vitalista, conservada desde Hipócrates fidelissimamente, pela Escola de Montpellier...

Acrescenta João Barbosa :

Tomo, portanto, a êles (Bordeu e seus continuadores) por guia e com êles penso, sem agora me dar a demonstrá-lo por falta de tempo, que a vida é um fato positivo, impalpável, real, pôsto que escapando à alçada dos nossos sentidos; não resultando do organismo, do llame material dos órgãos entre si, não tendo só na textura anatômica da economia sua razão suficiente de existência; mas antecedendo a êstes órgãos, que são seus instrumentos; mas precedendo a essa organização que ela só prepara seus desenvolvimentos posteriores; dependente do tecido bem como êste dela; mas a ela superior e seu autócrata, como todo agente, tôda causa, tôda inteligência estão a cavaleiro do seu instrumento, do seu efeito e dos átomos enfim.

Neste período, a mais pura ortodoxia vitalista.

Citando Barthez, para quem o vitalismo procedia dos ensinamentos do médico de Cós, para, sob o nome dêste patrono, chegar até a medicina moderno, "pour opposer jusque dans les termes une digne insurmontable au flot toujours montant des sciences physiques et chimiques", mostrava João Barbosa que êste movimento era, ao mesmo tempo, uma reação ao espírito cartesiano, que procurava explicar as manifestações vitais, exclusivamente, pelas pro-

priedades mecânicas ou químicas da matéria viva, separando-as do mundo da alma, ou melhor, do espírito.

A reação nascera, de fato, com Stahl, e firmava-se com Bordeu, Barthez e seus discípulos, para quem os fenômenos fisiológicos eram efeitos imediatos do Princípio Vital: por isso o discípulo baiano, seguindo os cânones da Escola, afirmava "que os órgãos são os instrumentos dêste princípio vital". E como Hahnemann fôra o mais ortodoxo dos vitalistas, aquêle que mais apurou a doutrina tal qual era originariamente, não vacila João Barbosa em escrever estas palavras:

Lembro-me aqui de uma doutrina exagerada e estulta em seus devaneios práticos, e sua posologia, no fanatismo, e falta de fé de seus asseclas; mas lógica, forte e experimental na sua base ou núcleo, nos seus métodos; doutrina que combato, e em que não creio se não neste ponto único de contacto com a ortodoxia vital, e tanto que o Sr. Risuêno d'Amador, professor célebre de Montpellier, dêste ponto, também a defendeu, — falo da Homeopatia — e tenho com ela que a vida não se compara com uma máquina pneumática ou hidráulica, que só, consigo se compara, que é uma força finalmente.

Neste trecho da prova escrita do médico baiano, vemos que, como a maioria dos seus contemporâneos, êle combatia certos princípios da medicina homeopática, não deixando, porém, de reconhecer que ela era "lógica, forte, experimental na sua base ou núcleo, nos seus métodos", isto é, aceitava as suas conclusões no que confirmavam o hipocratismo, mas, ao mesmo tempo, combatia a sua unilateralidade.

A irreductibilidade dos alopatas e dos homeopatas é que cavou, entre elles, um abismo, e sem se completarem, combateram-se. Houve, assim, os que à compreensão ampla de Hipócrates, preferiram a unilateralidade de Galeno ou Hahnemann, esquecendo-se de que o Asclepiades immortal afirmara que a experiência nos ensina que as moléstias se curam não sòmente pelos contrários, mas, algumas vèzes, pelos semelhantes.

Assentada a concepção vitalista, João Barbosa passa ao assunto pròpriamente da tese: "O que seja a doença".

A doença, [escreve] não é uma alteração nos quatro humores antigos de Galeno; não é o desconcerto de uma máquina física, de Boerhaaver; não é a introdução de um sal do enxôfre, dos iatro-químicos passados, e de Paracelso principalmente, chamado tão injustamente por Trousseau o Príncipe dos charlatães; não é o predomínio do princípio mau sôbre o bom, como o quiseram alguns médicos alemães embebidos nas filosofias estultas dos indiáticos; não é o resultado da desarmonia das fôrças polares, na opinião dessa escola, também da Alemanha, filha da sua metafísica nebulosa que Broussais puniu tão enèrgicamente na sua obra — *Exame das doutrinas médicas*; não é a consequência de alterações anatômicas dos sólidos, que quando as não vê, as supõe a escola chamada solidista, ou materialista, que não nasceu de Bichat, nem de Cullen, nem Brown, nem mesmo de Themison; mas que na história da medicina se encontra nascendo na Escola antagonista da de Cós, na escola que não deixou monumentos, nem saudades aos profundos no pensar, na Escola de Cnido, com quem o nosso Patriarca empunhou sempre com vitória o ferro da discussão; não é nada disso, a doença para o espírito não sei se eclético, mas desapaixonado e severo, que a encara sem idéia

preconcebida... a doença — aceitando uma definição que não é má, e que tem voga em escritos de André, Cruvelhier, etc., e a qual explica o meu pensamento, já no chão da patologia, é luta entre as forças brutas e as forças vitais.

Analisa os diversos conceitos formulados a respeito de doença, detendo-se principalmente no dos vitalistas, o qual João Barbosa avanta a todos. Mas em seguida tem que entrar na questão da sede de cada moléstia, e adverte:

“Mas cercando-me do assunto, para podê-lo ventilar, conheçamos naturalmente primeiro o que se entende por sede”.

Como hipocrático repele as doutrinas localísticas, voltando a atenção para as “Sentenças Cnidianas”, atribuídas a Ctésias, até para as idéias do seu tempo, em que predominava a anatomia com os seus conhecimentos e em que a cirurgia tomava grande impulso.

Admite, que “de fato existem moléstias cuja sede é evidente, pois assim o prova a anatomia patológica ou melhor a patologia externa”. Mas adverte que outras há “que ou não têm sede ou se a têm, alargando a acção da palavra, é na economia, no organismo vivo, expressão que abrange mais do que aquillo que no anfiteatro se palpa, se corta, se mutila, ou se pesa, se macera ou queima... logo” (conclui) “posso inferir do que venho de escrever sobre a sede, (que) esta se dá no órgão, no conteúdo dos órgãos (os líquidos da economia) e no *Princípio da Harmonia* de Lordat; *Princípio Vital* de Barthez; ou em linguagem mais rigorosa, há doenças que têm sede

nos tecidos e estas são mais ou menos locais e outras há que a não têm”.

Repõe assim em termos a verdade hipocrática, rebatendo a teoria localística das moléstias, mais aceita no momento, e exalta a superioridade do espírito clínico sobre o espírito anatómico, mostrando a importância do terreno no desenvolvimento de certas moléstias.

A respeito da tuberculose, por exemplo, escreve:

Certo a tísica não se cifra nos tubérculos pulmonares, não; que esta é uma das moléstias de que falei acima, cuja sede, ou não há, ou só no individuo inteiro se há de pôr; o tísico não sofre só do peito, tôdas as demais funções particulares, ou gerais, na expressão de Galeno e de Lordat, ou simultânea ou sucessivamente se apresentam alteradas; antes mesmo de fazer no pulmão manifestação local demonstrativa da tísica, todo o individuo pouco a pouco, talvez já no bérço, por uma herança fatal, preparava êsses tubérculos que, mais tarde, no tecido do pulmão se localizam, e passam por suas conhecidas fases; esta verdade, incontestável para os antigos e hoje seguida pela maioria dos patólogos de tôdas as seitas está hoje, mais seguramente assentada...

A sua prova escrita, termina enunciando os conceitos e preceitos que a medicina moderna endossa e adota, e cita êste velho aforisma verdadeiro, bem profundamente colhido na clínica: “pleurites não as há, há pleuríticos”.

Nesta prova de concurso João Barbosa de Oliveira defende o primado do espírito clínico sobre os conhecimentos anatómicos, sobre o localismo da época. Aquêlé é o bom guia; êstes, os auxiliares prestan-

tes. Hipocratista convicto, insurge-se contra os que não reconhecem a importância do terreno, então relegada para segundo plano. Expõe e adota as idéias básicas da moderna clínica constitucionalista, assente no conceito unitário e correlacionista do organismo, e que, lembra Rocha Vaz, só não no vêem os que não enxergam a luz solar. E fica assim firmado o grande princípio de que não há doenças estritamente locais, senão na aparência: toda doença é geral. *Morbus totius substantia*.

Brilhantemente defendeu idéias que a medicina moderna adota e hoje são tidas por base da arte de curar; porém, não conseguiu aprovação no concurso para uma cadeira de *Professor Substituto da Faculdade de Medicina* de sua terra natal! Daí estas palavras melancólicas do seu primo e protetor, o Conselheiro Albino: "... depois assisti a prova oral de João José, que não tirou a cadeira, não por falta de merecimento..."

Merecimento, talento, cultura, tinha-os João Barbosa. Talvez a sua atitude em contraposição com o pensamento médico, da época, desafiasse tempestades contrárias a ele. Mas tudo isso são conjecturas, pois, como já fizemos notar, faltam documentos concludentes no caso.

Não resta dúvida, porém, que a sua prova escrita causou sensação no meio médico balano, tanto assim que, em torno dela, travou-se uma discussão entre o autor e o Dr. Antônio José Alves, uma das mais notáveis figuras da cirurgia nacional e homem dotado de cultura invulgar, que não terçaria armas com qualquer. Na opinião de seus contemporâneos, Antônio José Alves era homem de saber enciclopédico,

com superiores qualidades de professor. Publicou êle, no *Crepúsculo*, um artigo intitulado: *Refutação da prova escrita do Dr. João José Barbosa de Oliveira: o que seja a doença e quais as considerações sobre a sua sede*. Quem contesta de público é que sabe que merece contestar.

O número do citado jornal, hoje quase que impossível de encontrar, trazia a refutação de Antônio José Alves aos conceitos emitidos por João Barbosa, na prova escrita. Destacar conceito não é desmerecer na cultura de alguém, é discordar de uma opinião, mas é reconhecer que a acompanha o valor de quem conceituou. Antônio José Alves o deve ter feito na linguagem elevada, que o caracterizava, e penso que o seu ataque a um colega se manteve no nível superior dos debates da ciência. É óbvio que o cirurgião, recentemente chegado da França, onde predominava o espírito anatómico, localístico, discordasse das idéas do médico hipocratista e vitalista. E, talvez, também, não fôsse muito do agrado do pai de Castro Alves o estilo retórico de João Barbosa, que êle considerava impróprio no caso.

João José Barbosa de Oliveira, no entretanto, não se manteve silencioso. Responde à crítica de Antônio José Alves, em longo artigo publicado parcialmente no *O Mosaico* de 1846, páginas 217 a 223 e 234 a 238, artigo que, informa Sacramento Blake, o autor não chegou a concluir.

Dado o insucesso no concurso para a Faculdade de Medicina, João José Barbosa de Oliveira como que dá por encerrada a vida profissional e se lança na política, esperando nela representar um papel de destaque. Porém, o seu temperamento, o seu cará-

ter, a sua intransigência, são escolhos a obstruir-lhe o caminho da ascensão política.

Em 1847, juntamente com outros nomes ilustres, é nomeado pelo Presidente da Província para uma comissão encarregada de estudar a construção da Penitenciária da Bahia. O relatório apresentado pela referida comissão, e que, conforme admite historiador coetâneo, talvez seja da autoria de João José Barbosa, é obra notável, mesmo levada em conta a época de que data. Nesse documento, é analisada, minuciosamente, a situação penitenciária do país e o espírito dos grandes sistemas que havia. São sugeridos os requisitos que convinhão a uma penitenciária na cidade do Salvador. No final do trabalho, em diversos itens, são lembradas as condições higiênicas de ordem geral e individual necessárias em um estabelecimento dessa natureza.

Lendo esse relatório, somos levados a afirmar que o autor, ou aquele que maior colaboração prestou foi, de fato, João Barbosa. Além do estilo, as idéias são as dele, são, embora mais amadurecidas, as mesmas expendidas pelo doutorando em sua tese de doutoramento.

VI

A P O L Í T I C A

COMEÇA depois, para o jovem médico nova fase de vida, e o seu destino toma o rumo que sempre o agradara. A medicina ficara representando mero acidente. A política, sim, com os seus êxitos e insucessos, é que serve para o espírito irrequieto e vaidoso de João Barbosa.

Ao ingressar na política partidária de sua Província, o faz filiando-se ao Partido Liberal, cujas idéias adotara desde os tempos de estudante, e pelas quais ia sacrificando os estudos médicos, quando acadêmico.

Mas João Barbosa, ao ingressar na política, não sentiu que o seu temperamento jamais o faria um grande político, um aglutinador de homens, um chefe. Não sabia esquecer; tinha mais espírito de clã do que espírito político. Homem de talento e vasta cultura, deixou-se quase sempre dominar pelos ódios locais, pelas tricas de arrabalde. Alardeando independência, desprezando certas conve-

niências de ordem política, quis ser algumas vezes defensor de grandes idéias, doutrinário, mas o meio, a que se prendia, não o compreende, nem tão pouco êle o compreendeu, e, irritado, "deblaterava contra tudo e contra todos, ferindo até mesmo amigos e parentes."

Assim, nem mesmo na política encontrou a glória, a posição, os aplausos, com que sonhara. De fato, pertencendo à elite intelectual da terra, isolado que ficou, não desceu a escutar os anseios e os sofrimentos do povo. Orgulhoso, jamais cortejou as graças dos chefes do Partido. E, sem êsses esteios, a sua passagem pela política do Império foi rápida. O seu anti-escravismo, embora sincero, manteve-se sentimental, quase que religioso, e não passou do terreno das cogitações filosóficas. Foi talvez precursor da geração a que pertenceriam seu filho, Castro Alves, Joaquim Nabuco e tantos outros: mas um precursor que se antecipava na questão.

Possuindo amigos e parentes influentes no Partido Liberal, é em 1848 eleito deputado à Assembléia Provincial. Logo no ano seguinte, porém, organizou-se um gabinete Conservador e João Barbosa não seria reeleito. "Começava mal, e os adversários iriam rir-se dêste estreante infeliz. Idéia insupportável, para um homem orgulhoso!" — lembra Luís Viana Filho.

Voltaria eleito, é certo, mas em outras legislaturas. Aí sua voz ressoa em discursos famosos, em prol da educação do povo, da moralidade administrativa e da melhoria de serviços de hygiene pública. Infelizmente, todos os seus projetos e idéias fica-

ram sem eco, não foram postos em prática, salvo as referentes à instrução pública, em que a sua atuação se tornou efetiva na época em que a dirigiu, na Bahia.

No mesmo ano em que toma posse da cadeira de deputado provincial, isto é, em 1848, casa-se João Barbosa com sua prima D. Maria Adélia Barbosa de Oliveira, moça calma e prendada. Esse enlace encontrou oposição por parte dos pais da noiva, isto é, dos tios de João Barbosa, porque talvez não lhes agradava ver a filha casada com um moço inteligente e deputado, porém sonhador e que não encarava a vida pelo lado objetivo.

Em 31 de outubro de 1849 a Câmara Provincial encerrava as suas sessões, e, para a legislatura seguinte não voltaria João Barbosa. Nessa situação decepcionante para quem traz encargos de família e contava com os subsídios de deputado para viver, é que um acontecimento de relêvo enche de alegria o lar de João Barbosa: no dia 5 de novembro daquele ano de 1849 nascia, numa casa da Rua dos Capitães, o primogênito do casal Barbosa de Oliveira, e que, em homenagem ao avô, recebe o nome de Rui.

O nascimento da criança deu-se no momento trágico em que a cidade de Salvador estava devastada pela febre amarela, terrível flagelo que desde o século XVII não castigava as plagas baianas. Alastrou-se a tremenda epidemia, ceifando milhares de vidas, trazendo luto a todos os lares, e provocando o êxodo da população para o interior da Província.

Antônio Caldas Coni, em trabalho publicado em *A Tarde* de 5 de novembro do corrente ano, descre-

ve-nos, em tôda a sua tremenda realidade, êsse surto amarílico, assinalando, ao mesmo tempo, as medidas sanitárias tomadas pelo govêrno, e a atitude assumida pelos médicos locais principalmente Silva Lima, Petterson e Otto Wurcherer, que representam uma época brilhante, ativa, da medicina baiana.

Podemos avaliar a angústia e os sobressaltos dos pais de Rui sentindo que a qualquer momento a epidemia podia entrar-lhes em casa e roubar-lhes o primeiro filho que nascia.

A epidemia, lançando então raízes no Brasil para freqüentá-lo por quase um século, até que viesse Osvaldo Cruz debelar o mal, cedeu, em todo caso, nos meados do ano seguinte, para a cidade, aos poucos, retomar a sua vida normal.

Em maio do ano de 1850 é que se realizava, com pompa, na capela particular da residência do rico negociante Antônio Gravatá, o batismo da criança, ingressando, assim, para as hostes da Igreja Católica aquêle que seria o maior dos filhos da Província Baiana.

Os dissabores políticos e dificuldades financeiras não abateram, entretanto, o ânimo de João Barbosa de Oliveira. Quando o julgavam um vencido, eis que êle ressurgiu dirigindo, combativo, o jornal *O Século*, de cuja redação recebera a seguinte carta:

"Ilmo. Sr.

A Direção Central manda participar a V. S. que tendo sido incumbido pela Sociedade, em Sessão de 25 do corrente, de resolver sobre a maneira porque a imprensa devia, como convinha, ser fortalecida e organizada,

tomou entre outras providências o acôrdo de entregar a Redação do *Século* a dois redatores, com honorários cada um de 600\$, enquanto as fôrças do cofre não ofereceram proporções para elevá-lo, passando para a administração da Direção o estabelecimento tipográfico; e em consequência foi V. S. nomeado, com o Sr. Dr. Malaquias Alvares dos Santos para êste encargo, competindo a V. S. a categoria da primeira e de tôdas as obrigações desta graduação, certo V. S. de que acha-se igualmente nomeada uma comissão de nove membros (cujos nomes constam da lista junto) que devem ajudá-lo com as produções de suas luzes ministrando artigos.

A Direção Central, ordenando-me esta comunicação, lisongeia-se de que encontrará no patriotismo de V. S., e dedicação pelo partido, que tanto lhe tem merecido, aquêle acôrdo que é indispensável para o triunfo dos princípios, dignando-se de aceitar esta comissão, com o que certamente faz V. S. o mais assinalado serviço que pode receber nosso partido cuja vida reduz-se atualmente a existência com vigor, lucidez e crédito de sua imprensa, a qual até hoje tantos desvelos e lustre tem V. S. dispendido".

Deus guarde a V. S.

Bahia, 31 de agôsto de 1850.

Ass.) *Luís Antônio Barbosa de Almeida*

— Secretário do D. Central.

Ilmo. Sr. Dr. João José Barbosa d'Oliveira.

A frente de *O Século*, fôlha dos liberais, manteve-se João Barbosa por algum tempo.

Enquanto isso, o seu lar aumentava com o nascimento, essa vez de uma menina, Brites. Cresciam os encargos de família. Mas João Barbosa, sonhando sempre com próximas vitórias políticas, nem pensa em clinicar. Lia clássicos, "escrevendo violentos ar-

tigos contra os adversários, responsabilizando-os por todos os males do país."

"Maria Adélia", lembra Luís Viana, "compreendendo então que o marido não estava disposto ao sacrifício do seu direito de sonhar com triunfos imaginários, mobilizou os escravos da casa, organizando pequeno fabrico de doces. Isso foi providencial. De manhã a noite, negros semi-nus trabalhavam em torno de grandes tachos de cobre, donde rescendia agradável cheiro de açúcar. Não pediu mais dinheiro ao marido."

Enquanto os negros se afadigavam no fabrico de doces para que a casa se mantivesse com a indústria doméstica, o seu chefe, o liberal e anti-escravista, talvez não maldissesse tanto a injustiça da instituição servil... Podia então entregar-se, enquanto trabalhavam os escravos, às suas leituras prediletas e receber, em sua residência, amigos para discutir assuntos políticos. Em pouco tempo a casa da rua dos Capitães era ponto obrigatório dos liberais de certa importância. Nas horas vagas João Barbosa escrevia versos, enquanto Maria Adélia contava os parcos lucros da sua indústria doméstica...

João Barbosa, êsse D. Quixote da política, êsse egresso da medicina, essa criatura para a qual tudo eram sonhos e vitórias imaginárias, foi, entretanto, um realista ao enfrentar o problema educacional do filho. Neste ponto, chamem-lhe um pai exemplar. Ao primogênito, dedicou todo o desvêlo, todo o carinho, não descurando um só instante de segui-lo, vigiá-lo e orientá-lo na sua formação moral e intelectual. "Idealizou, para a educação do menino, um

vasto programa de estudos, e, nesse particular, foi inflexível.”

Rui Barbosa, durante toda a sua longa existência, como que sempre trouxe a marca desta educação. Ao pai sempre se referia como tendo sido o seu guia espiritual.

Inegavelmente, aconteceu que João José Barbosa de Oliveira foi um pedagogo excepcional, e em condições muito especiais. A essa elevada missão o trouxeram dois estímulos poderosos: o orgulho e a sua vaidade ferida.

As suas grandes qualidades de educador manifestaram-se ao orientar a formação moral e intelectual do filho, que ele preparava “para ser um erudito, um orador”, chamando-o a cada instante para ler e decorar longos trechos, pois queria-o um clássico, um humanista, na mais larga acepção do termo.

Em ocasião oportuna entrega a educação do menino ao Dr. Abílio César Borges, então educador de mais fama na Bahia, cujo colégio era freqüentado pelos filhos da alta burguesia soteropolitana.

Abílio César Borges era, como ele, médico e, como João Barbosa, trocara a medicina por outras atividades. O futuro barão de Macaúbas escolhera, porém, a útil e patriótica profissão de educador, onde foi inextinguível em zelo, trabalho e método. Um revolucionário em matéria educacional, naquela primeira metade do século XIX, educou, orientou e formou uma plêiade ilustre de poetas, literatos, humanistas e políticos, que deram à Bahia grande relevo na vida social e política do Império.

Espírito profundamente nacionalista, um dos pontos básicos de sua pedagogia era incutir nos

alunos acendrado amor à pátria. Ensinando-os a colocarem os interesses do Brasil acima dos interesses locais, da Província, seguia a velha tradição do espírito baiano ainda hoje mantida. E, por isso, o seu colégio foi uma escola de estadistas, no sentido largo do termo. O seu nacionalismo tinha um sentido amplo, profundo, sem as deformações do jacobinismo demagógico. Essa orientação dada pelo mestre insigne aos seus alunos é que preparou, inegavelmente, a grandeza dos estadistas baianos no cenário político do país.

Assim, foi nesse colégio de alto padrão educacional, e em casa, sob a supervisão do pai, que se formou o espírito dêsse que seria o futuro defensor dos mais altos interesses do Brasil nos prélhos políticos, nacionais e internacionais.

VII

DECEPÇÕES — A EPIDEMIA

EM 28 de abril de 1854, o Ministro do Império Luís Pedreira do Couto Ferraz, reorganiza com o Decreto n.º 1 387 o ensino médico, dando novos estatutos às Faculdades de Medicina. O artigo 193 da lei reformadora dizia: "O Governo fica autorizado a contratar, por tempo determinado, algum nacional ou estrangeiro de reconhecida habilitação, para ensinar algumas das matérias do curso médico, podendo, também, prover, pela primeira vez, as cadeiras criadas e as que se vagarem dentro do prazo de um ano, nomeando livremente os lentes."

João José Barbosa de Oliveira, baseado nesse dispositivo da lei, pleiteia um lugar de professor na Faculdade de Medicina. Julgava-se êle, como aluno laureado, com o direito de esperar, lembra Américo Jacobina Lacombe, uma nomeação para um dos cargos criados. Pretensão não de todo descabida, para quem se julgava com méritos, uma vez que via, favorecidos pela citada lei, serem nomeados antigos con-

discípulos seus, para o tradicional instituto do largo do Terreiro de Jesus.

Esquecia-se êle, porém, que os nomeados eram profissionais de fama, com nome feito no exercício da profissão e alguns mesmo, em época recente, leccionaram, em cursos livres, com grande resultado.

Mas o que certamente fez, talvez, o govêrno não nomear o irrequieto jornalista para o lugar ambicionado, foi o seu passado político e atual atitude de oposicionista à política conservadora do futuro barão de Bom Retiro.

Desgostoso com o que julgava injusta preterição, "fez ao venerando político ásperas e duras acusações, em carta dirigida ao primo, aliás amigo do Ministro" (*) dizendo:

Bahia, 11 de julho de 1855.

Meu primo e amigo do C.

... Eu calculei que seria sômente porque não queriam já e já tocar-me no *roubo do meu relógio*, que me fez o pobre Pedreira. Mas não é assim, meu bom amigo; eu não senti isso; pois que isso pôs-me a cinco passos acima da terra — visto que amigos e inimigos, todos dizem que eu merecia aquela nomeação, não a tive porque sou o Dr. João José Barbosa de Oliveira, entretanto que o pobre Pedreirinha é o pobre Pedreirinha.

Ele teve a baixeza de não perdoar-me as minhas idéias políticas, êle que anistiou o moedeiro falso Cândido Ribeiro; há maior glória para mim? Ele preferiu-me para dar lugar ao Seixas, que levou RR na Escola, onde fui laureado; mas o público aqui diz que a nomeação foi POR DINHEIRO... que maior grandeza para o pobre Pedreira!"

(*) AMÉRICO JACOBINA LACOMBE, *Mocidade e Exílio*, pgs. 36-38.

Eu receberia, pois, parabens, pois fui o coroadado.

Deus colocou a minha independência no fundo de minha alma e não em (em 4 vintens); na algibeira; pobre, bem pobre, estou léguas acima dêsse Pedreira."

E como há sempre um dia depois do outro, se êle nem eu morrermos já, espero ainda encontrar-me com êle no mesmo teatro do Parlamento e êle há de abaixar a testa pequenina, e apagar o riso falso, na presença de um homem de bem, que tem mais inteligência e fé do que êle.

O seu primo e amigo agradecido.

João.

O homem que era João Barbosa está de corpo inteiro retratado nessas linhas. Êle não se continha. Escreveu-as, pois, ao primo, desabafando e usando de um direito que lhe assistia. Atitudes arrebatadas, e diatribes faziam parte da sua índole, entretanto, no fundo boa. Era assim um direito! E quando lhe ocorria algum dissabor, dêle não fazia mistério: conversava a respeito em casa e na rua. Não era homem de guardar conveniências.

Abria-se, com o primo e amigo, em desabafo; mas ia ter com a maledicência da rua, atacando desapidadamente o estadista, que o não nomeara insinuando, também, com certa dose de despeito, que o beneficiado não merecia o lugar e o alcançara à custa de dinheiro: "como aqui se diz", acrescentava êle.

Quem conhece as decepções que espalham as injunções políticas, o pistolão, o compadresco, sabe perfeitamente quanto a atitude do Ministro Luís Pedreira do Couto Ferraz acabrunhara João Barbosa.

Mas descer daí à acusação do mais ínfimo dos interesses, há muita distância!

Podemos afirmar que o Dr. Domingos Rodrigues Seixas, o nomeado para o cargo de *Substituto da Secção Médica*, o lugar pleiteado por João Barbosa, era médico perfeitamente integrado na profissão. E nem sempre os acadêmicos laureados são os que mais tarde brilharão na vida prática e mais afeitos se mostram no desempenho da profissão que abraçaram. Aquêlê Domingos Rodrigues Seixas, que terminaria os seus dias a bordo de um navio, na barra do Rio de Janeiro, foi, acima de tudo, um dedicado à medicina. Abandonando família, amigos, seguiu para os campos do sul a fim de prestar serviços nos hospitais de sangue, durante a guerra do Paraguai. Além do mais, era escritor exímio, crítico atilado e a êle se deve a famosa descrição da terrível epidemia do cólera que devastou a Bahia, em 1855. A *Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia, de 1862*, é documento que louva o autor. Apresentada à Congregação dessa faculdade, de fato foi rejeitada para ser substituída por outra, "muito mais resumida, inteiramente despida de críticas e comentários, a qual foi aprovada." Domingos Seixas, no entretanto, publica, por conta própria, a *Memória Histórica* que escreveu e que é crítica cerrada acêrca do que ia pelo ensino médico da Bahia. Daí a rejeição...

Era, pois, Domingos Rodrigues Seixas um médico a pleitear de igual para igual com qualquer profissional, o lugar de professor da Faculdade, e com vantagens sôbre João Barbosa, que vivia afastado das lides médicas, empolgado pela política. Acredi-

tamos que não possuísse dinheiro para comprar ministros nem subornar quem menos fôsse...

Sabemos, entretanto, que o que João Barbosa escrevia em momentos tais, falava e comentava abertamente em roda de amigos, eram explosões do seu temperamento, desabaços de ocasião, a descarregarem o fel de suas amarguras, de suas desilusões. Passados êsses momentos, voltava a ser o homem fino, sociável, de bôa prosa, bem educado.

No ano de 1855, quando corria o mês de julho, aparecem no arrabalde do Rio Vermelho, os primeiros casos de cólera morbus. Em poucos dias terrível epidemia assolava a cidade do Salvador, alastrando-se pelo interior da Província, dizimando grande parte da população. Dir-se-ia que a rica e próspera Província sucumbia sob o açoite tremendo do cruel flagelo.

O Governo mobiliza os possíveis recursos para socorrer os pestosos. Apela para os médicos. Nessa ocasião, quando outros, faltando com o juramento sagrado, recolhiam-se, medrosos, a seus lares, João Barbosa de Oliveira é um dos primeiros a atender ao apêlo do Presidente da Província, o Dr. Alvaro Tibério Moncorvo de Lima. E' então nomeado, a 28 de agôsto, para dirigir um Pôsto Sanitário, situado entre a Ladeira de São Bento e a Rua dos Capitães, recomendando a portaria que o designava, que se prestasse, "igualmente, e com urgência, a obter ou indicar a casa em que êle deve ser estabelecido, e se encarregar de o montar, nomeando os enfermeiros necessários, e recebendo desta Presidência a ambulância e utensílios para o serviço do mesmo." (Doc. II)

Em 5 de setembro, o Presidente da Província, cuja atuação nessa hora angustiosa foi digna de louvores, convidava-o para que, "em desempenho dos deveres de sua nobre profissão", seguisse para a cidade de Santo Amaro (Doc. III), das que mais sofreram com a epidemia, e onde o Dr. Cipriano Barbosa Betâmio escreveu, com o sacrifício da própria vida, uma das mais brilhantes e comoventes páginas da história médica nacional.

Ignoramos se o Dr. João José Barbosa de Oliveira cumpriu a ordem do Presidente da Província, mas o que não resta dúvida é que a sua ação durante o flagelo foi digna de todos os louvores, entregando-se êle com heroísmo, dedicação e desprendimento ao socorro dos coléricos, conforme se lê em documentos. (Docs. V a VIII)

Mas a leitura desses documentos, atestados passados por pessoas gradas, "a bem da verdade", ou "por amor à verdade", a pedido do médico, sobre as suas atividades durante o flagelo, leva-nos a perguntar: qual a razão desses atestados, quando havia documentação oficial a demonstrar os seus serviços à população desolada?

Em um deles, datado de 24 de setembro desse ano, e assinado por Inácio José da Cunha, encontramos estas palavras: "admiro-me de que o que foi testemunhado por esta cidade, especialmente pela Freguesia da Sé, à vista de tantos médicos, quer quanto ao seu prestar assíduo e dedicadíssimo, quer quanto ao êxito feliz de seus curativos, possa ser objeto de dúvida; por motivo da qual estas coisas

afirma aquêle que muito preza a reputação, e a verdade de minhas palavras..." (Doc. VIII).

Talvez houve quem (e por que motivos desconhecemos!) negasse de público ou duvidasse dos serviços médicos prestados por João José Barbosa de Oliveira, naquele momento de desolação e dôr. Para prová-los é que êle apelou para amigos, colegas e autoridades.

Teriam êsses atestados a finalidade de justificar o não cumprimento da ordem do Presidente da Província, que o designara para servir na cidade de Santo Amaro, a mais assolada pelo mal?

A ordem do Presidente é datada de 5 de setembro e os atestados pedidos são todos de data posterior. Assim, pois, é bem provável que, alegando trabalho, necessidade de permanecer na Capital, onde seus serviços eram indispensáveis, João Barbosa, dado o acúmulo de trabalho e o desejo de não abandonar os doentes sob seus cuidados, recusasse seguir para a cidade dos Engenhos. Essa sua atitude teria pois motivado críticas que o teriam magoado; daí o pedir êle, por escrito, aquelas declarações, para se defender.

E' de lamentar que um homem, afastado da clínica preocupado com outras atividades, ao apresentar-se expontâneamente para prestar serviços médicos à população assolada pela peste, fôsse alvo de críticas e acusado de atitude menos digna. Vingança certamente de inimigos políticos, a acusarem êsse abnegado perante a opinião pública! Mas note-se que, nessa hora, o liberal intransigente enrola a bandeira partidária e serve, com desvêlo, o

conservador Alvaro Tibério Moncorvo de Lima, que substituíra, no govêrno, o barão de Cotegipe! E como o fez? Para atender uma população epidemiada.

Médico, João Barbosa, nesse momento em que a Província pagava pesadíssimo tributo a uma epidemia, coloca-se acima dos mesquinhos interesses partidários e aceita nomeação de um govêrno conservador. Atitude digna de respeito foi essa, entretanto não compreendida, pelos que cevam-se na política partidária, pelos que desrespeitam os compromissos morais de uma profissão, os juramentos do médico de pôr acima de tudo a vida do homem, a saúde do próximo.

Diante do enfêrmo, o médico não tem amigos ou inimigos, nem parentes ou estranhos: não tem partido! Apenas vê ante seus olhos a criatura humana, que sofre e que necessita dos seus cuidados. Todos são iguais perante a sua consciência de médico. E' nesse momento que êle se torna o que deve ser: um sacerdote da Medicina.

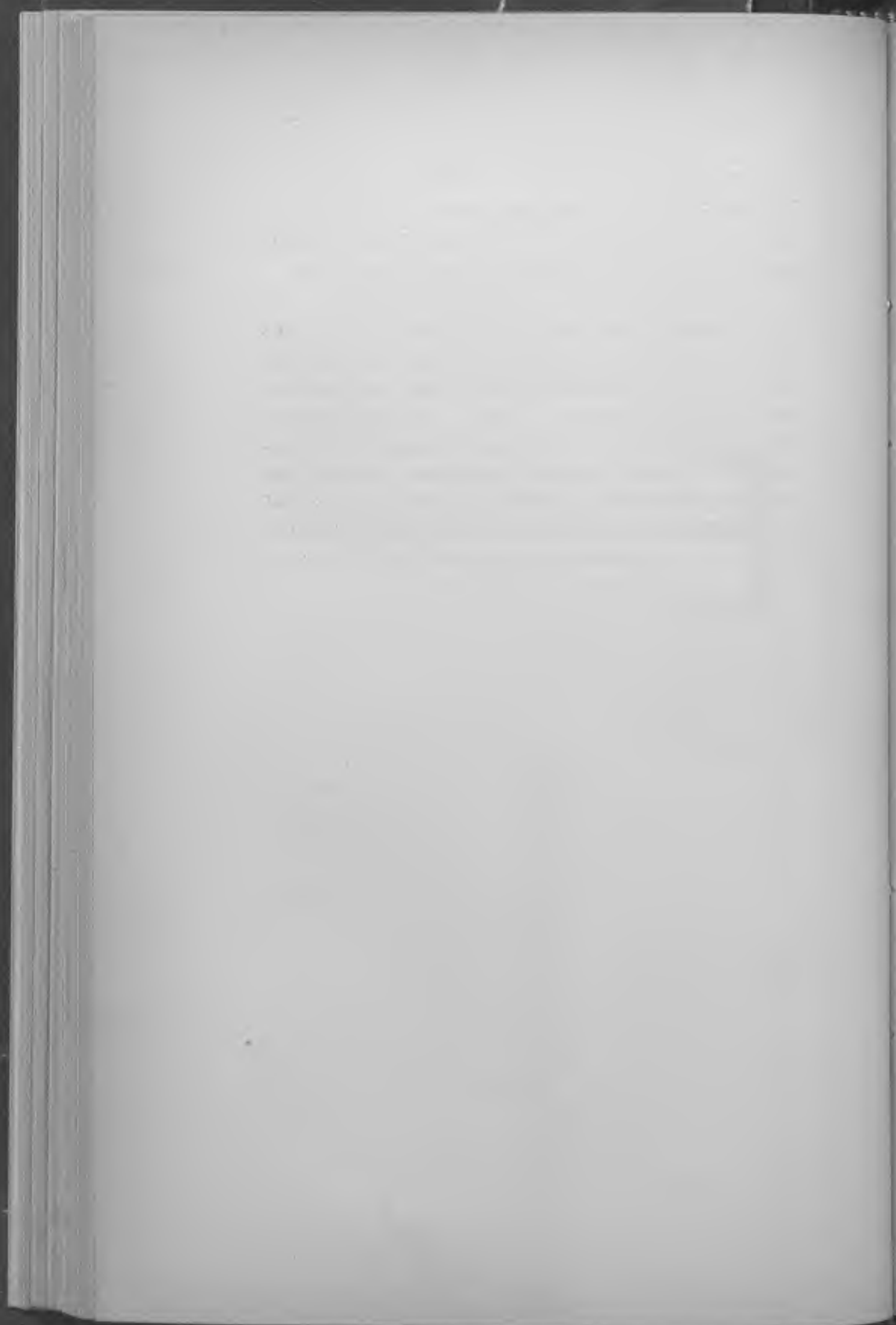
Foi talvez a fase mais brilhante e nobre da vida de João Barbosa, essa em que, ouvindo ecoar o juramento prestado em 1843, abandona todos os interesses, sopita todos os ressentimentos políticos e enfrenta o perigo, misturando-se com os doentes, percorrendo a cidade devastada, visitando principalmente o tugúrio do pobre, a senzala do escravo, para espalhar o bem.

E' aí que como que se redime de tôdas as suas culpas !

Em fins de maio de 1856, a epidemia que devastara os que não resistiram a ela, extingue-se natu-

ralmente. Matara, segundo cálculos otmistas, 29.600 pessoas. E custou, ao Govêrno Geral, 379 contos de réis, e à Província, muito mais, assevera Brás do Amaral.

Nesse ano, fato de grande alcance cultural já anima os meios intellectuais da Bahia: funda-se na cidade o Instituto Histórico da Bahia, que havia de ter duas fases. Entre os seus fundadores figura João José Barbosa de Oliveira. Sacramento Blake afirma que João Barbosa pertencera, também, ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o que não é exato, visto o seu nome não figurar na lista dos sócios da centenária instituição, conforme apuramos.



VIII

NA DIRETORIA GERAL DO ENSINO

Em julho de 1856, incidente de certa gravidade, ocorrido no Liceu Provincial, motiva logo o afastamento do Diretor Geral do Ensino, o Doutor Abílio César Borges. O fato, em seus pormenores, vem narrado na *Memória Histórica do Ensino Secundário Oficial da Bahia durante o primeiro século — 1837-1937*, da autoria dos distintos professores Gelásio de Farias, nosso saudoso mestre, e Francisco Conceição Meneses. (*).

O Diretor, não satisfeito com as providências tomadas, no caso, pelas autoridades competentes a respeito do incidente, demite-se abandonando o cargo sem esperar a nomeação de substituto.

Essa nomeação do substituto só se dará no governo liberal do Senador João Lins Vieira Cansação de Sinimbu, que exonerando o Dr. Abílio César Borges, chama para dirigir o ensino o Dr. João José Barbosa de Oliveira, então deputado. Durante o impedimento de João José Barbosa de Oliveira, que tem assento na Assembléia Provincial, interina-

(*) Pgs. 144-145.

mente exerce o cargo o Conselheiro Antônio de Azevedo Chaves, lente aposentado da Faculdade de Medicina.

Segundo notas escritas pelo próprio João Barbosa, existentes na *Casa de Rui Barbosa*, ele só assumiu o cargo em 31 de agosto do ano seguinte, isto é, em 1857.

Entrava, pois, João Barbosa a dirigir um setor da administração pública, no qual teria oportunidade de pôr em prática idéias hauridas em vastas leituras especializadas e há bastante tempo que amadurecidas. Mostra de fato de quanto seria capaz no terreno das realizações práticas. Pela primeira vez em sua vida encontrava ele o caminho pelo qual devia enveredar: o de reformador do anacrônico ensino de sua terra.

Ao findar o ano letivo, reúne dados, estuda as condições econômicas e sociais da Província e publica o seu célebre Relatório de 1857, onde se revela profundo analista da situação do ensino local. Mostra-se a par das mais recentes idéias pedagógicas; faz a etiologia do estado em que estava o ensino da província, diagnostica e aconselha a terapêutica a seguir no caso.

O mal, escreve ele, não está na deficiência intelectual dos professores nem na precariedade dos seus salários "pois nesta Província já hoje são os mestres primários mais bem pagos que em alguns pontos da Europa", mas sim na falta quase total de material escolar. "As suas aulas faltam livros em que a língua e a religião sejam condignamente ensinadas; a quase tôdas faltam prédios de proporções adaptadas, onde caibam e onde, sobretudo, o

ensino que lhes cometeu, dependente dêsses materiais, tenha cômodo para desenvolver-se, já não digo desafogadamente, mas estritamente.

"Tudo isso por falta de apóio da Assembléia à Diretoria Geral dos Estudos, autoridade mais nova, de disputada hierarquia por parte de quem devia exagerá-la, e cuja dotação orçamentária é exígua."

Analisa as condições do ensino primário, que mais é teórico do que prático; do ensino secundário, fazendo cerrada crítica das matérias do currículo e da existência de muitas, "que se não justificam", o mesmo fazendo, quanto ao ensino normal.

A solução do problema, que traça com mão de mestre, é uma grande reforma, que atinge o professor, o material escolar, tudo enfim.

Nesse documento aprecia a debatida questão do ensino primário obrigatório, em execução na Alemanha daquela época. Escreve êle: "Sem aventurar-me neste momento, em que por ora, apenas faço as minhas dúvidas, já que não lhe posso, aqui, consagrar as humildes considerações, que me inspiram as crenças políticas em que tenho sempre comunicado, ligados a matéria, observarei sòmente que o govêrno ali é autócrata (no norte da Alemanha) e os costumes são lá inteiramente diversos do sistema representativo que fundamos."

Repugnava ao exagerado liberal, imbuído do excessivo direito de liberdade, haurido na revolução francesa, medidas coercitivas da liberdade individual, mesmo que fôsse para forçar a criatura humana a estudar. Êle estava com escrúpulos a respeito do que seria medida de salvação nacional e que seu filho defenderia mais tarde em famoso Parecer.

Neste e em posteriores relatórios, que João Barbosa apresentou, encontramos aqui e ali indicações seguras, orientações certas que ficaram para serem vigas mestras imprescindíveis de futura transformação do ensino.

É a 28 de setembro de 1860 que se publica a primeira reforma radical do ensino público e seu regulamento, ainda hoje conhecida com o nome de *Regulamento Orgânico de 28 de setembro de 1860*.

“É da autoria do Dr. João José Barbosa de Oliveira, homem grandemente ilustrado e austero, versado em Filosofia Comparada e nos estudos do ensino público dos países cultos e severo cumpridor da lei”, asseveram os professores Gelásio de Farias e Conceição Meneses.

O insigne mestre Professor Alípio Franca, autor da *Memória Histórica* sobre o ensino normal na Bahia, assinala então o nome de João José Barbosa de Oliveira como lembrado em boa hora para inspirar e dirigir a Instrução da Província. É a João José Barbosa de Oliveira que devemos pois o primeiro grande surto do ensino público baiano, transformado radicalmente pelo memorável Regulamento Orgânico.

Foi, e todos são unânimes em afirmar, a mais notável e profunda reforma realizada no Império, foi aquela que melhor consultou as necessidades do ensino, na Bahia, marcando nova época na instrução pública. É inegavelmente obra de mestre.

Reforma de tão grande amplitude na instrução pública, a Bahia só teria já na República, pelo Regulamento de 18 de agosto de 1890, “obra do baiano ilustre, o Doutor Sátiro Dias, Diretor Geral da

Instrução, com a cooperação técnica do professor Cassiano Gomes." (*).

Da reforma de 1860, lembra Alípio Franca, merece ser meditada nos tempos atuais a seguinte prescrição regulamentar: "O aspirante ao curso normal, depois de aprovado em exame de admissão, era admitido, provisoriamente, durante cinco meses, e mediante exercícios práticos, na escola anexa, e em lições teóricas se verificava se tinha ou não aptidão para o magistério, e, no caso contrário, não obtinha admissão definitiva". (**).

João Barbosa, de fato, ultrapassou de muito a sua época. O conceito que fazia àcerca das coisas de ensino, por julgar avessos à ciência e à cultura todos com que discutira no concurso que prestou, o levava às questões de ensino. Não compreenderam as teorias que defendeu; era questão de formação do espírito, de clareza de inteligência necessárias aos professores. E, por isso, a primeira reforma de que é autor, lança, no âmbito acanhado de uma Província, e a respeito do ensino primário, normal e secundário, a seguinte idéia inovadora: exigir que os futuros professores da Bahia tivessem um período de estágio, a fim de verificar se possuíam qualidades para uma profissão que requer dons especiais, quase que inexistentes nos que ensinavam.

Procurava, desta forma, evitar futuros dissabores.

E revolucionando o ensino libertava-se de complexos.

(*) ALÍPIO FRANÇA — *Memória Histórica* — 1836-1936 — pg. 61.

(**) *Ibd.*, pg. 28.

Em 1861 novo relatório seu é publicado, em que João Barbosa faz minuciosa apreciação do que já realizara, balanceando os pró e os contra, o que suprir e o que ampliar.

"Meu mais vivo desejo, escreve êle, é reerguer o público ensino aos olhos das famílias, mostrando a todos que esta nobre profissão (de professor) fica estranha a vulgares ideais de especulação mercantil. Dá-se pressa e diligencia o Estado em ocorrer as necessidades dos mestres da juventude; se modesta a retribuição que se lhes oferece, na velhice não os esquece com uma jubilação que lhes assegura."

"Não vacilem, pois, apelava êle, conclamando os mestres ao cumprimento do dever, em dar renúncia a lucros mínimos, comprados bem e bem caro, se com isso hão de sofrer na consideração".

Confiante na obra que realizava, afirmou: "Em todo o caso, tendo eu tido a honra de contribuir, como obscuro cooperador, para a reformação dos estudos, tão esperada e em vão, há já 16 anos, seja-me lícito desvanecer-me de que, quando já dela se desesperava, uma semente sequer de bem se plantou na terra; e como as idéias não morrem jurarei, cheio de fé, que a semente frutificará".

Sabia dos óbices a transpor, "principalmente das dificuldades que nos virão, opostas pelos homens incipientes ou meticulosos, as contraditas dos sistemáticos e pedantes". E acrescentava, atingindo o alvo donde sabia vir os mais acérrimos ataques: "não faremos grande cabedal da linguagem apalxonada de um partido, que tem já feito a sua época, nem dos outros que tais, que quereriam substituir a concepção de uma fábrica gigantesca a uma obra ignóbil

de pigmeus... Seguros da retidão e racionalidade de nossos princípios, volvamo-nos mais que tudo à pública opinião..." Apelava para a opinião pública, amplo tribunal a julgar as ações dos homens públicos, e o fazia da mesma maneira que o seu filho, mais tarde.

Não só a opinião pública, na época, como os pósteros, reconheceram a grandeza da reforma "saída da razão e da experiência" e que, de fato, marcou nova era nos destinos da instrução provincial.

João Barbosa exerceu o cargo de Diretor Geral do Ensino, com pequenos interregnos, até 10 de agosto de 1868, quando dêle se afasta definitivamente.

Serviu-lhe o emprêgo. A instrução já lhe estimulara a vaidade quando, acompanhando os estudos colegiais do filho e fazendo dêsses estudos as aspirações de um autodidata que não conseguira preencher o seu programa cultural, punha acima de todos e de tudo o seu critério em matéria de ensino.

Em ciência e assuntos culturais, João Barbosa acabou sendo um isolado e orgulhoso, recalcado que ficou das passagens dramáticas de sua vida em que enfrentou o meio médico baiano no concurso prestado para professor. Esses seus sentimentos é que êle conseguiu transmitir ao filho, de quem faz, entre os colegiais, um isolado e orgulhoso como êle. Orgulhoso por sofrimento. Orgulhoso, compreende-se, por se lhe ter formado em tórno um ambiente de recalque. Mas orgulhoso que se opõe aos mestres e isto explica o atrito de Rui estudante com o professor Padre Fiúza: mas orgulho êsse que êle trazia de casa.

Uma atmosfera de oposição de ideais científicos em que os médicos da Bahia levaram João Barbosa até a humilhação de não ser classificado em prova pública, se comunicou à sua casa, e casa dos pais é escola do filho que segue o pai na altivez com que recebe os agravos. Disso ficou de pé muita coisa. Ficou de pé a questão de cultura, a questão pedagógica, a procura de métodos de ensino na sua grande simplicidade, o que é a tendência de todo autodidata, e autodidata João Barbosa o era. A impressão de uma nova compreensão das coisas sempre deixa todo autodidatismo. Ele como que fica sendo uma intuição especial, que de fato Rui Barbosa teve talvez por Iha transmitir o pai, que cedo despertou a inteligência do filho, para este dizer:

“Espírito supremo daquele... — que verteste em minha alma a felicidade de sofrer...” Esse máximo guia fôra, para Rui, o seu pai.

Conscientes de uma vida que declina para os sofrimentos e de outra que começa em sofrimentos comuns aos dois, ficaram pai e filho. O pai tornando-se imoderado, incisivo, contundente. O filho, prodigioso no que falou durante uma vida política a encher uma época no país. Mas o destino, que foi de provações, fêz valer ao filho na carreira política que teve, a atmosfera de discussões culturais extremadas, de questões pedagógicas debatidas, em que Rui se viu, ainda menino, envolvido na casa paterna. E havia ele de dizer:

“— se o bem desabotoa alguma vez à superfície agreste de minha vida, vós sois a mão do sementeiro, que o semeou”. E o sementeiro tinha sido João Bar-

bosa. E a superfície agreste, as provações que uniram pai e filho, foi a vida de ambos.

É da atmosfera em que Rui se formou, com o sofrimento, o íntimo da sua consciência, acendrada nas provações, que sai esta dedicatória:

*A memória de meu pai
Dr. João José Barbosa de Oliveira
Convosco aprendi a amar e
compreender a santa causa
do ensino.*

Acreditamos na elevação de sentimentos com que Rui se referia à causa do ensino, pelo que a questão se ligava aos embates da vida de seu pai. A dedicatória foi posta na tradução que Rui fez do livro de N. A. Calkins: *Primeiras Lições de Coisas. Manual de Ensino Elementar para uso de pais e professores*. Pais e professores! é o que já imaginava João Barbosa como sendo a boa cooperação para educar. E esse era o livro que lembrou sempre a Rui do melhor que João Barbosa lhe transmitira. Lembra-lhe o ardor em querer o ensino lúcido, aspiração dos autodidatas que o almejam posto em termos simples, com lhes era fácil, a eles, uma vez ministrado, sem complicações, sem antecipações que se recebem dos doutos: impressão que trazia João Barbosa da sua disputa com os mestres da Faculdade de Medicina da Bahia.

De fato João Barbosa deixava ao filho a recordação da questão do ensino. A questão do ensino que pôde Rui esplanar, quando, no parlamento, escreveu famoso relatório, que chamou a atenção do Imperador para dêle ter querido valer-se, é o que trazia Rui de casa.

Quis se valer Pedro II dêsse extraordinário relatório, com especial habilidade.

De fato, no Império, uma questão séria estava posta no terreno das decisões: a libertação dos escravos. E, para retê-la, o Imperador punha adiante dela diversas questões com que ganhava tempo. Entre elas Pedro II avistou a do ensino. E nela Rui era o grande nome.

É nessa ocasião que o monarca se aproxima de Rui, lhe realça o valor e lhe quer dar projeção, parecendo que pensava em elevá-lo a ministro.

A perspectiva de Rui subir aos conselhos da Coroa é ocasião de uma das pequenas questões políticas pessoais, mais intrincadas, do fim do segundo reinado. Talvez houvesse interferência do próprio partido de Rui, no interesse das suas maiores figuras, dificultando o acesso do filho de João Barbosa. A verdade é que, ao se fazer a República, ficava o nome de Rui na atenção de todos. Desincompatibilizado para servir o novo regime porque deixava o anterior molestado por uma questão política que ainda não se esclareceu de todo, é logo chamado para ministro de Deodoro, necessitada que estava a República de homens conhecedores das coisas de governo. Mas na verdade, fôra pôsto em evidência por uma questão em que se inteirara em casa: a questão do ensino. A casa de seus pais fôra escola do filho e João Barbosa sempre instigado pelas provações, pela tortura de uma ambição que era o anseio de se libertar de uma vida amargurada, fêz do filho um homem em tôda extensão da palavra, um grande homem.

NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

QUANDO o Imperador D. Pedro II visita a Bahia, em 1859, é o ardoroso liberal João Barbosa indicado para, em nome da Província, saudar o monarca, e êle (lembra Luís Viana Filho) com muita dignidade chamará a atenção imperial para "os ventos que sopravam dos quatro cantos do céu", querendo assim dizer que as coisas podem mudar conforme o vento que soprasse. A frase era uma advertência de que nada estava seguro na terra: mas êsse desembaraço em afirmar não impediu que fôsse agraciado com uma comenda; embora jamais a usasse!

João Barbosa não poderia dominar o orgulho, conclui o historiador balano e principalmente em uma ocasião como aquela em que êle se via sobressair.

Não usaria as comendas imperiais, é verdade! mas o momento em que se dirigira ao Imperador, fôra de grande sensação. Dêle lembrar-se-ia sempre,

e com a impáfia da independência que mostrou, expondo idéias ousadas, expondo-as, sem alusão a D. Pedro II, cujo espírito era talvez mais liberal que o de muitos liberais do país...

Uma dessas reviravoltas políticas tão comuns nos governos parlamentares, proporcionou a João José Barbosa de Oliveira aquêlo momento compensador e de há muito tempo desejado: representar a sua Província junto à Assembléia Geral do Império.

"Caira em 1861 o Gabinete Conservador, chefiado pelo marquês de Caxias, sendo substituído por Zacarias", cujo "ministério de três dias passara como um meteoro". O Imperador forma, então, o gabinete chamado o "ministério dos velhos", chefiado pelo marquês de Olinda, "solução contemporizadora, equidistante dos extremos partidários, que subsiste graças à dissolução da Câmara em 12 de maio de 63, e antecede a subida dos *progressistas* (nova *liga liberal*) com Zacarias e os conservadores *moderados*, já senhores do parlamento" (*).

Foi a dissolução da Câmara, em 1863, que propiciou, a João Barbosa, ser eleito, juntamente com seu cunhado Luís Antônio Barbosa de Oliveira, Manuel Dantas e outros para a Assembléia Geral do Império.

Passadas as primeiras horas de entusiasmo com a vitória, prepara-se João Barbosa para seguir rumo à Corte. Pela primeira vez saía da Província e separar-se-ia da família, do filho predileto, a quem, cuidadoso, prodigalizava o mais dedicado desvêlo de pai e mestre.

(*) PEDRO CALMON — *História do Brasil* (O Império) 4.º Volume — Pg. 415.

Chegando ao Rio de Janeiro vai João Barbosa hospedar-se no palacete do primo Albino, ali residindo durante toda a sua permanência na Capital do Império. A hospedagem, além de econômica, era-lhe agradável, pelo convívio de família tão amiga. É ali que teve oportunidade de entrar em contacto com as mais prestigiosas personalidades do Brasil.

No Parlamento fez boas amizades, principalmente com os deputados mais radicais da facção liberal. Mas o espírito culto, o tribuno arrojado que tanto fazia vibrar a assembléia Provincial, o orador temível e temido, o jornalista vibrante, não se destacou na Córte. João Barbosa não foi o que d'ele se esperava. Não se mostrou parlamentar, no sentido do termo. A sua pena não deixou, em jornal algum do Rio, escritos a relembrar as suas qualidades de jornalista na província. A sua voz não se fez ouvir, no Parlamento, para propôr êle soluções aos grandes problemas do momento. Nem mesmo lembrou-se de agitar questões do ensino, de que era conhecedor, dando a conhecer, ao país, as idéias da mais radical e maior reforma de instrução pública na Bahia. Tê-lo-ia intimidado o espetáculo de um congresso numeroso, onde se faziam ouvir as maiores capacidades da nação? Surpreendeu-o um cenário por onde desfilavam os grandes do Império? Somos levados a crer que isso aconteceu. Na Câmara de 1864 figuram os nomes de primeira grandeza como o de Teófilo Ottoni e Saraiva, que se fazem secundar de talentos como o de Otaviano, Tavares Bastos, José Bonifácio, Pedro Luís, Martinho de Campos, Urbano Pessoa, Afonso Celso. Câmara em que, dá-lo Joaquim Nabuco, "Dantas e Pinto Lima, o Castor e o Polux da jovem Bahia

nas legislaturas passadas, apresentam-se disputando como rivais a lugar-tenência na nova situação na Província..." Em meio a essa plêiade ilustre, cabe a João Barbosa de Oliveira admirar um panorama que êle não sabe como se desenrola. Não via êle, pois, a sua oportunidade a que amigos e correligionários, habituados ao meio, acodem logo. Não se adaptou pois ao vasto e agitado ambiente da Côrte. Há pessoas assim — que dominam ambientes pequenos, familiares e ficam como que perplexos diante dos grandes espetáculos estranhos.

Durante o seu tempo na Câmara do Império ficaram, isto sim, os ecos de briga retumbante que teve com o cunhado Luís Antônio Barbosa de Almeida, àcerca de dissensão de grave repercussão no seio da família, rixa como aquelas a que já estavam acostumados na Bahia e que desta vez os dois primos trouxeram para a côrte: briga motivada por meras questões de predominância na política provincial, colocando-se João Barbosa ao lado de Manuel Dantas e Saraiva, contra o seu cunhado. Certas atitudes políticas trazem-nos à mente estas palavras de Goethe: "Os políticos são como os doentes; estão sempre a se revolver na cama, à procura de melhor posição..."

Maria Adélia, escreve Luís Viana Filho, não suportou aquela rixa em família. Ficou acabrunhada. E um ano depois, faleceu. Isto ocorreu em 1867, enquanto o marido ainda representava a Bahia na Câmara dos Deputados. Desapareceu aquela criatura suave e discreta, sensível e anjo do lar, ao qual se dedicou até o sacrifício.

João Barbosa permaneceu no Rio de Janeiro até 1868, voltando definitivamente para a Bahia, por

ocasião da dissolução da Câmara. Nunca mais se reelegeu deputado à Assembléia Geral do Império.

Quando em 1864 João José Barbosa de Oliveira esteve na Bahia, provavelmente em férias parlamentares, havia Rui terminado o curso de humanidades e se preparava para ingressar em escola superior. O rapaz, porém, não tinha ainda completado a idade legal para matricular-se na Faculdade de Direito, não lhe permitiu o pai que êle burlasse a lei, com uma certidão graciosa. Chamou-o e fêz-lhe ver "não ser possível iniciar a vida por uma falsidade." O rapaz, ante essa atitude, seguiu para Recife somente no ano seguinte, a fim de iniciar o curso de Direito.

No dia em que o filho partiu para Pernambuco, deixou João Barbosa correr no seu álbum a pena de poeta, para escrever:

Filho, vês — meu rosto asserenou.
A Fé voltou! Serás à pátria, aos pais
Troféu modesto; cidadão severo
Eu creio e espero! Já não choro mais.

Eu creio e espero! lembremos essa frase de um homem que se sentia derrotado em tôdas as suas conquistas de futuro brilhante e cuja fé no destino do filho era forte, era inabalável.

Uma plêiade de médicos ilustres transformava, nessa época, a Bahia em um animado centro de trabalhos e de pesquisas científicas. Patterson, Wurcherer, Silva Lima, atraíam, para junto de si, jovens médicos e professores ávidos de saber. Em tôrno dessas três grandes personalidades, que deram à Bahia uma época de esplendor incomparável, aglutinaram-se espíritos brilhantíssimos.

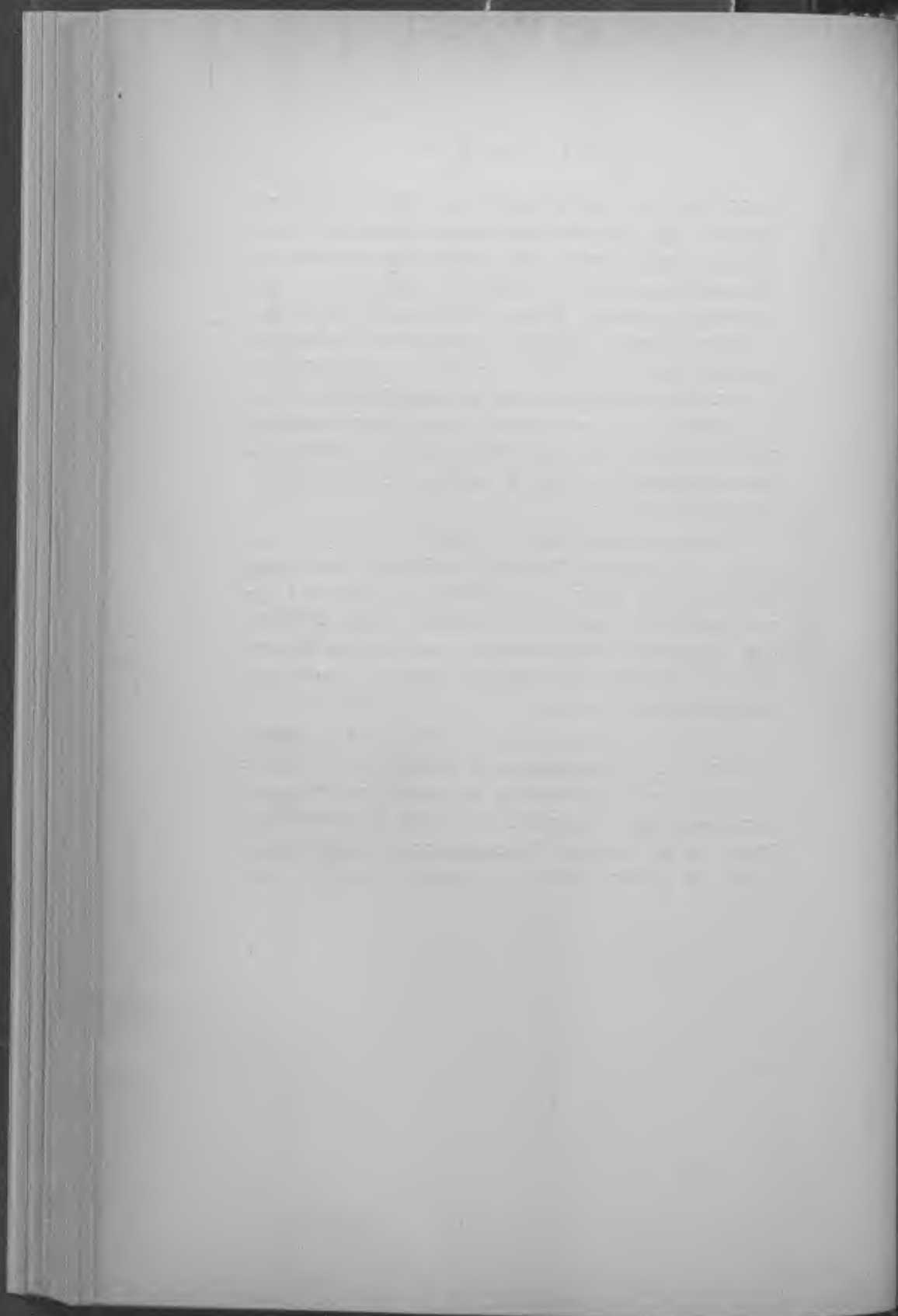
Queremos pois nos referir à chamada escola baiana de medicina tropical, onde se fizeram famosos trabalhos de alto valor e que deram novos rumos a êsses estudos. Basta que citeamos os de Silva Lima, o criador do *Ainhum*, e o precursor das doutrinas clínicas àcerca do *beri-béri*; Wurcherer, o descobridor da *filária*, etc.

"A medicina tropical viu, de fato, as primeiras luzes em Patterson, Wurcherer e Silva Lima", lembra Aristides Novis. "Que o digam os *Arquivos da Gazeta Médica da Bahia*, nosso vetusto periódico, cuja origem outra não foi senão aquela que plasma o órgão para a função nascitura. Impunha-se poupar ao *verba volant* o que de melhor vinha à tona dos debates nas celebradas palestras instituídas por Patterson, em sua própria casa, e ao depois, rotativamente, pela de colegas mais íntimos, sôbre questões médicas palpitantes. O alcance de tão inspiradas tertúlias, transparece dos seguintes trechos de Silva Lima, seu assíduo freqüentador, em rememorando coisas do seu tempo: "foi nestas palestras noturnas, por diversas vêzes interrompidas e recomeçadas, que apareceu e se pôs por obra, em 1866, a idéia da publicação da *Gazeta Médica*, que tão bons serviços tem prestado à profissão e à literatura médica brasileira; foi ali que sucessivamente foram objetivo de conversação e de estudos micrográficos a hipoemia intertropical e suas relações com o *ankilostomum duodenale* de Dubini, hematoquilúria e a *filária*, aqui primeiro descrita por Wurcherer nas urinas quilosas (*Filária Wurchereri* dos médicos brasileiros) e depois, independentemente, em 1872, nas índias Ocidentais, achada também no sangue humano por

Lewis, que, por isso, a denominou *Filária Sanguinis hominis*, cujo representante adulto feminino foi alguns anos mais tarde, 1876, encontrado por Bancroft na Austrália (*Filária Bancroft, Cobbold*); foi ali, finalmente, que por muitas vezes veio à tela da discussão a singular moléstia que desafiava a sagacidade dos médicos da Bahia e que se achou idêntica ao beribéri indiano, descrito há mais de dois séculos por Bontius, e se ventilaram muitas outras questões de interesse geral ou particularmente utilizável em suas aplicações práticas à medicina e à cirurgia." (Aristides Novis).

Naquela época a Bahia já escreve o primeiro capítulo da Medicina Tropical, no Brasil, mas a esse movimento de repercussão mundial, que levou a novos rumos as pesquisas científicas, João Barbosa, que guardava ressentimento do malôgro dos primeiros passos dados na carreira médica, manteve-se completamente afastado.

O patriótico movimento da maioria dos médicos baianos a se apresentarem às autoridades a fim de seguirem para os hospitais de sangue, no Paraguai, também o não arrastaria. Era antes deputado e político, do que médico. E como deputado seguiu para o Rio de Janeiro, servindo, também, assim, ao seu país.



A INDÚSTRIA — PAI E FILHO

EM fins de 1868 regressa à Bahia, amargurado, não encontrando mais a espôsa, o esteio do lar. Com encargos dobrados, gastara, entretanto o que recebera de subsídios, na viagem, em livros, em “representação na Côrte”.

Então é que se lhe inicia nova fase de vida, para ele talvez a mais triste, a mais dolorosa.

Em carta escrita pela sua filha Brites, à sua prima Francisca, residente no Rio, e datada de princípios de 1869, noticiava que João Barbosa “estava arranjando uma olaria”.

E diz Américo Lacombe: “De fato, tentando, por algum modo, obter maiores recursos para sua família, João Barbosa entregou-se a esta indústria, onde havia de fracassar, faltando-lhe como lhe faltavam as qualidades e principalmente os defeitos próprios do comerciante”.

Essa olaria, situada em Plataforma, subúrbio da capital baiana, seria a fonte de desgostos e dívidas a assomarem os últimos dias de João Barbosa.

Começam-lhe então a aparecer no organismo franzino, mas sadio, os primeiros achaques que denunciavam precoce velhice. Tinha 51 anos, e já fraquejava.

Em 1869 escrevia ao filho :

A minha saúde é aquela mesmo que tu sabes — sempre incomodado, como agora, que além das coceiras tenho dores pelo corpo. Estou passando mal. Pretendo, se tiver saúde, fazer na Assembléia um só discurso político, por ocasião do orçamento. Se tiver saúde, porque por agora mesmo, em toda esta semana, lá não pude ir.

No dia dois de julho, aniversário do seu nascimento, já escreve ao filho dizendo: “aproveitando ligeira trégua da moléstia”. Nessa carta, em que dá conselhos e pede notícias, envia as da marcha da sua doença, já descrevendo sinais de artério-esclerose e a sintomatologia variada de crises hipertensivas, perturbações nervosas, reumatismo, etc.

Venho, [escrevel] conversar contigo, no dia dos meus anos, já que Deus foi servido a dar-me mais êste, levantando-me da cama, donde me pôs desde cinco p.p. uma ameaça de congestão.

Sem motivo bem apreciável e tendo há mais de 40 dias sofrido além de um fastio, uma inexplicável prostração de forças (o que me faz tão pouco frequentar a Assembléia; o que foi, assim mesmo, salvo a doença um bem para mim). Amanheci tontíssimo e com vômitos... assim levei três dias; daí em diante continuei sempre tonto, não tanto (sem comparação) e isso não me tem deixado até hoje.

E conclui meio descrente : “Dizem que agora é fraqueza ; Deus permita, mas não sei...”

Em 15 de julho, alarmado com o diagnóstico dos médicos, escrevia:

Meu querido filho. — Aqui me chegou a doença mais séria do que se pensava, meu mal está nos centros nervosos — é na medula espinal — parte superior, a qual tem o condão de nos privar mais ou menos das pernas. Por isso, conquanto hoje tenha apetite devorador, a inteligência como d’antes e o mais, todavia não posso andar senão como bêbado, dançando, equilibrando ou apoiando-me n’algum ou alguma cousa; entretanto, já lá vão dias, ainda saí e uma a três vêzes tenho ido a Plataforma, figura pois, que grandes necessidades tive por isso — e quanto dinheiro hoje me custa a minha saída, visto como sem cadeira, sem carro ou outro veículo é-me impossível andar na rua quatro passos.

Narra o tratamento que lhe foi impôsto:

Estou em curativo sério de cáusticos no alto da coluna vertebral, pílulas de noxvômica.

Devo, porém, advertir-te que melhora progressivamente; o que sòmente há é o vagar da convalescença.

De Plataforma, daquela Plataforma fonte de contrariedades e desilusões, êle data de 30 de julho de 1869, uma carta na qual dizia ao filho:

Vou melhorando, conquanto lentissimamente das pernas e do andar; porém, do ouvido esquerdo continua a zoadá de cigarra — a surdez ora total, ora não, conforme os dias úmidos ou não.

Compara a sua moléstia com a que vem sofrendo o primo Albino:

Pelo que me diz, o Albino está sofrendo exatamente do mesmo ouvido, porém, nêle o ataque foi menor, porquanto ainda que sempre com vertigens, não tem ou não teve a quase paralisia das pernas ou pernas moles, ou tontice no andar como eu, no que, repito, vou melhorando.

Com a alma amargurada deixa escapar palavras que bem espelham o seu coração, voltado para o sustento e manutenção da família:

Não me importo de perder o ouvido, do que mais me incomoda, porque não careço só de vida, preciso muito de saúde para nossa família.

A aumentar-lhe os sofrimentos, chegam de São Paulo cartas com notícias pouco lisongeiros da saúde do filho, prestes a concluir o curso jurídico, e também já envolvido em movimento político de um radicalismo suspeito, o que o assustava.

Sinto os teus atuais padecimentos, cujos sintomas prestam-se a diferentes diagnósticos, conquanto, com efeito, não signifiquem já uma moléstia séria.

E pelo seu cérebro atormentado perpassava a idéia de que o mal se originava de excessos que atribuía ao estudo ou mesmo a abusos da mocidade. Essa era a desconfiança de João Barbosa, que usava de rodeios, para falar ao filho, não desejando assim ferir talvez a susceptibilidade do rapaz, sempre à flor da pele.

E vai dizendo:

O médico pensou bem, em coibir-te de qualquer excesso, seja lá de que natureza fôr, no qual certamente entra o estudo. Mas outros há que um mancebo de juízo deve também evitar.

Eu calculo em ti todo juízo necessário para tudo, pode ser por ser Pai não carecer (seguem-se palavras ilegíveis) Pai amigo, me enganes, como por exemplo a tua propensão política, que reprovó.

Contudo espero que no mais sejas homem; mas não homem vicioso. Eu não fui no meu tempo de estudante; quanto desejava eu que me entendesses e sobretudo cresses; que me aceitasses os conselhos que se reduzem: excesso nenhum — e ódio ao vício da moda e da juvenilidade que seja.

João Barbosa, cuja saúde estava cada vez mais abalada por mal crônico, como que via o filho entregue a excessos: e isso o atormentava! Quem escrevia era homem que, de fato, durante tôda a vida, foi de austeridade exemplar, embora deixasse um filho natural, fruto talvez da sua vida de solteiro ou de viúvo.

No mais aceso das lutas políticas, onde se leva ao pelourinho a vida íntima do homem, devassando-lhe a própria família, ninguém o atacou, nem inimigo algum (e os tinha muitos) levantou, contra êle, nesse sentido, a menor acusação.

Além da moléstia do filho, dêsse filho que tão cuidadosamente educara e a quem tanto amava, e cuja saúde tantas preocupações lhe causava, punha-lhe em sobressaltos saber das idéias políticas que o rapaz esposava. Rui com atitudes suspeitas de radicalismo e republicanismo, o deixava amedrontado,

e os arroubos oratórios do bacharelado não soavam bem ao seus ouvidos de pai.

Era óbvio que essa carta iria produzir tremenda reação no espírito de Rui Barbosa. Ele nunca fôra estudante a perder tempo em boêmias baratas, onde tanta mocidade de escol sacrificou-se em noites alegres. A sua doença era a consequência lógica de um organismo franzino, esgotado por noites perdidas a folhear os tratados de Direito e os grandes clássicos da língua; esgotamento, estafa, "surmenage" de um cérebro excessivamente trabalhado, desde os bancos primários e que estava agora a exigir descanso, repouso, distração. Daí o julgar injustas as suposições do pai.

Assim, sentindo-se ferido, magoado, pois bem compreendera o sentido das frases do pai, Rui, em carta que infelizmente não encontramos, envia ao velho uma resposta que devia ter sido dura, crespa, violenta mesmo, e na qual deixou expandir toda a sua susceptibilidade excessiva, deixando bastante magoado o coração paterno.

João Barbosa, em carta que vale como um documento, pois como que escreve para a posteridade, responde a Rui. Faz uma espécie de ajuste de contas dos próprios erros, dos próprios pecados, de forma a servirem de exemplo ao filho, para que os não imite. (Doc. IX).

Com data de 29 de maio de 1870, Rui Barbosa recebe, em São Paulo, a carta em que o pai, franco, sincero, leal, dá-lhe conselhos magistrais, hauridos em dolorosa e longa experiência.

A tua carta, de 3 fôlhas de papel de pêso, grande, contendo 5 páginas escritas, é um

longo *desabafo* teu, a que com muito poucas palavras respondo. Doeue-te que teu pai te escrevesse com certa energia, a propósito do teu discurso no comício, ao povo, da continuação de tuas manifestações radicais.

Mas como o antigo revolucionário de 1837 vem, perante o filho, que o repetia nos arroubos oratórios e nas suas idéias avançadas, olhando para êsse seu passado de ambições e amargurando-se com êsse presente em que êle se resigna à pobreza, e aos desenganos? Mas como há de então falar o sonhador de idéias avançadas, que viveu acastelado na suas filosofias e no dizer dos seus clássicos, ensimesmado com as suas doutrinas políticas, e de ser idealista e jornalista que nunca poupou os inimigos mesmo quando parentes, deblaterando contra tudo e contra todos? Que experiência dos anos e que desilusões sofridas o havia de fazer falar então? Mas era êle a tomar a bastão de guia, a expender a sabedoria de professor de calma e serenidade, a dar conselhos práticos, objetivos, realistas ao moço que, no fogo dos comícios políticos, lançava, como êle tivera lançado, às multidões excitadas, princípios, doutrinas, idéias de abalarem as instituições vigentes!

Entretanto, nesse papel de pai, João Barbosa é tão sincero e leal quanto o era naqueles momentos em que, ao lado de Sabino Vieira, quis subverter a Bahia.

Palavras afetivas porém enérgicas, dirige ao filho, para trazê-lo à realidade: mas vêmo-lo, então, como que a se corrigir no filho em que êle se revê, com desassossêgo.

Diz-lhe do susto que teve ao tomar conhecimento

dêsses fatos teus públicos, que, meu filho, me preocupam, por que mais de uma pessoa (tenho doloríssima experiência) eles podem contra ti, ao principiaries a carreira, produzir ódios, produzindo a penúria, a pobreza, a luta desesperada — coisas estas que eu quisera que Deus afastasse de ti à custa do quer que fôsse que lhe aprovesse despejar sôbre mim.

Não o quer hipócrita, não o quer também “inimigo das liberdades modernas.” E diz: “mas quero-te prudente.” E interpela:

Por que manifestar, com o ardor do entusiasmo agressivo, opiniões ainda não maduras entre nós, e que aparecerão mais tarde, mais autorizadas? Meu filho, isto é tão errado que ninguém, nem ainda os radicais mais adiantados, te aprovarão. Ora eu, pai muito amigo, tenho a ambição de querer que todos te aprovem, te aplaudam sempre e em tudo.

E continua:

“Expondo-te a tua teoria educativa, me significas que a persuasão convence mais do que o ridículo. E assim é — mas repara que, quando se tem esgotado os meios suasórios, os empenhos e até os pedidos, a um pai, a um amigo superior fica o direito, vendo faltar-se-lhe até a promessas, o direito de vingar-se assim. E às vezes Deus sabe como êsse escárneo é mais o éco de uma dôr pungentíssima do que um instrumento de punição, um castigo ao impostor. Dize, em tua consciência — achas que eu antes não tinha empregado mil conselhos? Logo como te queres defender, acusando-me de ir logo às do cabo? Não tens razão — teu pai fez o que só lhe restava.

Comenta João Barbosa.:

Também te incomodaste por que notei em ti desejos de parecer mais adiantado em política do que eu... — Os filhos podem (e até devem) saber mais do que os pais — e que, em todo caso, não têm culpa das idéias que possuem, e que não devem esconder enquanto os pais lhas não arrancam a poder de convencimento.

Assistimos ao choque entre duas vidas que são confrontadas, para João Barbosa dizer:

Louvo-te a franqueza que todo êsse período me revela. Nem te levo a mal isso, nem o maior adiantamento em que te supões estar, em relação a mim, em sistema político, em crenças liberais.

Folgo muito, [acrescental] de que minha educação nem te permita a hipocrisia, nem te comprimissem os vãos intelectuais, arrojados além da esfera paterna. Mas, meu Amigo, uma coisa é o nosso dogma íntimo, o nosso almejo teórico, e outra é o proceder regrado, acanhado até, no mundo em que vivemos, para que possamos ser úteis aos nossos contemporâneos.

Isto é que é a política — que é tôda experimental — acomodada aos homens de então, à atmosfera da ocasião.

João Barbosa, para provar ao filho o que acabava de lembrar, apresenta-lhe inúmeros exemplos históricos, que bem demonstram a diferença entre a teoria e a prática.

Incisivo, mas com certa melancolia ao ver o próprio passado, como o faz todo o homem que, sucumbido na vida, pesquisa atormentado a própria psicologia, para ver se deve culpar-se a si, êle é que fala ao filho em quem vê que ressumbra essa sua vida tormentosa:

Afinal, bem pode ser que eu esteja enganado, em tudo isto; mas como as minhas intenções são tão puras, embora possa parecer o meu *sistema* infeliz, eu continuarei nêle. Ouvirás de mim o voto, mais ou menos acre, conforme a sensação do momento, todas as vezes que eu não concorde contigo; por que meu fim é que sejas um homem perfeito, muito superior a teu pai em tudo. E, sobretudo, desejo ver-te feliz, ver-te sem os espinhos, que nunca me têm deixado, e a que cuido ter podido resistir somente — porque Deus bem vê que eu busco ser um pai de família estremoso, devotado.

Ainda nessa carta João Barbosa mostra conhecer, como ninguém, o temperamento do filho. Diz-lhe francamente :

Vejo que és um homem desconfiadíssimo — ainda com teu pai: o que não pressinto pela primeira vez. Não vi como entendeste o que te escrevi a respeito do teu sofrimento nervoso; o certo é que, por isso só de tua inteligência desconfiada, me supões falto de confiança em ti, e pouco certo do teu comportamento moral.

João Barbosa, ao afirmar que o filho era muito desconfiado, dava, com uma única palavra o primeiro traço do retrato moral do filho, ou melhor, marcava de vez uma das expressões mais proeminentes do caráter de Rui Barbosa. Gestos, atitudes e frases do futuro estadista baiano, aparentemente incompreensíveis, têm explicação no seu temperamento desconfiado, que irrompia em exaltação quando não contido por uma apurada educação que o revestia do véu de uma polidez às vezes forçada: aturado contrôle de nervos em permanente tensão. Rui era homem desconfiadíssimo mas para o amar-

gurado João Barbosa dizer: desconfiadíssimo como eu...

Em tom enérgico acha João Barbosa de dizer ao filho, querendo nêle já houvesse aquilo que por certo que sentiu faltar a si quando, como todo grande amargurado, agravava as suas amarguras analisando-se detidamente :

Seja injustiça tua ou não, declaro-te formalmente, que se o teu maior desejo é nisto merecer a maior confiança, tu deves ter o espírito muito tranqüilo, porque tenho pelo teu proceder moral mormente a mais profunda satisfação: até hoje ainda não duvidei de que sejas um moço muito moralizado. Eu o digo a todos com êsse prazer, que é a recompensa do pai que ama — e tu mesmo deves tê-lo conhecido em todos os meus passos para contigo.

E prosseguindo minorava a censura, comovido, sabendo quanto nela falava de seus defeitos que exprobrava no filho:

Mas daí não se segue que te suponha não homem, não frágil — não capaz de padecimento de moléstia física, daquelas que às vezes exigem sômente do exercício, ainda moderado, das funções do sexo. E daí me resulta obrigação de aconselhar, de chamar a tua atenção, visto como tôdas as naturezas não são igualmente robustas, igualmente refratárias, igualmente felizes: a precaução e moderação são o único salvo-conduto contra êsses naufrágios possíveis.

E pede-lhe, ao concluir :

Torna, portanto, a ler a minha [carta] que te amargurou, e verás agora que nem por sombra te chamei de vicioso!

Não! se nunca sou injusto — intencionalmente com os inimigos, quanto mais con-

tigo, que tenho em muita conta — que te devo a justiça desta declaração? Segue, pois a regra de tomar sempre à melhor parte o que te eu disser, ainda quando a frase se preste a outro sentido. Se fizeres sempre assim, como te digo,, não me punirás, como agora, atribulando-me coisa tão fora de meu espírito, que, se assim fôra, bem desgraçado eu seria, por que um filho vicioso é o flagelo do pai.

Essa carta por vêzes é um debate de consciência em que João Barbosa se dizia justo nas suas exaltações, mas uma quebra de exaltação, uma humilde volta à realidade em que relembra ao filho os gratos deveres para com a família do primo Albino, e por fim o que vem do coração afetuoso, os reiterados pedidos de não deixar de escrever sempre que pudesse:

Estimo muito que Albino se convencesse de que tua carta se extraviara e que portanto não foste grosseiro com êle. E neste ponto houve outra queixa tua, também proveniente de me leres sempre à luz do teu *gênio desconfiado*. Não te apelidei grosseiro, pedi-te que evitasses merecer essa qualificação. Bem vêes que são coisas diferentes.

Sempre que se oferecia oportunidade, relembra a Rui os deveres de sociabilidade para com a família e para os amigos políticos, em evidência, pedindo-lhe que escreva "ao Saraiva, dando-lhe as boas vindas e desejando saúde e forças para continuar no brilhante desempenho da sua nobre missão."

Noticia-lhe, também, o pé em que estavam as instalações de sua indústria cujas obras prosseguiam

como Deus era servido, esperando êle se transferir para Plataforma, onde êle estava, em julho, “embora não acabada ainda a casa”, o que era “urgentíssimo”. Mas essas palavras bem que demonstram o seu estado de espírito com os apertos financeiros, os gastos de instalação da indústria e despesas com a moradia na cidade.

Mas tendo a memória reavivada pelas questões de dinheiro, conta ao filho, no final da carta em que tanto diz de si — que Moura, o João Moura que auxiliara a Rui durante os estudos de São Paulo — “está doente dos intestinos, no Cipó, lugar de banhos no Itapicuru”. Pede-lhe, com aquêl espírito de gratidão tão despertado em uma vida de dificuldades, que escrevesse ao padrinho de crisma, “dizendo-lhe que sentes a notícia e lhe desejas rápido e esperado melhoramento.”

Pede ainda ao filho: “Dize-me em junho quanto ao todo terás tomado ao correspondente, e quanto suporás preciso tomar até agosto, que é quando êle deve mandar cobrar-se”.

Assim, nesse documento íntimo, não se esquece João Barbosa de indagar dos progressos do filho, em alemão e em piano... Porém não fala do seu renitente reumatismo, das tonteiras e dores de cabeça rebeldes a lhe acrescentarem tormentos a tormentos; dizia, pelo contrário, que gozava perfeita saúde...

Essa carta foi a última que escreveu ao filho prestes a se diplomar e era talvez, no teor, um testamento em que cada período é uma advertência

moral, uma explicação, um conselho, tirados da experiência da própria vida. João Barbosa, moralmente amargurado e com a saúde abalada, traçou assim, o documento mais íntimo que podia deixar ao filho, a página mais emotiva, mais eloquente: as reflexões mais comoventes transmitidas de pai a filho no momento dos destinos de vida se separarem.

O F I M

Em 28 de outubro de 1870, Rui Barbosa recebe, na Faculdade de Direito da cidade de São Paulo, o grau de bacharel, e nesse mesmo dia, “querendo dar ao pai uma lembrança, nada lhe pareceu mais adequado do que oferecer-lhe um livro *La Republique Americaine*, de Brownson: “A meu Pai, mesquinho, mas singelo penhor da mais profunda amizade filial. No dia do meu grau, 28 de outubro de 1870”. “A oferta tinha qualquer coisa de simbólica. O pai e o filho identificavam-se num ideal comum: a admiração pela pujante democracia norte-americana”. (*)

Em fins daquele ano chegava Rui à terra natal, a essa terra que muitos anos depois ele cantaria em períodos imortais, como sendo o “verde ninho murmuroso de eterna poesia, debruçado entre as ondas e os astros...”

(*) LUIS VIANA FILHO — *A Vida de Rui Barbosa*
— pg. 23.

Mas dessa vez volta com a saúde abalada por séria doença a desafiar os médicos, e ao se deparar com a derrocada do pai, plora na moléstia que o salteava.

Encontrara João Barbosa física e moralmente, modificado. O organismo, minado pela doença; e o desastre financeiro iminente, a desesperá-lo.

O receber o filho que era a sua única esperança no meio de tantos dissabores, não foi alegre, porque diante de Rui mais um desespero entra-lhe no coração, e o encontro dos dois, em Plataforma, certo que foi doloroso e triste.

Logo após a chegada de Rui, procura João Barbosa os melhores médicos da Bahia e o que aconselham não dá resultado, pois Rui continuava "com péso na cabeça e vertigens", pelo que, com amarga ironia, escreve descrente ao Conselheiro Albino: "tem andado e continua nas mãos da grande medicina daqui; mas seu estado parece não melhorar; ainda prossegue em usos de remédios que não sei quando cessarão." (*) Descrente de remédios, dietas, sangrias, purgantes, vomitórios, resolve limitar o "tratamento a um longo período de férias no ambiente tranqüilo de Plataforma", vindo a ter esperanças nesta terapêutica. Mas infelizmente a doença era rebelde e Rui viu, com tristeza, voltarem-lhe os sintomas, que aliás nunca o tinham abandonado de todo.

Passavam-se os meses e João Barbosa arrastava a vida em meio de contratempos. As doenças, a morte de amigos e a de um irmão, que deixou família

(*) AMÉRICO JACOBINA LACOMBE — *Mocidade e Exílio* — pg. 58.

numerosa sem recursos, sem que êle a pudesse auxiliar, se sucediam. Morava sem conforto fora da cidade. Ora, tudo, escrevia êle "são episódios, no meio do drama da minha penosíssima vida atual, a qual não sei como tenho atravessado, do que dou muitas graças a Deus — porque minha família ainda precisa muito de mim. Meu estado é assim — por que enquanto lançasse mão de uma indústria para viver, ou para não pesar sequer, eu peso sobre muitos — e vivo amargurado."

Atribula os infortúnios ao que chamava o "azar dos Barbosa", o "calixtismo" da família.

Não houve ajuda que o salvasse do desastre. Os amigos auxiliaram-no em uma indústria incipiente, emprestando-lhe bois e burros, mas frequentemente as locomotivas matavam os animais, paralisando o trabalho... Uma fatalidade pairava sobre êle!

Carta sua ao primo Jacobina, datada de 16 de agosto de 1872, conta: "saiba que dentro em 60 dias quando muito já aqui" (em Plataforma) "não estaremos. Havendo o Baltasar vendido a fazenda ao negociante riquíssimo Manoel Francisco d'Almeida Brandão, eu vi-me forçado a vender (queimei) a êle as minhas benfeitorias por 10.000\$, perdendo 7.000\$. Quis evitar perda maior através de demanda."

Pela primeira vez deixa-se dominar pelo desânimo diante dos acontecimentos e lamenta-se: "Deus sabe a viver de quê, já que nossos correligionários daí, que me ajudaram a viver bem na minha primeira demissão, desta vez, há quatro anos (fêz ontem que fui demitido!) nunca me mandaram ao menos uma revista". Como sempre, nos transes mais.

cruéis, os chamados amigos políticos são os primeiros a lhe virarem as costas...

Numa espécie de consôlo, a amenizar-lhe as máguas, dizia ao primo que levaria "saudades desta vida inocente ao menos, bem que para mim não pudesse ser tão tranqüila, como minha índole e meus desganhos a necessitam".

Para não se desesperar, passa a falar de "coisas mais agradáveis". Mas o reconfortavam os primeiros triunfos do filho. Narrava-os ao primo desta forma: "Vai trabalhando muito, no escritório do Dantas e Veloso. E já no júri, numa célebre causa, estreou fazendo uma brilhatura que V. não pode calcular; pois amigos, inimigos e entendidos e povo, tudo isso — *una voce* — vitoriou-o. Firmou uma bonita reputação literária. Falo-lhe sem paixão, com tôda verdade." E acrescentava: "Dêle só sinto a doença, que não o deixa e o calixtismo da família Barbosa, de que só o Albino se não contaminou, e estimo muito."

No fim daquele ano muda-se para a cidade e no ano seguinte Rui, que não melhorava de ameaçadora perda da saúde, segue para a Europa em busca de cura. Após quatro meses de peregrinação em que consulta os mais afamados facultativos do velho mundo, volta, para a Bahia, quase no mesmo estado em que partira.

João Barbosa quase que perdeu as esperanças de ver o filho curado. Iria o destino — êsse destino cruel que lhe atormentara tôda a existência — roubar-lhe a única esperança, o motivo de ser de sua vida, a sua única alegria?

Nessa ocasião, quando mais desesperançado estava, conta-nos Luís Viana Filho, passou pela Bahia um médico português, Pedro Alvarenga, clínico em Lisboa. João Barbosa chamou-o para vêr o filho. O doutor examinou o rapaz e diagnosticou uma simples anemia cerebral. Depois anunciou-lhe a receita: "Se o Senhor puder, coma até pedras. O seu mal é fome." Era um absurdo o que dizia o esculápio lusitano, ante a ciência oficial da terra. Mas o que é certo é que o remédio surtiu efeito maravilhoso. O rapaz, em breve, pôde lançar-se ao trabalho, com mais energia.

Em agôsto de 1874 escreve João Barbosa ao Conselheiro Albino. Mostra-se cheio de entusiasmo pelas novas vitórias alcançadas pelo filho. "Com efeito, devo ao Rui muitos dias de vida, pelo quase orgulho que vem do seu procedimento e do seu bonito talento, que é tão incontestado, que não me levará a mal reconhecê-lo. Em 23 anos poucos o igualam; porque muito aplicado e com os dotes intellectuais que tem, meu filho propõe-se a escritor notável e a orador de primeira ordem. Agora mesmo num *meeting* que houve no Teatro sôbre a eleição direta, falando aqui pela quarta vez, foi aplaudido de um modo que me comoveu. O Dantas e outros dizem-me que o Rui é superior a José Bonifácio, e sustentam que certamente hoje não se fala melhor do que ele."

Nessa mesma carta, com o orgulho do mestre que presencia os primeiros triunfos do discípulo, ressaltalhe as qualidades superiores: "Severo na dicção, que sempre o fiz cultivar, muito dialético, já com algum cabedal, boa voz e imaginação bastante, com mais anos e o amor ao estudo que sempre o carac-

terizou, êle será de algum nome, se Deus quiser, e a saúde, que hoje tem, não lhe faltar!" E sonha com posição política de destaque para o filho porque "não será milagre, pelas simpatias que o rodeiam e pelo bom nome, que é generalizado, que V. o veja aí na Câmara comigo, se a política liberal vier a governar."

No momento em que sentia prenúncios da felicidade, via o dealbar de melhores dias, glória para o filho e felicidade para o pai, e assim que sentiu esquecer-se dos sofrimentos, humilhações e privações, é que a morte como que se o espreitasse, arranca-o do convívio dos seus, cortando-lhe o fio de uma vida que parecia transformar-se.

Essa seria, pois, a última missiva ao primo que tanto estimava e a quem tanto devia, e que, nos momentos mais angustiosos foi o companheiro fiél, o confidente, o amigo em que se apoia, a bolsa generosa nas horas dos apertos financeiros.

A 30 de novembro Rui escrevia ao Conselheiro Albino:

Despedaçado pelo mais profundo sentimento, cumprio o penoso dever de participar-lhe que, no dia 28 do corrente, às 4 horas da tarde, chamou Deus a seu seio a meu querido e estremo pai, seu sincero amigo.

Narra-lhe os padecimentos que precederam o falecimento de João Barbosa, sofrimentos que

começando no dia 25, às 7 horas da noite, à cruel enfermidade que o acometeu bastaram-lhe três dias para matá-lo. Dois acessos sucessivos de uma cólica terrível, que no segundo, esteve em termos de dar-lhe a morte, foram seguidos de uma retenção do ventre, rebelde aos mais heroicos esforços da me-

dicina, e acarretaram, conforme uns uma peritonite, ou conforme outros, uma inflamação intestinal, terminando por uma perniciososa, a cujo segundo acesso faltaram ao doente as forças necessárias para vencê-la.

Assim, uma peritonite, conseqüente, talvez, a uma crise de obstrução intestinal, matava, aos 56 anos de idade, João José Barbosa de Oliveira.

Morrera paupérrimo, deixando à família, além de seis escravos herdados pelos filhos do espólio de Maria Adélia, pequenos móveis caseiros, um manuscrito àcerca de palpitante questão religiosa. Transmitiu igualmente aos herdeiros um sem número de dívidas, que o primogênito, honrando a memória paterna, saldaria integralmente à custa de sacrifícios inauditos.

A 29 de novembro, puxado por seis cavalos, seguia pelas ruas da cidade do Salvador o coche fúnebre, que conduzia ao campo santo os restos mortais de João José Barbosa de Oliveira, acompanhado por alguns amigos.

Deu êle, ao Brasil, o que lhe exalta a memória, o melhor dos filhos e o maior dos baianos, Rui Barbosa, glória da Pátria e cidadão do mundo. Hoje, na mesma terra que os viu nascer, dormem o último sono: o pai na campa rasa de um cemitério, e o filho, sob as arcadas imponentes da Casa da Justiça.



DOCUMENTOS



DOC. I

O Alferes Hermenegildo Neves de Almeida, Juiz de Paz desta Villa de S. Antonio de Caravelas por Eleição Proprietário com Comércio de Fazendas e Drogas.

Certifico que estando doente em 1844 gravemente o meu sobrinho Ciro Prenciano de Almeida Veloso em minha Loja se aviou mesmo por minhas mãos a receita de um vomitório que na sua moléstia lhe receitou o Sr. Dr. João José Barbosa de Oliveira, cujo vomitório foi de Ipecacuanha em pó, doze grãos divididos em seis papelinhos de dois grãos cada um, assim como mais várias garrafas de cosimentos, tónicos que lhe foram pelo mesmo Sr. receitadas sendo o dito vomitório químico que tomou em sua moléstia o meu sobrinho não tendo tomado mais que dois dos referidos papelinhos, no dia em que se vomitou. O que é verdade e jurarei êste dou por me ser pedido pelo mesmo Sr. de minha letra e firma. Caravelas, 23 de novembro de 1846. *Hermenegildo Neves de Almeida* — 1846.

*

DOC. II

Tendo nomeado V.M.^{ce} para dirigir um pôsto sanitário entre a ladeira de S. Bento e a rua dos Capitães, percebendo a gratificação, que lhe marcará esta Presidência, assim lho vou comunicar, esperando que se preste igualmente, e com urgência a obter, ou indicar a casa, em que êle deve ser estabelecido, e se encarregar de o montar, nomeando os enfermeiros necessários, e recebendo desta Presidência a ambulância, e utensílios para o serviço do mesmo.

Deus guarde a V.M.^{ce}.

Palácio do Gov.^o da Bahia, 28 de agôsto de 1855. —
Alvaro Tibério de Moncorvo e Lima.

Sr. Dr. João José Barbosa d'Oliveira.

DOC. III

Fazendo-se preciso que na Cidade de Santo Amaro haja um maior número de Médicos para acudir aos doentes ali atacados da epidemia reinante em avultada quantidade, e não podendo ser satisfeita essa necessidade somente com aquêles sôbre que exerce o Govêrno uma ação imediata em razão da posição official que occupam, vou convidar a V. S. para que em desempenho dos deveres de sua nobre profissão haja de dirigir-se para o referido fim àquella Cidade; prevenindo-o de que sua partida, deve ter lugar de hoje até amanhã, e bem assim que por esta Presidência lhe será fornecido o que for por V. S. requisitado para o bom desempenho da comissão de que é incumbido.

Deus Guarde a V. S. Palácio do Govêrno da Bahia, 5 de setembro de 1855. — *Alvaro Tibério de Moncorvo e Lima.*

*

Sr. Dr. João José Barbosa d'Oliveira.

DOC. IV

Tenho por conveniente prevenir a Vm.^{ce} de que os escravos admissiveis nos postos sanitários, são unicamente aquêles que forem atacados nas ruas, os quais devem ser remetidos a seus Senhores logo que não haja mais perigo, e de maneira alguma quaisquer outros que os Senhores queiram afastar de suas casas, e para cujo tratamento devem êles providenciar por outra forma.

Outrossim recomendo a Vm.^{ce} que não deixe retirar dos lugares em que residirem os moribundos para irem somente falecer no pôsto sanitário que dirige.

Deus Guarde a V. M. Palácio do Govêrno da Bahia, 4 de setembro de 1855. — *Alvaro Tibério de Moncorvo e Lima.*

*

Sr. Dr. João José Barbosa d'Oliveira.

DOC. V

Ilm. Sr. Jerônimo Felisberto.

Careço que V. S., em obséquio à verdade, me responda ao pé desta o que souber, e o que tiver presenciado

a meu respeito, como médico, durante a actual epidemia, quer em relação a sua rua, quer no tocante à esse horrível beco de *Escorregão*, sobre o qual está a sua morada.

Sou, com estima

Seu mtº afº amº e atº
O médico *J. J. Barbosa de Oliveira*

*

24 de 7brº 1855

Ilm.º Sr. Dr. J.º José Barbosa d'Oliveira.

Em abono da verdade cumpre-me dizer, que sei haver-se V. S. inúmeras vezes prestado, a diversos chamados de pessoas moradoras nesta rua, e principalmente do beco do *Escorregão*, afim de como Médico acudir a individuos atacados da epidemia reinante; tendo-o sido várias vezes por mim, para pessoas minhas conhecidas, a quem incansavelmente, e com grande caridade socorreu V. S. a qualquer hora do dia e da noite.

Sou de V. S. com muita estima

At.º Am.º e Obrg.º
Jerônimo Felisberto Vieira de Cerqª.

*

DOC. VI

Ilmo. Sr. Major Nicoláu Carneiro.

Preciso que V. S. em obséquio somente à verdade, me diga, aqui mesmo, o que sabe de meu procedimento médico, nesta Freguezia da Sé, ao menos em relação à rua do Saboeiro, e adjacentes, onde sua Família e parentes muitas vezes me têm visto outrossim, se na voz desse povo à que me prestei a toda a hora do dia e noite, eu não passei por muito feliz, nesta época de tantos infortúnios.

Espero que V. S. não recusará o seu valioso testemunho à verdade.

24 de 7brº 1855.

Jo Jo Barboza de Oliveira.

*

Ilmo. Sr.

Em resposta a seu pedido afirmo que V. S. na Rua do Saboeiro próximo a minha habitação, tratou de pessoas atacadas da Epidemia com proveito, tendo salvo algumas, também soube que V. S. se prestara prontamente a ver os doentes atacados da mesma Epidemia

visitando os próprios muitas vezes no dia. E' o que tenho a responder a seu pedido na carta junta e amor a verdade. Disponha V. S. sempre do

Seu Am.^o Cr.^o Obr.^o
Nicolau Carn.^o da Cunha.

*

25 de 7br.^o de 1855.

DOC. VII

II. Sr. Dr. Ascânio Ferraz da Mota.

Como colega, vizinho, e subdelegado que foi V. S., me responda, ao pé desta, se durante a epidemia não sabe que eu prestei os meus serviços médicos à tôda a gente, que mos pediu; se não sabe que, dos médicos da nossa Freguezia, foi um dos mais prontos, muito sobrecarregado, e dos mais felizes.

Outrossim, se, na divisão de ruas que nos deviam caber para o trabalho, a rua dos Capitães, que fica numa das frentes da minha morada, não tocou à V. S.

Espero da sua bondade e amor à verdade o seu testemunho, tão precioso para mim.

Seu colega e amigo

J. J. Barboza de Oliveira.

*

23 de 7br.^o 1855.

Ilmo. Sr. Dr.

Satisfazendo ao que V. S. exige de mim, direi, que quando exerci a função de Subdelegado desta Freguezia recebi algumas participações de Inspetores, em que me notificavam fatos novos da epidemia, aparecido em seus Quarteirões; referindo ao mesmo tempo, que estavam os doentes medicados por V. S.; e portanto, não só por isso, como atendendo aos princípios, que V. S. professa, estou convencido, que V. S. tem prestado seus serviços médicos a quantos o tem procurado; sendo assim muito pronto e muito sobrecarregado; parecendo-me, que deverá ter sido muito feliz com seus doentes; pois reconheço seus talentos e estudos.

A outra parte de sua carta responderei, que na divisão das ruas pelos médicos nomeados tocou-me a dos Capitães em que ambos moramos; devendo porém acrescentar que semelhante distribuição não passou do papel; pois que desde que ela se fez tenho sido sempre procurado por pessoas de ruas, que me não pertenciam, e às quais tenho acudido constantemente.

Para o que fôr de suas ordens pode contar com o pequeno préstimo de quem é

De V. S. am.^o e Colega
Ascânio Ferraz da Mota

*

24 de Set.^o 1855.

DOC. VIII

Am.^o Sr. Inácio José da Cunha.

Faça-me o favor de dizer, aqui mesmo, se durante esta epidemia, eu, tantas vêzes, não o incomodei encarregando-lhe visitas de doentes meus, à tôda a hora do dia e noite, quer por afadigado de trabalho, quer por me ser impossível acudir ao mesmo tempo a doentes de importância, que deviam ser examinados e medicados, segundo as indicações rápidas que nesta epidemia se apresentam dentro em horas.

E o mais que a V. S. constar a respeito de meu procedimento médico, nesta calamidade atual, é favor à verdade, também declará-lo aqui.

Seu amigo

O Dr. Barboza de Oliveira.

*

24 de 7br.^o 1855.

Ilmo. Sr. Dr. Barbosa.

Por amor à verdade que exige, devo responder-lhe: que do número não pequeno de doentes, que durante esta epidemia, tenho visitado, da maior parte dêles fui encarregado por V. S. para examinando-os, dar simplesmente meu juízo, ora para freqüentemente visitá-los, (pois que é o que V. S. sempre tem seguido, numa moléstia em que a visita repetida do médico é uma condição indispensável ao bom êxito do tratamento) já por que outros de maior perigo reclamavam a sua assistência, já por que não podia devidir o seu tempo de sorte que acudisse a todos.

Que para êste mister fui incumbido, por muitas vêzes, quer de dia, quer de noite, ou vocalmente, ou por bilhetes seus, que conservo ainda; especialmente em três ocasiões, em que a moléstia o deteve em casa, uma das quais foi meu entender serem pródromos da epidemia: outrossim, que posso dar a lista nominal dêsses doentes, suas moradas, horas em que fui vê-los, circunstâncias da moléstia, e do tratamento, etc., pois de tudo conservo nota.

Admiro-me muito de que o que foi testemunhado por esta Cidade, especialmente pelo Freguezia da Sé, à vista de tantos médicos, quer quanto ao seu prestar assíduo e dedicadíssimo, quer quanto ao êxito feliz de seus curativos, possa ser objeto da dúvida; por motivo da qual estas cousas afirma aquêlê que muito presa a sua reputação, e a verdade de minhas palavras, e que é

De V. S. Amigo obr.º
Inácio José da Cunha.

*

24 de 7br.º de 1855.

DOC. IX

Bahia 29 de Maio 1870

Meu querido Filho do C.

Tenho recebido, uma após outra, com intervalos mto curtos, três cartas tuas — a de 18 do p., a de 23 q. chegou primeiro, e a última, dêste mês — 17.

A presente dá-me conta do emprêgo de 170\$000, extraordrº que tomaste em Março pª livros. Fico disto inteirado bem como das providências q. devo tomar para obter a coleção do Delgado — 9 vol. q. abrangem a legislação de 1750 a 1820.

Nela me participas, também, q. tua nevralgia se declarou reumatismo, do q., felizmente, como vejo da última, estás livre.

A de 23, de 3 fôlhas de pªl de pêso, grande, contendo 9 páginas escritas, é um longo *desabafo* teu, à q. com muito poucas palavras respondo. Doeui-te q. teu pai te escrevesse com certa energia à propósito do teu discurso no comício ao povo, e da continuação de tuas manifestações radicais.

Faze primeiro idéia do susto, da aflicção q. padeci ouvindo nas not.ªs, q. mais de uma pessoa, dêsse fatos teus públicos, q., meu filho, me preocupam — por q. (tenho dolorosíssima experiência) êles podem armar contra ti, ao principiaries a carreira, produzir ódios, produzindo a penúria, a pobreza, a luta desesperada — coissas estas tôdas q. eu quizeria q. Deus afastasse de ti, à custa do quer q. fôsse q. lhe aprouvesse despejar sôbre mim. Não te quero hipócrita, não te quero sem o sentimento do teu século, não te quero inimigo das liberdades modernas; mas quero-te prudente. És menino, és filho família, não estavas na malícia política — por q. manifestar, e com o ardor do entusiasmo agressivo,

opiniões ainda não maduras entre nós, em q. aparecerão mais tarde, mais autorizadas? Meu filho, isto é tão errado q. ninguém, nem ainda os radicais mais adiantados, t'aprovarão. Ora eu, pai muito amigo, tenho a ambição de querer q. todos te aprovem, te aplaudam sempre e em tudo.

Expondo-me a tua teoria educativa, me significas q. a persuasão convence mais do q. o ridículo. E assim é — mas repara q., quando se tem esgotado os meios suasórios, os empenhos e até os pedidos, a um pai, a um amigo superior fica o direito, vendo faltar-se-lhe até à promessa, o direito de vingar-se assim. E às vêzes Deus sabe como êsse escárneo é mais o éco de uma dor pungentíssima do que um instrumento de punição, um castigo ao impostor. Dize, em tua consciência — achas que eu antes não tinha empregado mil conselhos? Logo como te queres defender, acusando-me de ir logo às do cabo? Não tens razão — teu pai fez o que só lhe restava.

Também te incomodaste por q. notei em ti desejos de parecer mais adiantado em política do q. eu.

E a esta resposta me lembras q. os filhos podem (e até devem) saber mais q. os pais — e que, em todo caso, não têm culpa das idéias q. possuem, e q. não devem esconder enquanto os pais lh'as não arrancam à poder de convencimento.

Louvo-te a franqueza q. todo êsse teu periodo me revela. Nem te levo à mal isso, nem o maior adiantamento em que te supunhas estar, em relação à mim, em sistema político, em crenças liberais. Folgo muito de q. m^a educação nem te permita a hipocrisia, nem te comprimisse os vãos intelectuais, arrojados além da esfera paterna. Mas, meu Amigo, uma coisa é o nosso dogma íntimo, o nosso almejo teórico, e outra é o proceder regrado, acanhado até, no mundo em q. vivemos, p^a q. possamos ser úteis aos nossos contemporâneos.

Isto é q. é a política — que é tôda experimental — acomodada aos homens de então, à atmosfera da ocasião. *Cavour* começou como acabou? Não! Ele escondia cuidadosamente, no principio do seu govêrno, por q. a Itália não podia mais todos êsses altos desejos que só foi manifestando à medida do terreno, q. havia ganhado, ou ia ganhando.

Emílio Olivier o q. representa hoje em França? Representa o verdadeiro político — reprime os intutos, q. lhe supponho tão democráticos como os de Gambetta — p^a ir fundando, porém, o que por ora é fundável. Os mais,

meu filho, são profetas, são apóstolos, políticos, não. Ora é aqui, é neste terreno prático q. eu não posso crer-te mais adiantado q. eu. Mas se eu, contudo isto, bem que nunca tivesse pai para guiar-me, marco o passo, lucrei só os apertos domésticos, no último quartel de vida, — como é q. posso ver, sem tremer, sem censurar-te, os arrojos da índole entusiástica qdº prevejo q. queres a carreira política? Quando sabendo qto. a realidade nos modifica aí — por que homens não se manejam senão indo com eles até certo ponto — calculo q. queres mais tarde ser apontado, à semelhança dos maiores conservadores, como em grande república, antigo, a servir à monarquia — o q. para mim é sempre de certo efeito pouco airoso.

Afinal, bem pode ser q. eu esteja enganado, em tudo isto; mas como as minhas intenções são tão puras, embora possa parecer o meu *sistema infeliz*, eu continuarei nele. Ouvirás de mim o voto, mais ou menos acre, conf.º a sensação do momento, tôdas as vêzes q. eu não concorde contigo; por q. meu fim é que sejas um homem perfeito, muito superior a teu pai em tudo. E, sobretudo, desejo ver-te feliz, ver-te sem os espinhos, q. nunca me tem deixado, e a q. cuido ter podido resistir somente — por que Deus bem vê q. eu busco ser um pai de família extremoso, devotado.

Terminarei esta resp.^{ta} dizendo, q., se o queres saber de mim, q. não estou enfadado contigo. Basta-te isto Agora a tua última.

Vejo dela q. és um homem desconfiadíssimo — ainda com teu pai: o q. não pressinto pela 1.^a vez.

Não vi como entendeste o q. te escrevi à respeito de teu sofrimento nervoso; o certo é q., por isso só de tua inteligência *desconfiada*, me supões falta de confiança em ti, e pouco certo do teu comportamento moral.

Seja injustiça tua ou não, declaro-te formalmente, q. se o teu maior desejo é visto merecer a maior confiança, te debes ter o espírito muito tranquilo, por que tenho pelo teu proceder moral som.^{te} a mais profunda satisfação: até hoje ainda não duvídel de q. sejas um moço mt.º moralizado. Eu o digo à todos com êsse prazer, q. é a recompensa do pai q. ama — e tu m.^{mo} debes tê-lo conhecido em todos os meus passos para contigo.

Mas, daí não se segue q. te suponha não homem, não frágil — não capaz de padecimento de moléstia física daquelas q. às vêzes exigem som.^{te} do exercício, ainda moderado, das funções do sexo. E daí me resulta obrigação de aconselhar, de chamar a tua atenção, visto

como tôdas as naturezas não são igualmente robustas, igualmente refratárias, igualmente felizes: a precaução e moderação são o único salvo-conduto contra êsses naufrágios possíveis.

Torna, portanto, a ler a minha carta q. te amargurou, e verás agora q. nem por sombra te chamei de vicioso.

Não! se nunca sou injusto — intencionalmente com os inimigos, qt.º mais contigo, q. tenho em mt.ª conta — que te devo a justiça desta declaração? Segue, pois, a regra de tomar sempre à melhor parte o q. te eu disser, ainda qd.º a frase se preste à outro sentido. Se fizeres assim sempre, como te digo, não me punirás, como agora, atribuindo-me coisa tão fora de meu espírito, q., se assim fôra, bem desgraçado eu seria por que um filho vicioso é o flagelo do pai.

Estimo mt.º q. Albino se convencesse de que sua carta se estraviara, e q. portanto não fôste grosseiro com êle. E neste ponto houve outra queixa tua, também proveniente de me leres sempre à luz do teu *gênio desconfiado*. Não te apelidei grosseiro, pedi-te q. evitasses merecer essa qualificação. Bem vês q. são coisas diversas.

Fizeste bem no q. praticaste com Albino e família, indo vê-los à estação: êles merecem-nos mt.º.

Escreve ao Zuza. Escreve ao Saraiva, dando-lhes as boas vindas e desejando-lhe saúde e forças para continuar no brilhante desempenho da sua nobre missão.

Eu continuo com saúde, bem como todos os de casa, q. te mandam lembranças e abraços, enquanto te

Aqui falam sempre em ti os nossos Amigos.

Continuo, como posso, com as obras da Plataforma. Espero q. em Julho lá estaremos, embora não acabada ainda a casa: isto é urgentíssimo.

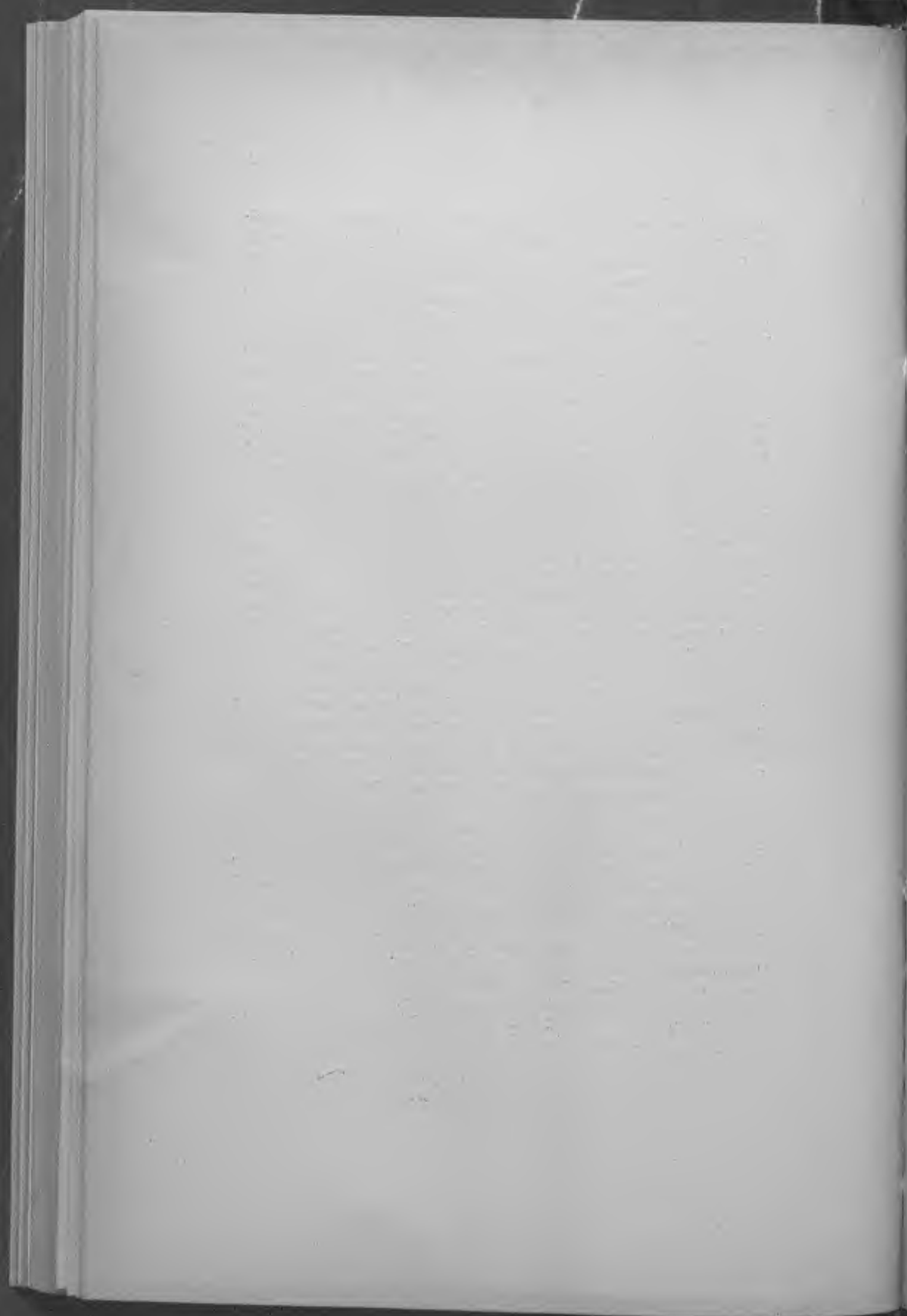
O Moura está doente dos intestinos, no Sipó, no lugar de banhos no Itapicurú. Escreve-lhe dizendo-lhe q. sentes a notícia, e lhe desejás um rápido e esperado melhoramento.

Dize-me em Junho qt.º ao todo, terás tomado ao Compadre, e qt.º suporás preciso tomar até Agôsto, q. é qd.º êle deve mandar cobrar-se.

Entrega as inclusas, prontamente.

Como vamos de Alemão, e pois quando de piano?... Adeus, Deus te abençõe.

Teu pai, pelo C.
João B.



PARECER



PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DE MEDICINA

PARECER

ORA não há mesmo que discutir senão louvar o presente trabalho, uma profunda monografia, de Ordival Gomes sobre o Doutor João José Barbosa de Oliveira, médico eminente do século passado, que além de outros méritos apresenta ainda, mérito e honra, de haver sido pai de Rui Barbosa.

Lemos cuidadosa e atenciosamente tôdas as 90 páginas dactilografadas do grande e erudito trabalho de Ordival Gomes.

Lemos e meditamos. Sim, meditamos sobre a longa digressão fundamentada e erudita desta monografia evidentemente a nosso ver, a mais bem traçada sobre o ilustre esculápio baiano. Logo pelo claro e elevado desdobramento do trabalho, o que vale esclarecer, pela sua planificação, pelos argumentos expostos, pelas razões evocadas, pelas deduções tiradas, pelo brilho estilístico somos pela sua aprovação e inclusão nos Anais deste Congresso.

Rio de Janeiro, 17 de julho de 1951.

Alberto Silva — Relator
Arnaldo Amado Ferreira
Tarso Vieira de Faria
Dr. Raimundo A. Batista da Rocha
Nelson Seligman
Olavo Martins

APROVADO



BIBLIOGRAFIA

- AUBER (T. C. E.) — *Institutions d'Hippocrates* — G. Bailliére Ed., Paris 1864.
- AMARAL (Brás do) — *História da Bahia do Império à República* — Imp. Oficial — Bahia, 1923.
- BACHALET — *Dictionaire de Biographie d'Histoire, de Géographie des Antiquités et des Institutions* — Paris, 1888.
- BARBOSA (Rui) — *Mocidade e Exílio* — Anot. por Américo Jacobina Lacombe — Ed. do Centenário — Vol. Bras. — Comp. Edit. Nac. — S. Paulo, 1949.
- BARBOSA (Rui) — *Visita à Terra Natal — Discursos Parlamentares* — [Obras Completas — Vol. XX, 1893 — T. I. — Minist. da Educ. e Saúde—] Rio, 1949.
- BARBOSA (Rui) — *Reforma do Ensino Primário* — [Obras completas — Vol. X — Tomos I, II e III — Ministério da Educ. e Saúde]. Rio, 1947.
- BARBOSA DE OLIVEIRA (Cons. Albino José) — *Memórias de um Magistrado do Império* — Revista e anotada por Américo Jacobina Lacombe — Col. Bras. — Comp. Ed. Nac. — S. Paulo, 1943.
- BARBOSA DE OLIVEIRA (J. J.) — *As Prisões do País. O Sistema Penitenciário ou Higiene Penal* — Tese de Doutoramento — Tip. L. A. Portela e Cia. — Bahia, 1843.
- BARBOSA DE OLIVEIRA (J. J.) — *Qual a razão porque a natureza não deu às artérias cerebrais o mesmo grau de elasticidade que às demais?* — Tese de Concurso — Tip. Guaicuru — Bahia, 1846.
- BARBOSA DE OLIVEIRA (J. J.) — *Sistema Penitenciário. Relatório feito em nome da Comissão etc.* — Tip. J. G. Bezerra e Cia. — Bahia, 1847.
- BARBOSA DE OLIVEIRA (J. J.) — *O que seja a doença e quais as considerações sobre a sua sede, em geral?* Arquivo Médico Brasileiro — T. II, n. 9 — 230-234, 1846.

- BARBOSA DE OLIVEIRA (J. J.) — *Relatório sobre a Instrução Pública da Província da Bahia* — Bahia, 1858.
- BARBOSA DE OLIVEIRA (J. J.) — *Relatório sobre a Instrução Pública da Província da Bahia* — em 1861 — Bahia, 1861.
- BARBOSA DE OLIVEIRA (J. J.) — *Instrução e programa para a construção das Casas de Detenção e Justiça mandado publicar pelo Ministério do Interior da França*, oferecido ao seu amigo Dr. João José Barbosa de Oliveira... etc. — Tip. Americana — Rio, 1847.
- BERARDINELLI (Waldemar) — *Biotipologia* — Liv. Francisco Alves — Ed. Rio, 1936.
- BLAKE (Sacramento) — *Dicionário Bibliográfico Brasileiro* — Vol. III — Imprensa Nacional — Rio, 1885.
- BOINET (E.) — *Les Doctrines Médicales* — E. Flammarion — Ed. Paris s/d.
- BON (Henri) — *Medicina Católica* — Trad. Esp. — Ed. Fax — Madrid, 1940.
- BOUILLET (J.) — *Précis d'Histoire de la Médecine* — Marcel Rivière — Ed. Paris, 1883.
- CALMON (Pedro) — *História de Castro Alves* — Liv. José Olímpio — Ed. Rio, 1947.
- CALMON (Pedro) — *História do Brasil — O Império* — Vol. 4.^o — Col. Bras. Comp. Edit. Nac. — São Paulo, 1947.
- CALMON (Pedro) — *História da Literatura Bahiana* — Publicação da Prefeitura da Cidade do Salvador — Comem. do IV Centenário da Cidade, 1949.
- CASTIGLIONI (A.) — *Histoire de la Médecine* — Trad. Franc. — Ed. Payot — Paris, 1931.
- CONI (A. Caldas) — *O Gênio que escapou de Herodes* — [A Tarde, edição comemorativa do centenário de Rui Barbosa] — Bahia, 5-11-49.
- DAREMBERG (C.) — *Histoire des sciences médicales* — J. B. Baillière — Ed. Paris, 1870.
- DELORE (Pierre) — *Tendances de la médecine contemporaine* — Masson & Cia. — Ed. Paris, 1936.
- DELORE (Pierre) — *Introduction à la médecine de l'homme en santé et de l'homme malade* — Masson & Cie. — Ed. Paris, 1944.
- FARIAS (Gelásio de Abreu) e MENESES (Francisco da Conceição) — *Memória Histórica do Ensino Secundário Oficial na Bahia* — Imp. Of. Bahia, 1937.

- FONSECA (Luís Anselmo da) — *Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia*, 1851 — Tip. do Diário da Bahia, 1893.
- FRANCA (Alípio) — *Memória Histórica*, 1836/1936 — Imp. Of. Bahia, 1936.
- GOMES (Ordival Cassiano) — *José Correia Picanço* — Sep. de At. Terapêuticas — Rio, 1946.
- GOMES (Ordival Cassiano) — *Antônio José Alves* — pai de Castro Alves — Rev. do Inst. Hist. e Geog. Bras. — Vol. 194, pág. 39 a 70, 1947.
- GOMES (Ordival Cassiano) — *Fundação do Ensino Médico no Brasil* — José Correia Picanço. Trabalho apresentado ao 1.º Congresso de História da Bahia, 1949.
- HALLÉ (Noel) — *Éléments de Philosophie Médicale* — Marcel Rivière — Ed. Paris, 1926.
- JUNG (C. G.) — *Tipos psicológicos* — Trad. esp. — Ed. Sur — Buenos Aires s/d.
- MAGALHÃES (Fernando) — *O Centenário da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro* — Tip. Barthel — Rio, 1932.
- MARTINY — *Nouvel Hippocratisme* — [in *Médecine officielle et Médecines hérétiques*] — Plon Ed. Paris, 1946.
- MATTOS (Waldemar) — *A Bahia de Castro Alves* — Inst. Progr. Ed. — S. Paulo, 1948.
- MOACYR (Primitivo) — *A Instrução Pública e o Império* — Vol. II — Col. Bras. — Comp. Ed. Nac. — S. Paulo, 1937.
- MONIZ (Gonçalo) — *Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia*, 1924 — Edit. pelo Min. Educ. e Saúde, 1924
- NABUCO (Joaquim) — *Um Estadista do Império* — Toms I e II — Comp. Ed. Nac. — São Paulo, 1936.
- NIELSEN (H.) — *Le Principe Vital* — Lib. Hachette — Paris, s/d.
- NOVIS (Aristides) — *Medicina na Bahia* — *Flagrantes de suas Evolução* — [in *Medicina no Brasil*. — Organizado por Leonídio Ribeiro p/ o Centenário de Portugal, 1940].
- NASCIMENTO (Alfredo) — *Faculdades de Medicina* — [Sep. dos Anais do 3.º Congresso de Hist. Nacional — Imp. Nac. — Rio, 1942].
- NASCIMENTO (Alfredo) — *Quatro séculos de medicina no Brasil* — Jornal do Comércio — Rio, 1-10-1927 — Ed. Com. do centenário deste Jornal.
- NOGUEIRA (Rubem) — *O Advogado Rui Barbosa* — Gráfica Olímpica — Ed. Rio, 1949.

- ORNELLAS (Archimino) — *A infância de Rui Barbosa na Bahia* — A Tarde — Ed. Comem. do centenário de Rui Barbosa, 1949.
- PAZZINI (A) — *História della Medicina* — Vol. II — Soc. Ed. Lib. Milão, 1947.
- PEIXOTO (Afrânio) — *Poeira da Estrada* — Ensaios de Crítica e História — Liv. Franc. Alves, Ed. — Rio, 1923.
- PENDE (Nicola) — *La ciencia moderna de la persona humana* — Trad. esp. Alfa Edit. — Buenos Aires, 1946.
- PEREIRA (Antônio Pacifico) — *Memória sobre a Medicina na Bahia* — Imp. Of. — Bahia, 1923.
- PINHO (Wanderley) — *A cólera morbus de 1855. O papel de Cipriano Betâmio* — [Rev. Inst. Hist. Geog. da Bahia — 46 — 141/153 — 1920].
- PINHO (Wanderley) — *Cotegipe e seu tempo* (Primeira fase) — Col. Bras. Comp. Edit. Nac. — S. Paulo, 1937.
- SANTOS FILHO (Licurgo) — *História da Medicina no Brasil* — T. I — Ed. Bras. — S. Paulo, 1947.
- SEIXAS (Domingos Rodrigues) — *Do Cólera Morbus Epidêmico em 1855 na Província da Bahia* — Bahia, 1859.
- SEIXAS (Domingos Rodrigues) — *Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia, 1862* — Tip. Pongetti — Bahia, 1863.
- VIANA FILHO (Luís) — *A Sabinada* (A República Bahiana de 1837) — Col. Doc. Bras. — Liv. José Olímpio — Ed. Rio, 1938.
- VIANA FILHO (Luís) — *A Vida de Rui Barbosa* — Comp. Ed. Nac. — S. Paulo, 1941.
- VIANA FILHO (Luís) — *Rui e Nabuco* — Col. Doc. Bras. — Liv. José Olímpio Ed. Rio, 1949.

ÍNDICE

O Ensino Médico na Bahia	7
Os Primeiros Anos	11
O Estudante de Medicina	19
A Tese de Doutorado	25
O Concurso	61
A Política	85
Decepções — A Epidemia	93
Na Diretoria Geral do Ensino	103
Na Câmara dos Deputados	113
A Indústria — Pai e Filho	121
O Fim	135
Documentos	143
Parecer	157
Bibliografia	159

Este livro foi composto e impresso nas oficinas da
Gráfica Olímpica Editora — Luiz Franco — à rua
Visc. do Rio Branco, 33 - Rio - em outubro de 1951.

